revista | série de psicanálise

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018 - ISSN 2675-7745

ESPAÇO MOEBIUS PSICANÁLISE

Revista TOPOS, V. 15 / Ano 2018 - ISSN 2675-7745

Designer gráfico: João Paulo Ferreira

Revisão: Dayane Nascimento Sobreira

CORPO EDITORIAL

Comissão Editorial:

Claudia Mascarenhas Fernandes (Coordenação)

Denise Carvalho Barbosa

Rosana Velloso

Maria Fernanda Diniz

Lorena Reis

Conselho Editorial

Aurélio Souza

Cláudia Mascarenhas

Denise Carvalho Barbosa

Letícia Patriota

Liane Trece

Luiz Alberto Tavares

Sandra Pedreira

Espaço Moebius Psicanálise

Av. Antônio Carlos Magalhães, 811- sala 1304 – Ed. Joventino Silva

Itaigara, Salvador, Bahia, Brasil – CEP 41825-000

E-mail: topos.espacomoebius@gmail.com

Telefone: +55 (71) 3358-2051

http://www.espacomoebius.com.br/revistatopos

"Eu sempre falo a verdade. Não toda a verdade, porque não há como dizer tudo. Dizer tudo é literalmente impossível: as palavras falham. No entanto, é através dessa impossibilidade que a verdade se agarra ao Real"
(Jacques Lacan).

A Revista TOPOS digital é mais uma maneira do analista transmitir a Psicanálise.

Comissão Editorial

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 04
CLÁUDIA MASCARENHAS

EDITORIAL 05
DENISE CARVALHO BARBOSA

SE FAZER HOMEM OU SE FAZER MULHER 08
AURÉLIO SOUZA

A ÉTICA DA PSICANÁLISE, UM ESBOÇO PARA UMA ESTÉTICA 16
SANDRA PEDREIRA

SEXUALIDADE – PULSÃO – CONTINGÊNCIA 20
CARLOS PINTO CORRÊA

O PARLÊTRE E A SEXUAÇÃO 25
ROSANA VELLOSO

O SUJEITO MELANCÓLICO EM ANÁLISE 30
MARIA FERNANDA DINIZ

MANIFESTAÇÕES MELANCÓLICAS 36
LIANE TRECE

FORMAS E ESTRUTURA DO TRAUMATISMO PSÍQUICO 43
THATYANA PITAVY

POR ONDE CAMINHA O SUJEITO? ENTRE TRAÇOS, RASTROS, SIGNIFICANTES 48
LORENA DE ASSIS REIS

NOVOS DISCURSOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO DO CAPITALISTA E O DISCURSO DO a-VICIADO 54
SÔNIA RAQUEL OLIVEIRA

CARTA ABERTA A UM EX-ANALISTA: (SOBRE FINAL DE ANÁLISE) 59
ELIECIM FIDELIS

DOS ANOS 70 AOS 70 ANOS – UMA HISTÓRIA 62
ELIANE MARIA VASCONCELOS DO NASCIMENTO

O OVO DA SERPENTE 69
MÔNICA PORTUGAL

CIENCIA ◊ IDEOLOGÍA: UNA CUESTIÓN LÓGICO-FANTASMÁTICA 74
DENISE CARVALHO BARBOSA

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO 80

LINKS

APRESENTAÇÃO

CORPO EDITORIAL

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

ENDEREÇO DE CONTATO

EDIÇÃO ATUAL

EDIÇÕES ANTERIORES

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

APRESENTAÇÃO DA REVISTA TOPOS

Story Blocks

O espaço virtual que nos parece tão familiar atualmente, nesse tempo "pós invenção da internet", é também um espaço sem bordas, sem dimensões, e que subverte a episteme das relações humanas. É nesse espaço virtual que o Espaço Moebius Psicanálise vai inaugurar mais uma vez sua inserção subversiva: a publicação da nossa Revista TOPOS, publicada em formato impresso pela primeira vez no ano de 1990, em Salvador, Bahia, e agora lançada em formato digital.

É sabido que o nome do Espaço Moebius tem inspiração na topologia lacaniana. E sobre os efeitos dessa nomeação, seguindo as propriedades da fita de Moebius, temos, para além da ideia de não distinção das bordas, a noção de transformação: cortando-a ao longo do centro, produz-se uma fita com duas reviravoltas ao invés de duas fitas, que não será fita de Moebius. Se cortada ao longo de um terço do caminho, criam-se duas fitas em torno de si: uma que será fita de Moebius, a outra será uma fita com duas reviravoltas. Outras análogas fitas podem ser obtidas da mesma forma se juntar fitas com duas ou mais meias-voltas, em vez de uma. Por exemplo, uma fita com três meias-voltas, quando dividida longitudinalmente, torna-se um trançado de fitas amarradas em um trevo de nó, e assim sucessivamente, o que nos fala das fronteiras e bordas.

Considero necessário resgatar a ideia de que o lugar criado por Freud para a psicanálise foi o da subversão, em Lacan retomado como subversão do sujeito. É nessa mesma direção que o Espaço Moebius se lança na publicação de uma revista na internet, para ampliar, como instituição psicanalítica, o espaço da formação permanente. Sendo o Espaço Moebius um lugar de formação de analistas, a partir dos fundamentos de Freud e de Lacan, aberto às fronteiras, disposto às voltas da transmissão da psicanálise, a revista TOPOS virtual mantém de modo criativo e insistente esses mesmos propósitos, nesse outro espaço que também trabalha com a subversão das fronteiras, sem fim nem início, um TOPOS de transmissão também, em forma de revista.

Convido todos vocês a participarem, do modo que lhes for possível, enviando trabalhos para publicações, lendo, divulgando, enfim, participando de todas essas possibilidades na transmissão da psicanálise. Compartilho com minhas colegas da comissão de publicação, com os colegas membros do Espaço Moebius e com todos os colegas do Brasil e do exterior, mais uma possibilidade de transmissão, de colaboração e de troca nesse espaço sem fronteiras e com muitas possibilidades.

Claudia Mascarenhas Fernandes
Comissão Editorial

Pedro Alban - 2018 - São Paulo (porque você é tão ocupada)

EDITORIAL

Caro leitor,

Temos o imenso prazer de convidá-lo para enveredar conosco por esse percurso que a TOPOS 15 nos propicia ao publicar temas instigantes e variados, de particular interesse para a clínica e a pesquisa; temas esses que vão, desde a teorização inspirada pelo rigor da escuta, a interrogações que testemunham a ética de uma práxis. Veremos esboçar ao longo desse caminho produções primorosas e que, diante de sua complexidade, só atestam a generosidade dos autores ao nos permitirem segui-los, de mãos dadas, pela estrada afora.

Observe, caro leitor, a nossa caminhada começa por uma encruzilhada: *Se fazer Homem ou se fazer Mulher,* nos diz AURÉLIO SOUZA, é função de cada sujeito; e isso não é trivial, e, menos ainda, natural; nesse artigo veremos o autor formular, de mancira clara, precisa e consistente, o que a psicanálise tem a dizer sobre o drama do sujeito constituído e adoecido pela linguagem; que se verá às voltas com a responsabilidade que lhe cabe de declarar, por ele mesmo e para ele mesmo, entre outros, sua posição sexuada, se inventar, se fazer Homem, ou se fazer Mulher.

Seguindo a trilha, SANDRA PEDREIRA, em seu artigo - *A ética da psicanálise, um esboço para uma estética* -, de maneira generosa, e com a delicadeza que o tema exige, nos dá um importante testemunho de uma condução clínica norteada pela est(ética), trazendo-nos questões de sabida relevância e oriundas de sua prática; a autora nos atualiza ao propor responder, com a escritura do nó borromeano, às interrogações sobre a ética e a direção da análise frente aos desafios originários de novos paradigmas criados pela contemporaneidade, para dar conta das posições sexuadas do Sujeito; questões que a levam a se perguntar sobre o estatuto mesmo do sujeito frente ao redimensionamento dos gozos imposto pela particularidade da realidade contemporânea, que se afigura como uma outra ética social.

Os meandros da *Sexualidade – Pulsão – Contingência* são percorridos pelo autor CARLOS PINTO

CORRÊA, cuja narrativa minuciosa e atrelada ao contexto histórico do conceito nos convida a uma reflexão sobre a contingência e a dimensão plural da sexualidade humana, mais além da polêmica que o tema tem suscitado ao longo dos tempos.

O parlêtre e a Sexuação, artigo de ROSANA VELLOSO, fará um belo giro filosófico pelas questões do ser, desde os pré e os pós-socráticos, até desembocar-se no que a autora denomina antifilosofia de Lacan, para dar conta da posição sexuada do sujeito

O caminho aberto por MARIA FERNANDA DINIZ, ao se deixar guiar pelo *O Sujeito melancólico em análise*, se propõe a responder sobre o que se pode esperar de uma análise empreendida por aquele cuja problemática se localiza numa catástrofe narcísica. A elegância de sua escrita, suas incursões e acuidade clínica culminam com a originalidade de um aporte teórico de particular importância para a direção da cura.

Sem pressa, e com prudência, LIANE TRECE nos inspira com o seu belo ensaio acerca das *Manifestações melancólicas*; nessa caminhada a autora levanta hipóteses fecundas ao responder, de maneira magistral, às perguntas sobre como se opera uma análise, o que decorre daí que possa promover uma mudança de posição do sujeito em relação ao gozo que o afeta.

Entretanto, no princípio, havia um buraco, o "troumatisme" e, no meio do caminho, outro buraco. THATYANA PITAVY, em seu artigo *Formas e estrutura do traumatismo psíquico*, debruça-se sobre as várias vertentes desse encontro com o Real e aborda o efeito singular produzido - em cada sujeito - pelo que ela denomina de *telescopagem*. Ilustrado por vinhetas clínicas que dão subsídios às suas reflexões, aprendemos com a autora que o traumático não leva necessariamente ao pior: o traumatismo como uma forma de tratamento.

Por onde caminha o sujeito? Entre traços, rastros, significantes... Pelo viés da identificação, LORENA DE ASSIS REIS empreenderá uma interessante jornada através de um retorno a Freud e Lacan, à procura de suas pegadas e de sua constituição.

Em seu artigo, *Novos discursos: algumas considerações sobre o discurso do capitalista e o discurso do a-viciado*, SÔNIA RAQUEL OLIVEIRA, ao fazer uma análise sobre o discurso do a-viciado, além de rastrear a origem de sua construção, extrai o essencial desse novo discurso lançando pertinentes questões e valendo-se de observações clínicas que respaldam suas proposições.

ELIECIM FIDELIS optou pela viagem através de uma instigante *Carta aberta a um ex-analista: (sobre final de análise)*; veremos que o autor, munido de um conhecimento prévio acerca desta questão ainda polêmica, respalda-se, principalmente, em Freud e Lacan, para interpelar seu interlocutor imaginário acerca da "interminabilidade" da análise. Você poderá abrir esta missiva, pois o destinatário dessas "mal traçadas linhas" pode ser você.

A viagem no tempo, *Dos anos 70 aos 70 anos – uma história*, consiste num importante memorial assinado por ELIANE MARIA VASCONCELOS DO NASCIMENTO, a quem agradecemos a generosidade de compartilhar conosco sua experiência na clínica cotidiana.

Na penúltima parada, a psicanálise vai ao cinema com MÔNICA PORTUGAL. *O ovo da serpente* - título que faz alusão ao filme de Ingmar Bergman - e o filme de Éric Vuillard, *A ordem do dia* comporão o cenário do qual a autora se servirá para entender o que se passa com a política no Brasil da atualidade. Um belo ensaio onde a coerência dos argumentos se vê respaldada pela teoria psicanalítica.

Enfim, *Ciencia ◊ Ideología: una cuestión logico-fantasmática,* de minha responsabilidade, tem como pretensão esboçar uma formalização sobre o que se pode entender por uma relação dialética que envolve esses dois termos, tomando como base o artigo de Ricouer, "Ciencia e Ideología", através de uma analogia com a fórmula lacaniana do fantasma. Um detalhe faz jus a uma breve explicação: originariamente escrito em espanhol, decidimos mantê-lo como tal para, assim, inaugurarmos uma temática e inspirarmos colegas de língua espanhola a prestigiar nossa revista, que tem como vocação avançar abrindo fronteiras.

Caminhemos!

Denise Carvalho Barbosa
Comissão Editorial

TEXTOS

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

SE FAZER HOMEM OU SE FAZER MULHER

Aurélio Souza[1]

Resumo: O Humano e, por extensão, o Sujeito, que se torna o "objeto" da Psicanálise, não nasce e nem é constituído como Homem ou Mulher. Assim, desde que há uma contaminação da linguagem, antes mesmo deste Ser-de-linguagem-e-sexo ter nascido, ou mesmo de ter sido concebido, ele perde sua condição natural e instintiva, para ser concebido como uma função, no próprio sentido da matemática. Assim, da topologia do significante à cadeia borromeana, o Sujeito submetido à presença desse significante fálico e, depois, nessa condição de artesão, além dos efeitos de discurso a que ele é submetido, ficará encarregado de declarar, por ele mesmo, - apesar de estar entre outros - qual a posição sexuada que deverá ocupar, se em um "conjunto" que contempla o gozo fálico e define o lado Homem, ou ainda, sofrendo o efeito de um gozo do Corpo, ou do Outro sexo, passando a ocupar a "classe das Mulheres". Assim, na Psicanálise, é da responsabilidade deste Ser-de-linguagem-e-sexo a posição sexuada que irá ocupar, em sua ex-sistência.

Palavras-chave: Gozo. Fórmulas da Sexuação. Metáfora Paterna. Phallus. Sujeito.

BECOMING A MAN OR BECOMING A WOMAN

Abstract: The human being and, by extension, the Subject, who becomes the "object" of psychoanalysis, is not born and he is not constituted either as a Man or as a Woman. So, since there is a contamination of the language, even before being born or before being conceived, this Being-of-language-and-sex loses his instinctive and natural condition, for being conceived as a function, in the own sense of mathematics. Thus, from the topology of the signifier to the Borromean chain , the Subject, once submitted to the presence of this phallic signifier and, then, in this artisan condition, besides suffering the effects of the speech, he will be in charge of declaring by himself which sexual position he should take, whether in a "set" that includes the phallic jouissance and defines the Man side , or suffering the effect of a jouissance of body or the Other sex, coming to occupy the "class of the Women". So, from the point of psychoanalytic view, this Being-of-language-and-sex is, himself, responsible for the sexual position that he will occupy in his ex-sistence.

Keywords: Jouissance. Formulas of sexuation. Paternal Metaphor. Phallus. Subject.

Vou aproveitar essa solicitação de um texto para a TOPOS, para tratar deste tema que nos convoca sempre em relação à prática da Psicanálise e, por extensão, com um efeito na cena social.

Diferente do animal, que tem a sorte de encontrar na natureza as regras para uma conduta harmônica do sexo, comandadas por um saber instintivo, o humano, ao ser contaminado e adoecido pela linguagem, paga seu preço.

Ao evocar aqui a estrutura da linguagem, vou considerar que ela não corresponde a essa condição simbólica que interessa aos linguistas, que se sustenta no signo e serve à teoria da comunicação; trata-se de algo que se constrói com letras e significantes, formando uma rede, que guarda uma vizinhança topológica entre seus elementos e que, ainda, se tornam solidários à polifonia. Estes elementos guardam um tipo de coexistência em que as palavras podem ser decompostas, dobradas, fletidas, curvadas e as letras, também, modificadas, combinando-se de outras maneiras, para construírem novas palavras e novos discursos. Lacan, de início, a nomeou de *"Lalangue"* (Lacan, 1971), escrita numa só palavra; aqui, num misto de tradução e transliteração, vou designá-la por *"Lalíngua"*, para evitar a ambiguidade que, no brasileiro, o significante "alíngua" possa produzir. Na sequência de seu ensino, ela veio também, a ser nomeada de *"Linguisteria"*, de *"Outro Real da linguagem"* e, ainda de *"Aslínguas"* ("L'élangues"). Lacan procurou, no curso de seu ensino, tirar consequências dessa condição estrutural.

Esse somatório de Lalíngua afeta o Humano, ou melhor, a um suposto *"Sujeito primitivo"*, antes mesmo que o corpo que irá sustentá-lo tenha nascido, ou até que ele tenha sido engendrado; uma condição que se estende, também, até depois de sua morte. Quando essa condição de linguagem através de um processo de "incorporação" contamina o *Sujeito*, isso vai determinar uma *perda* radical e irreversível em sua estrutura, uma perda que não se expressa de uma maneira empírica como uma falta disso ou daquilo, mas que determina uma *falta de Ser,* produzindo um *"Sujeito dividido"*, que tem seu *"im-mundo"* construído por palavras e frases, determinando que suas diferentes realidades sejam sempre cifradas. Ao passar por essa operação linguageira que o desnaturaliza e "adoece", o *Sujeito* sofre uma "antropia", um tipo de "negativação da carne", que se identifica à própria noção de gozo; uma condição que não está relacionada com o prazer, ou com uma baixa de tensão, mas com uma *satisfação* que está implicada ao sofrimento e a dor.

Embora essa perda inaugural vá metaforizar todas as outras perdas do *Sujeito*, ela se tornará também equivalente à metáfora de sua própria constituição, abrindo um tipo de buraco inaugural em sua ex-sistência, fundando o *campo do objeto*, na Psicanálise. Aqui, por definição, o "objeto" na Psicanálise é concebido *sem substância,* não é perceptível e não

[1]Psicanalista, membro fundador do Espaço Moebius Psicanálise.

participa da ordem de qualquer conhecimento; é um "objeto" que guarda propriedades do Real e se torna causa do desejo e ainda, um aperitivo de gozo. Todavia, mesmo que esse objeto, denotado por (a) minúsculo, se constitua como um lugar de gozo, como o inferno para o *Sujeito*, ele coloca, também, o Simbólico para se movimentar, possibilitando ao Sujeito se defender e se proteger desta condição. Mais tarde, em seu ensino, com a implicação da cadeia borromeana na Psicanálise, Lacan vai instituir uma nova posição para o *Sujeito*, ocupando este lugar de (a) e assim, o "Sujeito é o objeto", da Psicanálise.

Outro efeito essencial, ainda, produzido por esta operação linguageira sobre o *Sujeito*, é que ele ficará impossibilitado por uma condição lógica e topológica, de manter qualquer relação direta com os objetos de suas realidades. Por isso mesmo, o "objeto" que ele deseja e que tem a ilusão de tê-lo encontrado, será sempre um objeto estranho e heterogêneo, será sempre um outro objeto.

Essa operação que constitui este Ser-de-linguagem-e-sexo irá, também, disponibilizar o organismo do humano como uma superfície, como um *corpo* que vai servir de leito para que as primeiras letras e os primeiros significantes se inscrevam, produzindo "marcas na carne" (Lacan, 2008 [1967], 1966), equivalentes àquelas que são feitas com fogo, quando se ferram os animais. Marcas que passam a ter um valor de *signos de pertinência,* ou também como marcas eróticas que podem se realizar através de tatuagens, escarificações, entre outras, servindo de suporte para que o *desejo*, o desejo inconsciente possa produzir seus efeitos.

Além disso, esse *Sujeito da psicanálise*, que é uma noção contemplada pelo ensino de Lacan, não corresponde a uma pessoa, a um indivíduo ou mesmo a um Homem ou uma Mulher, como seres vivos, com sua anatomia, fisiologia e bioquímica. Ele não deve sequer ser confundido com um sujeito gramatical, um interlocutor, nem mesmo com essa instância que é identificada ao *Eu* (Moi). Com efeito, trata-se de um *Sujeito* sem substância, que não tem sexo, é sem idade e sem cor. Ele é concebido como

um *Ser mental*, adquirindo o estatuto de uma *função,* no próprio sentido matemático, que não só mantém uma disjunção com o corpo que o sustenta, como também guarda uma relação de alteridade radical com essa noção de qualquer subjetividade que se queira lhe atribuir. Embora esse *Sujeito dividido* possa ter uma presença na cena social através dos sonhos, dos atos falhos, dos chistes e do sintoma, ele só poderá ser avaliado no curso de uma *Análise em Intenção*, quando se realiza como uma *produção* de discurso, onde é representado por um determinado significante (S1), entre outros (S2).

Na construção da Psicanálise, ela foi convocada a responder sobre os caminhos que vêm determinar a relação do *Sujeito* com este vazio que o constitui, mantendo uma alteridade radical e estranha, com a própria causa de sua constituição. Além disso, ela procura mostrar os efeitos singulares causados ao *Sujeito*, por sua alienação à linguagem e as consequências que isso representa na cena social, sobretudo, em torno da distribuição dos sexos e os efeitos que isso determina em cada um.

Tendo apresentado estes elementos da Psicanálise, vou estabelecer as condições e os limites que o *Sujeito* pode utilizar, para se definir do lado *Homem* ou do lado *Mulher*, naquilo que se considera como sua "identidade sexuada". Uma condição que não obedece a uma distribuição implicada à anatomia dos sexos, no sentido do gênero Macho ou Fêmea, nem mesmo de algo que possa considerar como uma condição *natural.*

Essas duas posições sexuadas são normatizadas e distribuídas pelos tipos de gozo que o *Sujeito* experimenta, como um efeito de Lalíngua. De início, Freud elaborou, em sua teoria, essa noção do *"além do princípio do prazer",* revelando essa busca de uma *satisfação*, em que o *Sujeito* tende sempre a repetir, nos encontros faltosos com o Real, essa condição identificada como "gozo". Trata-se de uma noção herdada do Direito romano através dos significantes *- uti e frui -* que vão formar a expressão *"uso fruto".* Uma expressão que passa a designar um "direito de uso", ou melhor, um *direito de gozo*, que se opõe a um *direito de propriedade*. Assim, ao se usar de um objeto, em *uso fruto*, deve-se ter alguma prudência, deve-se fazê-lo com limites, já que não se tem um direito (jurídico) de espoliá-lo e de devastá-lo. Todavia, nem sempre esta condição é considerada.

Mas qual é o determinante para que o *Sujeito* possa declarar suas posições sexuadas, se do lado *Homem* ou do lado *Mulher,* ou mesmo de gozar do sexo? Embora existam diversas possibilidades para se responder a estas duas questões, vou tomar partido para levar isso em frente.

Em primeiro lugar, em torno da "sexualidade", a revolução produzida por Freud não foi revelar um pansexualismo da condição sexual do humano, como geralmente se pensa e se fala, mas mostrar que diferente do que acontece aos animais, a sexualidade que o afeta é precoce e não guarda qualquer harmonia ou obedece a uma condição natural, entre os seres sexuados. Por isso mesmo, quando o humano é convocado a fazer a escolha de um objeto

para compartir sua sexualidade, o que ele irá procurar não é determinado por um saber instintivo que possa produzir uma condição automática e harmônica, em suas diferentes realidades. Ele vai obedecer a uma relação variável e inespecífica, desde quando o objeto que causa seu desejo é sempre desconhecido. Não existe, portanto, qualquer condição pré-estabelecida que defina o que é o masculino e o feminino.

A Psicanálise, fundada a partir de um anti-anatomismo essencial, possibilitou que Freud elaborasse uma teoria da "sexualidade" a partir de uma *organização genital infantil*, em que a anatomia, embora de alguma maneira, participe dela, não é seu destino. Nessa elaboração de Freud, o que vou nomear, aqui, como as *"posições sexuadas"* do Homem e da Mulher, passavam a obedecer a uma idealização que levava em conta a presença de um "instrumento", de um "bem comum" que seria compartido por todos os seres sexuados e que veio a ser designado de *Phalus*; um "instrumento" que tem sido identificado, muitas vezes, de uma maneira equivocada, ao pênis. Com efeito, Freud, ainda que tenha considerado que o *Phalus* deveria ser concebido como um elemento que não guardasse qualquer relação com o órgão anatômico, presente na atividade sexual, não deixou de levá-lo em conta na bipartição dos sexos.

Lacan, no entanto, quando fez seu "retorno à Freud", não estabeleceu qualquer objeção inicial a esse falocentrismo. Todavia, logo que se aproximou do estruturalismo, transmudou essa noção do *Phalus,* passando a concebê-lo como um significante privilegiado, para funcionar como um operador fundamental da dissimetria sexual. Desta maneira, a diferença dos sexos guardava essa mesma oposição elaborada por Freud, sendo concebida a partir da presença ou da ausência do *significante do Phalus,* que se definia nos termos de uma gramática, que se enunciava através de um vel: *ou se tem o Phalus, ou não se tem o Phalus.* Dessa maneira, para *o homem, ele só é, desde que o tenha* e, em contrapartida, para a *mulher, ela só é, desde que não o tenha.*

Pouco depois, Lacan passou a criticar o caráter unívoco dessa cópula, que se expressava através do verbo ser, procurando colocar outros termos para essa diferença dos sexos. Assim, cada *Sujeito* só poderia ocupar uma posição de *Homem* ou de *Mulher* à medida que pudesse ser significado numa polaridade entre ser o Phalus ou ter o *Phalus*; uma condição que passaria a obedecer a um outro vel: ou bem "ele *é o Phalus*" ou bem *"ele tem o Phalus".*

Assim, na busca do que vou nomear de sua *identidade sexuada*, o infans deveria abandonar uma célula narcísea que se construía, desde o início de sua existência, em sua relação com o desejo da Mãe, precisando abrir mão dessa condição de ser o *Phalus imaginário* (φ) do *Outro materno*; dessa maneira, ele poderia recebê-lo, poderia tê-lo sob o estatuto de um Phalus simbólico (**Φ**), que corresponderia a um dom, a uma dádiva do Pai.

A partir dessa proposição, Lacan mesmo se afirmando freudiano, procurou ressignificar *o complexo de Édipo*, não mais como uma tragédia que havia sido imortalizada por Sófocles e que revelava histórias sexuais e hostis entre pais e filhos, mas a partir de uma leitura que fez da trilogia de Claudel, desde o seminário sobre a Transferência que ele se referiu ao *complexo de Édipo* como uma comédia, como algo tragicômico, que passava a fazer parte da ex-sistência do *Sujeito.*

Dessa maneira, a *Mãe* passou a ser considerada não mais como uma figura encarnada que fizesse parte das diferentes realidades dos filhos, mas que comparecia em relação a seu produto, como uma *função*, a função *desejo-da-Mãe.* Para a Psicanálise, desde quando o desejo é sempre inconsciente, o movimento que anima essa função *"desejo-da-Mãe",* é que, mesmo sem saber o que lhe acontece e sem poder controlar esse movimento, a Mãe busca sempre reincorporar seu produto, esse "objeto imaginário", que causa o desejo e que toma o valor de um *objeto metonímico.*

Uma condição que traz seus paradoxos, pois se o desejo que chega a ser uma questão vital para o infans, que já sustenta um *Sujeito*, se ele sofre seus efeitos sem limites ou sem prudência, isso passará a produzir uma devastação entre a *Mãe* e seu produto. Assim, o filho (a) se mantém, de uma maneira permanente, como um objeto metonímico desta função "desejo-da-Mãe", sem poder ocupar uma posição sexuada, no *"im-mundo"* simbólico aonde habita.

Quanto ao *Pai*, ele também não mais comparece no *complexo de Édipo* como um genitor, como alguém encarnado que possa engravidar sua mulher, mas como aquele que é convocado a se presentificar através de uma outra *função,* com seu *Nome*. Com efeito, não se trata de um nome patronímico, mas de um significante, *o significante Nome-do-Pai,* que numa posição equivalente ao *Phalus simbólico* (**Φ**), passa a ocupar um lugar terceiro na estrutura, funcionando como aquele que protege o bebê dessa função *"desejo-da-Mãe".*

Nessa operação que Lacan nomeou de *Metáfora Paterna*, o *Sujeito* passa a ser significado na linguagem, como um *Ser sexuado*, como um objeto equivalente a uma metáfora, do amor dos pais. Aqui, como um corolário, as relações entre pais e filhos deixam de responder a laços de sangue e passam a depender de uma condição simbólica que obedece à "Lei do Pai", isto é, à função paterna que produz essa operação que Lacan nomeou de Metáfora Paterna.

Um paradoxo, no entanto, se instala nessa operação, desde quando essa função *Nome-do-Pai* passa a produzir um duplo efeito. Atua sobre o desejo-da-Mãe, interditando as relações entre a *Mãe* e seu *produto*, mas, também, sobre o filho (a), quando vai instituir a proibição do incesto, independente de qual seja o sexo do infans. Assim, *a função paterna* vai dizer *não*, ao filho ou à filha, interditando a busca desse objeto inicial e imaginário de seu amor, que é a *Mãe.*

Duas questões, ainda, a serem consideradas. A primeira, em que a operação da *Metáfora Paterna* não exclui, mas propicia a presença de *pais encarnados.* De uma *Mãe*, em busca de reincorporar seu produto, ou mesmo de não o deixar sair de baixo de sua saia; quanto à presença de um *pai Imaginário* que passa a fazer parte das realidades dos filhos, podendo aparecer como "esbravejador, bonachão, todo poderoso, humilhado", entre outras condições

(Lacan, 1966). Ela possibilita também a presença de um *pai Simbólico* que irá participar das *hystórias* do *Sujeito,* fazendo suporte às posições geracionais, desde quando antes mesmo de ter nascido, ou de ter sido engendrado, já existem elementos que obedecem a um tempo lógico, onde o *Momento de Concluir* irá interferir no *Tempo para Compreender* e determinar o *Instante de Ver*, determinando que o *Sujeito* vá construindo a percepção que vai tendo de suas diferentes realidades.

Aqui, a questão que não para de insistir, é como este *Ser-de-linguagem-e-de-sexo* vai se fazer *Homem* ou *Mulher?* Ou mesmo, como poderá se dizer com semblante de Homem ou com semblante de Mulher? Com efeito, a partir de certo momento de seu ensino, Lacan tomando como suporte esta *função do Phalus,* elaborou quatro fórmulas que se relacionam duas a duas e que passaram a definir a posição *Homem* e a posição *Mulher*, para o *Sujeito*.

De início, o *Sujeito* obedece a uma lógica que guarda uma modalidade do *Possível* ("o que para de se inscrever") e que contempla uma proposição universal, que se enuncia como *"todo x é phi de x"* e que se matemiza nessa escritura - $\forall x \cdot \phi x$. Nessa proposição, todos os (x) são fálicos e, assim, o *Phalus* vem se constituir no predicado unário dessa função, que determina uma primeira identificação do Sujeito e que é nomeada de *"identificação ao Pai"*. Algo que se realiza tanto para o Sujeito que se sustenta num corpo de *Homem*, como num corpo de *Mulher.* Trata-se, com efeito, de uma *identificação primária* que delimita um tipo de gozo instituído pela vigência dessa lei fálica, como um gozo "fora corpo" e que só é possível sob a condição de um limite que é dado pela própria estrutura da linguagem. Uma condição que se torna equivalente à noção da *castração simbólica.*

Como se pode inferir, trata-se de uma noção diferente daquela elaborada por Freud, pois não corresponde a uma Lei instituída a partir de um mito ou de uma resolução tragicômica do *complexo de Édipo*. Essa "operação de castração" é determinada por uma alienação a esse somatório de Lalíngua, que institui um limite em relação à satisfação do corpo que sustenta o sujeito. Dessa maneira, o corpo sacrifica uma parte do gozo do Outro, do gozo do corpo do Outro, para deixá-lo circular "fora do corpo", como um gozo que se realiza através do significante do *Phalus*, como um *gozo fálico.*

Aqui, também, pode-se considerar que aquele que nasceu "macho" guarda uma adequação da anatomia a esse traço identificatório, como um atributo paterno que é o *Phalus.* No entanto, do lado daquela que nasceu fêmea, coloca-se uma questão fundamental para sua identidade sexuada, pois falta um termo adequado entre sua anatomia e essa identificação paterna. Até mesmo quando se considera a possibilidade de uma identificação precoce da menina à Mãe, é algo que deve ser olhado com alguma prudência, pois a *Mãe,* de início, é sempre fálica para ambos os sexos.

Essa condição, portanto, determina num primeiro momento, a falta de uma Mulher que possa ser tomada como referência identificatória para a filha e, assim, não se pode considerar de uma maneira linear e harmônica, a transmissão da feminilidade, nem mesmo de uma identificação pura e simples da Mãe para a filha. Uma condição que irá possibilitar um número múltiplo de identificações em sua ex-sistência.

Lacan, ainda para formalizar as *"fórmulas da sexuação",* fez uma aproximação à lógica clássica, embora acrescentando sua parte. Mesmo assegurando que – *"todo x é phi de x"* – essa proposição *universal afirmativa* não traz um valor de existência para o *Sujeito*. Dessa maneira, mesmo que se possa dizer que "todos os anjos têm asas" ou que "todos os unicórnios têm um chifre", esses enunciados não fazem prova da existência dos anjos e dos unicórnios. Portanto, para que essa proposição anterior – *"todo x é phi de x"* – possa ter um valor de existência, é necessário que se inscreva uma exceção para ela, pois "não existe universal que não tenha que se contentar com uma existência que a negue", afirmava Lacan. Assim, ele propôs outro enunciado, que também é tomado como verdadeiro e que determina outra modalidade, o *Necessário ("aquilo que não para de se escrever");* essa condição que vem revelar a presença de *pelo menos um* elemento que diz *"Não",* a essa função *"phi de x* (Φx)".

Esse limite lógico de "ao menos um", que interfere no "Todo", do enunciado anterior, passa a funcionar como uma exceção, que vem determinar para o Sujeito uma propriedade que o identifica a todos os outros que fazem parte desse conjunto *HOMEM*. Um limite se enuncia através dessa proposição - *"existe ao menos um x, que diz não à phi de x"* e que se matemiza com ($\exists x \cdot \overline{\phi x}$). Este traço que aparece colocado sobre *phi de x* ($\overline{\phi x}$) corresponde, na teoria dos conjuntos, a uma maneira antiga de indicar a negação.

Trata-se de um elemento que promove um conceito equivalente a um tipo de *magnitude negativa* que vai fundar a própria ordem Simbólica e criar a condição para que o *Sujeito* possa ex-sistir no campo desse somatório de Lalíngua. Aqui, quando o elemento (x) deixa de ter essa propriedade do *Phalus*, nega-se também a presença desta noção que a Psicanálise identifica como *castração simbólica.* Uma condição que vai possibilitar nesse lugar de exceção, o que Lacan identificou como aquele que tem recusado a castração simbólica, isto é, o *Pai.*

Essas duas escrituras - ($\forall x \, \phi x$) // ($\exists x \cdot \overline{\phi x}$) - vêm delimitar um conjunto fechado, que institui uma condição universal para que todos os seres sexuados satisfaçam à *função do Phalus* (Φx). Dessa maneira, elas não só definem o *Lado Homem* da sexuação como causam um tipo de *discurso* totalizador que Lacan nomeou de *Discurso Homemsexual.*

Essa estrutura discursiva vai proporcionar um tipo de gozo que é instituído pela própria vigência da *Lei-do-Pai.* Um tipo de gozo decorrente desse atributo *fálico,* que afeta o *Sujeito* cada vez que ele toma a palavra e, ainda, que se manifesta através das formações do inconsciente, ou mesmo, quando qualquer prática sexual genital é realizada; um gozo, portanto, que se manifesta "fora-corpo" e que é viril para ambos os sexos. Além disso, cada Sujeito que sofre o efeito desse *Discurso Homemsexual* obedece a uma injunção paterna e a uma mesma posição sexuada, onde de início, estará sempre do lado masculino, embora não possa se confessar nessa posição fálica. Aqui, nesse

conjunto, Homem ou Mulher é *Homem.*

Por isso mesmo, a questão da sexualidade que afeta o *Sujeito*, na Psicanálise, gira em torno deste instrumento, o *Phalus.* Se ele serve de referência ao gozo sexual na posição Homem, tanto para lado o masculino, como o lado feminino, de uma maneira paradoxal, ele vai servir também de referência para a falta de um outro gozo, aquele que se refere ao *"gozo do Outro sexo".* Assim, o gozo fálico cava um lugar da falta de simbolização na relação entre o Homem e a Mulher.

Tendo colocado estas questões, a pergunta que não para de insistir, é o que acontece com este Ser-de-linguagem-e-sexo que nasceu sustentado por um corpo de *"fêmea".* Neste caso, uma primeira condição a se considerar é que falta um termo adequado entre sua anatomia e a identificação ao Pai, produzindo consequências, no *lado das Mulheres.* Com efeito, mesmo que se considere que as Mulheres não fazem exceção à castração, isto é, à *função do Phalus,* a lógica fálica não regula todo seu campo de gozo e, dessa maneira, cada uma delas é não-toda subsumida ao *gozo do Phalus.*

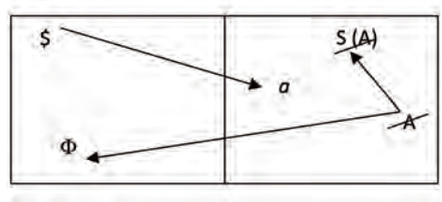
Esse fato vai promover uma abertura no conjunto Homem produzindo uma outra posição sexuada, que Lacan identificou como a "classe das Mulheres". Assim, as *Mulheres*, além do *gozo fálico* a que estão subsumidas, cada uma delas sofre o efeito de um outro tipo de gozo, que se formaliza numa modalidade *Contingente* ("aquilo que para de não se inscrever"); trata-se de um gozo que se manifesta como uma suplência, como um *"gozo não-todo",* que se matemiza através da escritura ($\overline{\forall x} \cdot \phi x$) e que se enuncia, como *"não-todo x é phi de x".*

Essa outra escritura ($\overline{\forall x} \cdot \phi x$), que passa a fazer parte das *fórmulas da sexuação,* traz também uma aporia. Assim, todo Ser sexuado que participa do conjunto *Homem*, ocupa este lugar sob o efeito de uma exceção à *função fálica*, como vimos acima; aqui, no entanto, na "classe das *Mulheres*", cada uma delas se inscreve sem fazer qualquer exceção à função *phi* de x (Φx). Um fato lógico que mantém a *Mulher*, não-toda subsumida à função fálica. Dessa maneira, a "classe das Mulheres" se inscreve nesse outro lado, sem qualquer exceção, determinando uma outra modalidade lógica, a do *Impossível ("aquilo que não para de não se inscrever")* e que se enuncia através do axioma *"não existe nenhum x que diga não a phi de x"* e que se matemiza pela escritura $\overline{\exists x} \cdot \overline{\phi x}$

Nesse lado, a partir da escritura das duas fórmulas da *sexuação* - ($\overline{\forall x} \cdot \phi x$) // ($\overline{\exists x} \cdot \overline{\phi x}$) - institui-se na *"classe das Mulheres*, um outro tipo de *Discurso* que Lacan nomeou de *Discurso do Outrosexo* e duas outras questões a se considerar. A primeira, diferente do que ocorre na gramática freudiana, as Mulheres não fazem exceção à castração e, assim, mantêm uma implicação ao *gozo fálico*; quanto à segunda questão, pode-se inferir que se não existe um *"Todo"* universal, que necessite de uma exceção, para que elas possam ter uma existência comprovada, isso possibilitou à Lacan enunciar esta proposição emblemática de seu ensino: "a mulher não existe". Assim, desde que falta um significante que possa definir "a Mulher", também não se pode escrever essa "proporção" entre a posição Homem e a posição Mulher, ou mesmo *"não há relação sexual entre o Homem e a Mulher".* Só para lembrar sobre o paradoxo destes axiomas, eles não contemplam condições da natureza e do sexo genital.

Além destas questões colocadas, Lacan considerou ainda, que não se nasce Homem ou Mulher; e, dessa maneira, para habitar no campo da linguagem, o *Sujeito* terá a tarefa de se fazer com um semblante de Homem, ou com um semblante de Mulher, ou mesmo, de se dizer Homem, ou *se dizer* Mulher. Condições que ele deverá realizar através de diferentes operações de identificação: uma *identificação primária* que se realiza por amor ao Pai, uma outra, quando passa a ocupar o lugar de objeto causa do desejo e, nessa posição, experimenta um tipo de identificação histérica; por fim, uma identificação ao traço unário, que se expressa como uma "identificação sexuada", subsumida à *função do Phalus* e à castração simbólica. Com efeito, para definir suas posições sexuadas, deve-se levar em conta, ainda, os efeitos de gozo, que ele experimenta, a partir destes dois discursos.

Após ter elaborado as *fórmulas da sexuação*, Lacan procurou aplicá-las, na cena social, através de um esquema que pudesse revelar os efeitos determinantes dessas escrituras, sobre as relações que se desenvolvem entre estes dois lugares: *o lado Homem e o do lado da Mulher ou do Outrosexo.*



Dessa maneira, o lado esquerdo está reservado para o "conjunto Homem". Desse lugar, o *Sujeito* ($) entra no jogo para participar de seus desencontros sexuais, suportado por um significante, o *significante do Phalus* Φ e, dessa maneira, subsumido à castração. Nessa posição, quando declara sua posição sexuada, normatizada nos termos da Lei-do-Pai, independente do gênero a que pertença, se *masculino* ou *feminino*, ele sempre se posiciona como desejante, com um desejo sempre inconsciente em busca de um "objeto". Com efeito, sem saber nada do que lhe acontece, ele estará sempre envolvido por diferentes objetos que gravitam em sua volta.

Assim, o *Sujeito* ($) como desejante, quando se dirige a um objeto, causa de seu desejo, esses pedaços do Real denotados por (a), passam a participar de uma maneira descontínua, em sua ex-sistência. Nesse seu movimento, cada vez que ele crê, tê-lo encontrado, será sempre um encontro faltoso, pois o objeto não corresponde àquele que foi buscado de início; trata-se, portanto, de um *semblante* do objeto procurado, sempre de um outro "objeto".

Na prática da Psicanálise, o *Sujeito* para preservar essa posição desejante, sob essa condição estrutural de uma pura negatividade, vai se revestir com semblantes destes diferentes objetos de suas realidades e, sem saber, e ignorante desse seu movimento, ele *se faz de objeto* para esse desejo de um Outro, que nem mesmo existe. Portanto, aquilo que o *Sujeito* busca sob a condição de causa do desejo, subsumido à castração e à função fálica, é um pedaço perdido dele mesmo, que passa a fazer parte destes "objetos"

encontrados em suas diferentes realidades. Como um corolário, isso determinará uma impossibilidade estrutural e topológica de gozar do corpo da mulher que procura, desde quando só poderá encontrá-la como um semblante do objeto (a), para suas relações sexuais.

Assim, para suportar esta impossibilidade da "relação sexual", o *Sujeito* se veste com um paramento e procura *se fazer* semblante de um *"objeto"*, ocupando o lugar do *Outrosexo*, fazendo signo, com semblante de Homem ou de Mulher, para ser amado e poder amar, mas, sobretudo, para que possa causar o desejo e o gozo do Outro. Ele crê que através dessa condição em que se realiza como um *lugar de gozo*, poderá satisfazer ao *Outro*, mesmo que este grande *Outro* não exista, mantendo-se ignorante desta condição em que o *gozo fálico* é o preço do fracasso, que o *Sujeito* terá que pagar nestes seus desencontros sexuais.

Quanto ao lado direito do esquema, o lado das *Mulheres*, uma primeira condição que se pode considerar, é que *"A-Mulher"*, ela é buscada, de início, como objeto (a), como causa do desejo. Sob essa condição ao se encontrar no foco do desejo de um Homem, embora possa exercer a condição de sua feminilidade, ela sofrerá, em contrapartida, um efeito devastador que o desejo lhe causa, pois aí, também, ela não poderá falar de seu valor de Mulher e deverá se mostrar como "objeto".

Nessa posição, ela poderá, também, desenvolver uma condição que venha metaforizar a castração, dirigindo-se ao lado *Homem*, em busca do *Phalus* Φ, com o qual poderá se identificar. Assim, apoiando-se sobre esse semblante fálico, ela assume um *semblante* de "mascarada" e pode se tornar "mais viril" que o homem.

Nessa posição sexuada, a Mulher vai guardar uma relação também com um *gozo suplementar*, com um gozo atribuído ao *"Outrosexo"*. Ao escrever os matemas da sexuação, Lacan dá uma definição pontual para essa noção de *Outrosexo,* como um lugar onde os seres sexuados são afetados por um gozo, que excede ao gozo do *Phalus.* Trata-se de um gozo do corpo ou mesmo como um gozo místico que coloca cada mulher numa zona de limbo, com um "gozo fora da linguagem".

Assim, ela fica numa posição excluída, não só quando o sexo entra no jogo de sua ex-sistência, mas também na função de *Mãe*, quando fica "fora" de sua condição contingente de *não-toda.* Talvez não seja excessivo se dizer que o filho tem essa função de separar a *Mãe*, da mulher, de separá-la de sua feminilidade. A maternidade continuará sempre contaminando a Mulher, na relação com seu *produto*, sacrificando sua posição sexuada, à medida que a convoca, muitas vezes, a aparecer sob uma roupagem sublime para ter um, ou vários filhos, desde quando, na cultura, a Mulher tem sido muitas vezes condicionada a ser *Mãe*, a sacrificar seu sexo, em troca deste projeto de *"ser Mãe"*.

Algo emblemático ocorre sob essa condição, pois quando ela procura recuperar o *Phalus*, que "deixou de *ser*", através de seu substituto, um filho ou uma filha, essa função *desejo da Mã*e se mostra, muitas vezes, recoberto pela ilusão de um "amor incondicional", de um "amor puro" em relação a seu *produto*. Nestas condições, se não aceita um limite imposto pela lei da função paterna, como algo que venha fazer obstáculo ao seu gozo, *"gozo de Mãe"*, isso tende a produzir dificuldades na relação com seu parceiro, ao estabelecer uma rivalidade fálica com ele, procurando se tornar mais viril que ele e, ainda, podendo realizar a presença de um lado mortífero do amor materno, quando procura transformar o filho em "carne de sua carne".

Uma última questão, ainda a se considerar, é que *uma Mulher*, para que possa encontrar uma posição sexuada como o *Outrosexo*, e com um gozo correspondente, ela deverá para isso, se dirigir a uma outra *Mulher*, que se presentifica para ela, como um enigma. Uma condição que é matemizada, no esquema acima, pelo algoritmo - $\mathbf{S(\mathbb{A})}$ - S de grande A barrado. Como um corolário, desde quando a *Mulher* é *"não-toda"*, em relação à *função fálica,* essa outra *Mulher* será a condição necessária para encontrar sua feminilidade. Com efeito, muitas vezes a filha procura na Mãe, a mulher que ela era, antes de tê-la, ou mesmo que poderá vir a ser, se suporta abrir mão dessa condição transitória da maternidade. Por isso mesmo, se a *Mãe* não consegue se separar de seu *produto*, dando à filha um espaço de mobilidade, para que possa encontrar sua posição de *Mulher*, a relação mãe / filha pode produzir algo devastador para elas.

Para ir finalizando, gostaria de insistir sobre a condição que vem determinar a bipartição sexuada desse *Ser-de-linguagem-e-sexo*, como algo que não corresponde a uma questão da anatomia, da fisiologia e dos hormônios, nem das escrituras genéticas (XY / XX), pois elas mesmas não escapam a uma lógica da linguagem. Para a *Psicanálise*, portanto, a condição que institui a diferença das *posições sexuadas* é algo que se fundamenta nessas *escrituras da sexuação,* determinando diferentes formas de gozo que afetam o *Sujeito* na posição masculina e feminina.

$$\exists x \cdot \overline{\phi x} \qquad \overline{\exists x \cdot \overline{\phi x}}$$

$$\forall x\, \phi x \qquad \overline{\forall x \cdot \phi x}$$

Dito de outra maneira, é a partir de uma *Psicanálise* em *Intenção* que se pode definir a identidade sexuada do *Sujeito*. Assim, mesmo que se leve em conta estes dois axiomas elaborados por Lacan, de que *"a mulher não existe"* e de que *"não há relação (rapport) sexual"*, ele sugeriu que o "ato sexual" seria uma condição necessária, para que essa ligação pudesse ocorrer. Para isso, no entanto, é preciso que cada *Ser sexuado* faça signo à sua parceira ou a seu parceiro, com qual semblante ele se mostra, se de Homem ou de Mulher, pois é através deste *"ato"* que os dois sexos podem se ligar.

Com efeito, se para a Psicanálise, todo *"ato é significante"*, não é excessivo considerar que o "ato sexual" só pode se realizar através dos próprios significantes, são eles que passam a copular. Assim, não é excessivo inferir que embora as práticas sexuais genitais sejam possíveis, o "ato sexual", na Psicanálise, ele não existe.

Ainda em torno destas questões que contemplam

as posições sexuadas do Sujeito, a pergunta que não para de insistir é, do *que se goza?* Ou, *quem goza* nestes *desencontros* sexuais? Como referi acima, uma primeira resposta a se construir, é que se goza do *Phalus*, esse significante primordial que possibilita um gozo "fora-corpo", um gozo que, embora não convenha, mesmo assim, é o mais próximo, de um ponto de vista do Imaginário, àquele que fica subsumido ao *discurso heterossexual.* Isto é, àquele que não importa qual seja o sexo anatômico ou de gênero (Lacan, 1973), é um gozo que implica o *Sujeito*, na posição em que ele ama as mulheres. Uma segunda resposta, é que não se goza do Outrosexo, nem mesmo se goza do corpo do Outro. Cada sujeito goza, sempre, do corpo que o sustenta.

Lacan, no entanto, a partir dos anos setenta, quando introduziu a topologia da *cadeia borromeana,* na Psicanálise, passou a criticar a lógica que até então vinha utilizando e procurou, mais uma vez, dar novos rumos ao discurso analítico. Assim, o efeito de Lalíngua vai determinar um saber, no Real (Lacan, 2016 [1974]), que se torna subsumido àquilo que se escreve e, dessa maneira, passa a ser inventado pelo próprio Sujeito, na análise. Logo em seguida, Lacan vai retomar esta condição de que o *objeto* (a) se torna solidário com a escritura das *fórmulas* da sexuação e, assim, deveria substituir o (x), nessas *escrituras quânticas da sexuação:*

$$\exists a \cdot \overline{\phi a} \qquad \overline{\exists a} \cdot \overline{\phi a}$$

$$\forall a \cdot \phi a \qquad \overline{\forall a} \cdot \phi a$$

Assim, desde que o Sujeito se tornou equivalente ao próprio *objeto (a)*, ele passava a ser responsável pela própria definição das posições sexuadas, pela bipartição dos sexos. Portanto, "o ser sexuado não se autoriza senão dele mesmo... e de alguns outros", que participam de suas realidades plurais. Dessa maneira, para se instituir a causalidade dessas diferenças sexuadas, já que anatomia também não escapa a essa condição linguageira, deve-se ter presente que além de um ato de nominação simbólica e de um investimento imaginário sobre a própria natureza do sexo, a ex-sistência dessa *dimansão* do Real deve ser considerada. É a relação a essa modalidade do Real, com o qual o Sujeito está confrontado, desde seu engendramento ou mesmo antes dele, que vai servir de sustentação à sua identidade sexuada.

Para se fazer do lado Homem, ou *se fazer* do lado Mulher, ou ainda, para se dizer do lado *Homem* ou se dizer do lado *Mulher*, independente de qualquer "vocação precoce" ou até mesmo de uma "fatalidade", com que o vivente possa ter nascido se macho ou fêmea, o *Sujeito* deverá fazer suas escolhas. Cada *Homem* ou cada *Mulher* se inventa à sua maneira.

E para assumir esta responsabilidade, ele poderá utilizar não só de certas "assembleias imaginárias" que são incluídas em sua ex-sistência, como também de uma condição simbólica que *Lalíngua* lhe confere, como os lugares marcados por dois *significantes – Homem e Mulher*. Em torno deles, outros significantes virão se ligar, causando diferentes tipos de identificação que passarão a promover funções e papeis sociais a partir de um ideal que instituirá esta divisão na Cultura: Homem, de um lado, Mulher, do outro.

Para finalizar, mas sem concluir, quando se goza, não significa necessariamente que se está só, trata-se de um jogo em que o "outro", o semelhante, pode também aparecer. Todavia, quando se está no sexo, se está sempre só. Assim, nessa economia de gozos que participam destes desencontros sexuais, aqui, sobretudo, entre os sexos que se declaram do *Homem* e das *Mulheres,* vou considerar uma condição essencialmente autoerótica destas manifestações.

Dessa maneira, não é excessivo se considerar que cada um goza de pedaços do corpo que o sustenta e que o gozo mesmo implicado à Lei, encontra-se evacuado do saber e impõe um exílio ao *Sujeito,* nesse lugar onde o corpo goza. A sensação de que se tem do corpo, é do gozo. Um gozo do corpo do Outro que é sacrificado pela linguagem. É um corpo que deverá ser sempre silencioso, pois quando faz barulho, traz angústia e goza. Todavia, muitas vezes quando se goza, não significa necessariamente que se está só, trata-se de um jogo em que o "outro" pode também aparecer e gozar para ele mesmo.

Assim, é a função de cada Sujeito *se fazer Homem ou se fazer Mulher.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lacan, J. (1966). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. Paris: Écrits Seuil.

Lacan, J. (1971). Seminário Le savoir du Psychanalyste, aula de 04/11/1971. (Documento interno da Association Freudienne Internationale).

Lacan, J. (1973). L'Étourdit, Scilicet, 4. Paris: Seuil.

Lacan, J. (2008). Seminário XIV: A Lógica do Fantasma, aula de 10/05/1967. Recife: CEF. (Publicação não comercial).

Lacan, J. (2016). Seminário XXI: Os não-tolos vagueiam, aula de 11/06/1974. Salvador: Espaço Moebius. (Publicação não comercial - reedição).

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

A ÉTICA DA PSICANÁLISE, UM ESBOÇO PARA UMA ESTÉTICA[1]

Sandra Pedreira[2]

Resumo: O presente texto questiona a ética e a condução da Psicanálise frente aos novos paradigmas criados pela contemporaneidade para dar conta da sexualidade do humano e das posições sexuadas do Sujeito. Se tudo fica planificado numa igualdade proposta como politicamente correta, como definir a diferença necessária para a constituição do sujeito com o qual a Psicanálise opera?

Palavras-chave: Sujeito do Inconsciente; Psicanálise; Ética; Estética; Sexo e Gênero.

THE PSYCHOANALYSIS ETHICS, A SKETCH FOR AN AESTHETIC

Abstract: The present work questions both, the ethics and how psychoanalysis deals with the new paradigms created by contemporaneity, which refer to the human sexuality and the sexual positions of the subject. How to define the necessary difference for the subject constitution with which psychoanalysis operates, if everything is conceived and designed as equality and proposed as politically correct?

Keywords: Subject of the Unconscious; Psychoanalysis; Ethics; Aesthetic; Sex and Gender.

Há alguns meses, conversando com uma jovem mãe, por acaso psicanalista, falávamos sobre como responder sobre sexo para seus filhos. Ela dizia que um de seus filhos havia lhe questionado a respeito de uma colega que na escola, declarou-se apaixonada

por outra colega. Ela era a garota por quem ele estava interessado e a qual vinha paquerando e, muito sofrido e surpreendido, ele lhe perguntava se isto era possível, se podia, se isto era normal, se ela, a garota, era normal.

Ela teria lhe respondido que a garota em questão não era anormal. Eles a conheciam desde pequena e sabiam que se tratava de uma garota adorável. Que isto acontecia mesmo, algumas vezes, com algumas garotas e garotos. Mas que o esperado não era assim: o esperado era que meninos se interessassem por meninas e meninas por meninos. Era assim que era para ser. Resposta dada ao seu filho, mas que não a deixou tranquila. Comigo ela se questionava.

E apesar de continuar acreditando que era assim, que poderia transmitir aos filhos a diferença de sexos – sustentando nas respostas às suas questões, a falta diante da castração, que resultaria em uma ignorância e um enigma sobre o Outro, em lugares diferentes diante desta falta, em posições diferenciadas entre o ser e o ter, que finalmente determinariam diferentes escrituras de gozo e os colocariam numa posição de sujeito desejante, ela não ficou bem e amargou um sentimento de impostura. Não seria esta resposta uma inverdade diante do que se vive atualmente? Diante das normas contemporâneas? Ela me perguntava, e se questionava se nos tempos atuais não teríamos que considerar uma mudança de paradigmas para transmitir normas atualizadas.

Inicio o que quero trabalhar hoje com este relato, mas trago outras situações que me levaram na direção deste mesmo questionamento. Há pouco tempo, na última viagem que fiz ao exterior, no momento para mim "sagrado" em que me dedico a escolher no *"Duty Free"* algumas maquiagens, uma senhora se aproximou de mim e iniciou uma conversa sobre o que estava ali exposto como oferta e perguntou se eu gostava daqueles produtos. Ela queria levar algo de presente para o filho que desde criança adorava maquiagens.

Ele havia criado o hábito, ela me conta, de usá-las, e hoje adulto, não consegue sair de casa só com o pós-barba; costuma usar uma maquiagem leve, só base, blush, delineador, rímel, máscara e um batom suave, para proteger a pele e ressaltar a face, ela me dizia. Ela me perguntava particularmente sobre um batom cor de rosa, que eu havia escolhido, se eu achava que ficaria bem para ele.

Primeiro pensei que o que era "só" para aquele homem era tudo para mim. Mas sem qualquer comentário a respeito, respondi que considerava uma excelente marca, que eu tinha hábito de usá-la e achava aquele tom de batom moderno e bem feminino. Ao que ela prontamente me respondeu que então não serviria, porque ele não curtia

[1] Texto elaborado a partir de trabalho apresentado no II Colóquio Internacional de Psicanálise "Qual a ética para o nosso tempo? A questão da ética na prática e na formação do psicanalista", realizado em 2014, em Curitiba-PR.

[2] Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise.

nada feminino! Tive que disfarçar meu espanto e fiquei pensando que se a quis provocar, com a entonação enfática que dei ao "bem feminino" tive como resposta a certeza de que ela tinha outros parâmetros, que não os que eu estava habituada, para definir o que seria próprio para cada sexo. Fiquei me questionando o que seria o Outro sexo (Lacan, 1982 [1972-1973]), não só para esta senhora, mas talvez para o contemporâneo. E voltei a pensar no sentimento que tomou aquela mãe ao responder a seu filho.

Situações sociais trazidas, mas as mesmas questões aparecem também na clínica. Recebo pais que trazem seu sofrimento na medida que não dão conta do que acontece com seus filhos. São crianças que, muito jovens, falam de uma escolha de gênero que os surpreendem e assustam. Tudo bem para eles se suas crianças mesmo que bem pequenas, falem de namorados. Mas desde que do gênero oposto. É para eles muito difícil escutar quando o namorado escolhido é do mesmo gênero. Ou se escolhem brinquedos ou brincadeiras, roupas, danças ou atuam corporalmente com atitudes que apontam para uma identificação com o gênero oposto ao seu sexo.

Dou-me conta, ao escutá-los que não se reprime mais, como era normativo se fazer. Não se diz mais: "- Mas como?! Isto é coisa de menino, você é menina". Hoje se tem um impedimento de afirmar o gênero para um filho ou uma filha. E me pergunto: quais seriam então para estes tempos modernos, os paradigmas possíveis de se transmitir a um filho que determinariam a diferença entre o Um e o Outro? Entre o sujeito e o objeto? Entre um sexo e o Outro sexo?

Poderia me perguntar também qual é a consequência disso para a escritura dos gozos e das posições sexuadas de um sujeito (Idem). Ou seja, quais as consequências dessa nova leitura para a condução de uma análise? A questão que esses pais trazem é, não só o que fazer com isto, mas também se diante da constatação do que observam há como reverter a situação (como se efetivamente ela já estivesse estabelecida). Querem saber como isto acontece, surpresos de que se instale tão precocemente, e por fim, se a Psicanálise tem alguma ferramenta que interfira neste processo.

Recebo algumas vezes estas crianças e escuto nelas a consistência de uma marca. O sujeito está ali constituído. O encontro com a linguagem determina uma falta que se escreve nestas dimensões sugeridas por Lacan, como um furo. E desde que uma dimensão não é suficiente para fazer cadeia, Lacan (2007 [1975-1976]) nos sugere três, porque uma, apesar de necessária não é suficiente sem as demais[3] . Atadas, as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário escrevem o furo onde o sujeito deverá escrever suas bordas fazendo buracos. O furo deverá ter bordas para vir a ser um buraco. Afinal de contas todo buraco tem beira (Já nos dizia o saudoso Ariano Suassuna) e cada um constrói as suas beiras, suas bordas e, portanto, os seus buracos como pode. Mas, cada um deles, diferente do outro, tem uma consistência diferenciada e determinada por cada uma das duas consistências que avançam uma na outra e pela terceira que lhes faz limite. Desde que inscritos, estes buracos funcionam como pontos de gozo. Gozos diferenciados porque têm bordas de dimensões diferenciadas e limites diferenciados.

No buraco central do nó, o objeto a, lugar onde mais tarde Lacan vai instalar o sujeito numa condição homeomorfa entre eles. O objeto a, como causa do desejo, vai funcionar aí limitando o lugar dos gozos ditos fálico, do Outro e do sentido, como expressão dos campos de gozo do Real, Simbólico e Imaginário e inscritos, como dizia, nos outros buracos do coração do nó. Marca do furo inicial. Da marca primordial com a qual o Sujeito se identifica, lugar do sujeito. É e será sempre assim. Da idade da pedra aos tempos mais contemporâneos. Só assim, eu entendo, podemos falar do sujeito do inconsciente, sujeito de linguagem e de sexo, este que só surge numa relação analítica, numa condição de transferência, criada pelo dispositivo de uma análise, de um discurso sustentado pelo analista segundo a ética que cabe à Psicanálise, a ética do bem dizer. Escritura radical. A única possível numa análise. Em que o analista sustentando a função de semblante de objeto, causa a fala do analisante. E opera na direção de conduzi-lo a não ceder ao seu desejo, permitindo que se produza como sujeito.

Por que o sentimento de impostura da mãe com seu filho? Ou a minha estranheza com a senhora no *Duty Free?* Afinal de contas são os tempos modernos, e fomos bem advertidos quanto às relações sociais modernas, com o discurso do capitalista (Lacan, 1992 [1969-1970]), que nos apresenta a ilusão de um de gozo excessivo, sem regras, sem lei, sem normas. A promessa neste discurso é que, embora no social se mantenha uma tendência de que tudo é possível, na prática da Psicanálise, revelam-se os limites que limitam o Sujeito.

Tento entender esta proposta seguindo a escritura do nó. Posso pensar que a tecnologia moderna impôs ao homem contemporâneo uma realidade particular que interfere fundamentalmente na sua relação com o tempo e o espaço, determinando uma compressão no lugar do objeto a, no centro do nó, e com isto reescrevendo, redimensionando os demais gozos. É uma outra geografia, uma outra economia, outros valores. Se não outros princípios, com certeza um questionamento dos vigentes até então. Uma outra ética social. Uma outra realidade, esta, dita virtual, em que posso entre outras ofertas, escolher e viver meu avatar, sem que isto defina uma condição alucinatória.

A Psicanálise acompanha esta condição contemporânea dando ao objeto uma categoria de *gadjet*, como uma condição de mais de gozar, de mais um lugar e mais um tipo de gozo. Se mantemos a proposta de que o sujeito está no lugar do objeto "a" escrito no centro do nó, ele, nesta outra proposta, estaria escrito não como causa do desejo e sim

[3]Abro aqui um primeiro parêntese para dizer que passo a partir deste ponto, a me utilizar do nó borromeano como instrumento de leitura do que pretendo colocar. Digo do que está sugerido por Lacan a partir do seminário de 1975, o RSI. Aproveito o parêntese para chamar atenção para algo que eu vejo como uma questão de fé, ou seja, que para trabalhar e aceitar estas colocações é preciso não só crer no inconsciente como também aceitar esta leitura que Lacan propõe como uma forma de cerni-lo, de escrevê-lo. Fecho o parêntese e volto ao sujeito escrito no nó.

como mais de gozar, destinado, portanto, a gozar o tempo todo, de todas as formas.

Para a Psicanálise é sim, um outro objeto. Mas seria um outro sujeito, uma outra ética? Como manter a condição de não ceder ao seu desejo se é retirado dele a condição de falta e dado a ele esta outra oferta ilusória de gozar de tudo o tempo todo?

Volto à minha clínica para tentar encontrar uma resposta que me satisfaça. E me lembro de outra mãe, que me questionou se teria problema em atender ao pedido do filho pequeno, que queria fazer o aniversário de Cinderela e se vestir como a princesa.
"– Ele quer tanto. É o sonho dele... Acho que só assim ele curtiria sua festa, ficaria verdadeiramente feliz". E a cada vez que insistia em lhe lembrar que seu filho era um rapaz, ou seja, que ocupava uma posição sexuada masculina, ela dizia: *"- Mas ele ficaria tão feliz como uma princesa".* Impossibilitada que estava de transmitir a seu filho a castração, essa experiência trágica da vida.

Abro mais um parêntese, agora para dizer porque escolhi trazer recortes da minha escuta com crianças e também porque sobre o sexo. Com certeza eu poderia ter escolhido relatos de analisantes adultos para tratar desta questão sobre a ética. Por exemplo, de uma jovem que me fala que rolou um clima, e ela, estimulada pelos amigos que estavam por perto, ficou com uma amiga e que foi ótimo. O namorado também curtiu a experiência que ela teve. E, embora se diga heterossexual, ela sabe que nada a impede de curtir meninas porque gosta de amar pessoas, sem se preocupar qual o seu sexo ou o compromisso que tenha com outras pessoas. O importante é fazer o que gosta e ser feliz. Ou de um jovem rapaz que afirma que sabia desde muito criança que era um menino no corpo de uma menina, mas que nunca conseguiu que ninguém o escutasse.

Se escolhi falar de crianças foi pelo que elas nos questionam como psicanalistas e questionam a Psicanálise. Não só elas mas, também, as pessoas que as trazem. O que me faz aprender sempre mais. Também porque, em sendo crianças, nos colocam, em parte, responsáveis pelo seu futuro. O que para mim é uma imensa responsabilidade. E, quanto ao sexo, porque este, junto com a morte, radicaliza na linguagem, a presença do Outro Real que define os paradigmas da falta fundamental, da castração, que, por sua vez, definem os princípios que deverão ser transmitidos como função de uma nomeação paterna.

Fecho esse breve parêntese e retorno às questões que se impuseram, ou seja: em sendo um outro objeto, teríamos que definir um outro sujeito e uma outra ética para a Psicanálise? Recorro a mais um recorte da clínica.

Trata-se do garoto que queria se vestir de Cinderela. Ele tem cinco anos e me diz durante uma sessão que queria dormir 100 anos, para que um príncipe o acordasse com um beijo. Logo em seguida me questionou se menino pode beijar menino. Sem deixar a deriva todos estes questionamentos, eu lhe disse: "- Pode. Pode sim, mas não deve. O combinado é que quando crescerem e ficarem adolescentes, os rapazes beijem as moças". Ao organizar estas notas para produzir este trabalho, repenso o que falei e me dou conta de que não me sinto impostora – como a mãe do relato inicial. Nem impositora da sua infelicidade – como sua mãe tentava evitar ser.

Na transferência, tentei retificar, operar cavando um buraco, que lhe possibilitasse uma alternância de falta ante a presença maciça do objeto nesta condição de mais-de- gozar. Na direção do que lhe pode causar o desejo, sem ceder a ele.

Sei que fiz também porque se trata de um sujeito ainda no corpo de criança, fiz uma aposta ao lhe colocar a questão da diferença dos sexos, da normatização e da escolha que advirá. Mas neste tempo de escritura, apostei em sustentar a diferença. Principalmente apostando que, se firmasse um paradigma na construção do seu fantasma, lhe ajudaria a fazer uma escolha no tempo a advir.

A que esta operação nos conduz? Se trata de um outro sujeito? A meu ver, não. Ainda é o mesmo sujeito de linguagem e de sexo, dividido e errante frente aos enigmas da vida e da morte. Escrito no centro do nó alternando-se entre presença e ausência, defendendo-se desta tendência a uma presença maciça. Um outro homem? Talvez um outro homem: atópico e sem gravidade como nos sugere Charles Melman (2004). Mas não um outro sujeito. Uma outra ética? Diria que não se trata de uma outra ética, mas um acréscimo a ética com a qual operamos. O acréscimo de uma estética.

Lacan (2007 [1975-1976]) nos sugere que para lidar com a presença do objeto mais-de-gozar no centro do nó, o sujeito terá que inventar uma boa forma de se defender dele e dos gozos que o limitam. Terá que se inventar (ou reinventar). Inventar um saber alegre que o faça suportar o gozo, o Real (Idem). O analista o acompanha neste trançado, promovendo a fala, causando o desejo. Produzindo o sujeito como artesão do seu inconsciente, inventando o inconsciente que o determina.

Partindo da erótica da transferência, numa posição ética que causa o desejo e limita o gozo, possibilita que a partir daí o Sujeito construa a sua estética. Condição que permite que o sujeito, ocupando esse lugar em torno do qual essas três dimensões de Real, Simbólico e Imaginário se atam, a cada condição de falta faça sua própria trança, dê conta do seu nó, se defenda dos gozos, faça cargo do desejo, invente-se, movimente-se, reinvente-se com dignidade no seu acheronta, no inferno do desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lacan, J. (2007). O Seminário XXIII: O Sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1992). O Seminário XVII: O Avesso da Psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1982). O Seminário XX: Mais, Ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Melman, C. (2004). O Homem Sem Gravidade: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

SEXUALIDADE – PULSÃO – CONTINGÊNCIA[1]

Carlos Pinto Corrêa[2]

Resumo: Iniciando por uma revisão teórica e pesquisas fora da Psicanálise, o autor faz sua aproximação sobre o tema. De início, os estudos tentavam estabelecer a relação entre a sexualidade e a normalidade, ligando-a à psicopatologia e à ética. Com Freud, a sexualidade tida como representação mental, segue com outras teorias e questões relacionadas à sociologia para sua compreensão como uma experiência a ser vivida. Daí o aparecimento das novas formas da sexualidade e a consideração de toda a sua complexidade tal qual entendemos hoje.

Palavras-chave: Freud. Sexualidade. Ética. Sexuação. Perversão. Novas formas de sexualidade.

Abstract: The best attempts to understand the human sexuality became effective starting from the Psychoanalysis, when Freud consider it as one experience to be lived. Today is possible to transform the challenge of the sexuality in the experience that has been producing new forms of sexuality.

Keywords: Freud. Sexuality. Ethic. Sexuation. Perversion. New sexuality forms.

É desnecessário justificar a importância da sexualidade como tema de uma jornada de psicanálise. A sua presença no movimento editorial contemporâneo ou na titulação de congressos, eventos e encontros psicanalíticos atuais nos certifica de que a sexualidade continua sendo a campeã de audiência.

[1]Texto apresentado na XXVI Jornada do Espaço Moebius, 30 de novembro/01 de dezembro de 2017.

[2]Psicanalista, fundador do Círculo Psicanalítico da Bahia.

O verbete *sexologia* apareceu na língua inglesa em 1867. Em 1911, foi usado em francês, dedicado à questão da determinação do sexo das crianças antes do nascimento, daí passando a ser dicionarizado. Elizabeth Roudinesco (1998), como lexicógrafa maior da psicanálise, apresentou um minucioso acompanhamento da apropriação do termo, fixando os lances da pesquisa histórica, com autores que se perderam no tempo e os grandes astros como Moll, Ellis, Reich, Sade, Scher-Masoch, Kinsey, com suas surpreendentes pesquisas entre 1948 e 1953, e no filão dos resultados surpreendentes iniciados por ele, vieram William Master e Virginia Johnson em um best-seller de 1966, aproximando-se de nossos dias com Foucault e Philippe Ariès. Claro está que vários autores e pesquisadores permearam ou tangenciaram Freud, que se tornou uma espécie de paradigma ou eixo em torno do possível estudo da sexualidade.

Pode-se observar que as pesquisas e publicações sobre os fundamentos ou o comportamento sexual humano, se prenderam, de início, a dirimir dúvidas, tentativas de teorizar o que ainda não tinha o nome de pulsão, às vezes chamado de instinto, mas sempre em busca de sua relação com a discutível noção de normalidade. Chego a pensar que vários dos pesquisadores iniciais viajavam entre a necessidade da conceituação de uma normalidade desejável e o insustentável mundo da originalidade, do inaceitável ou do facilmente definido como patológico. Foi com a publicação dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" que Freud, em 1905 (1980), conseguiu dar um estatuto às chamadas perversões: homossexualidade, fetichismo, etc. Mas, foi em 1914, após a invenção da segunda tópica, que a sexualidade tornou-se um pivô de conflitos nos debates do movimento psicanalítico internacional. A partir daí surgiram as discussões sobre a sexualidade feminina e a diferença sexual entre 1924 e 1960 e mais tarde sobre o transexualismo e o gênero. Freud mostrou que a sexualidade era uma representação mental e ao mesmo tempo, o lugar de uma diferença anatômica ou subjetiva, transformando a visão que a sociedade tinha da sexualidade.

O acréscimo para a compreensão da sexualidade humana inaugurado por Freud produziu o aparecimento de significativo neologismo, implantado pejorativamente e especialmente, contra a teoria da libido, que toma a sexualidade como causa única: o pansexualismo. A reação contra o pansexualismo foi popularizada pelo psiquiatra alemão Adolf Albrecht Fiedlander, quando em 1909, no Congresso Internacional de Medicina de Budapeste, atacou violentamente a psicanálise. O pansexualismo foi retomado em 1913 por Pierre Janet em fortes acusações a Freud, que se tornava assim o responsável por todos os seus pecados.

Mais do que uma polêmica simplesmente histórica, podemos propor uma reflexão sobre qual é a verdadeira dimensão da sexualidade para a espécie humana. Parece que a teoria sexual enfrentou uma visão bárbara da sexualidade "germânica", "nórdica", "teutônica" ou "boche". É evidente como se passou da dúvida diante de uma questão científica para um campo ideológico. Até Roudinesco (1998) faz sua crítica, lembrando que a *Kultur* alemã opôs-se à luminosidade cartesiana e latina da "civilização" francesa, a única capaz de universalidade, enquanto os países escandinavos acusaram o freudismo de privilegiar uma concepção "latina" da sexualidade, "inaceitável para a mentalidade nórdica". Do modo

em que está posto aqui, lembrei-me do sociólogo Karl Mannheim quando trata de "Ideologia e Utopia" (1960). Diante das crenças ou pontos filosoficamente fixos, constroem-se as justificações ideológicas que explicam, mas nos afastam de reflexões causais mais convincentes. Pela ideologia podemos simplificar o que nos é excessivamente complexo ou inexplicável. O avanço dos estudos sobre a sexualidade parece nos levar a questões mais complexas do que a observação prática e clínica.

A sexuação em Lacan

Para traduzir a diferença sexual e a sexualidade feminina, Lacan utiliza o termo sexuação, dentro de sua última formulação lógica, na qual apareceram as ideias de matema e o nó borromeano. Em 1973 (1992), ele estabelece o matema da identidade sexual, superando o falocentrismo freudiano e estabelecendo sua própria concepção da sexualidade feminina e da diferença sexual. Ele afirma que todos os homens têm falo – e contrapõe que nenhuma mulher tem o falo. Essas duas proposições resumem, segundo Lacan, a posição freudiana da libido masculina única, sendo o falo assimilado ao órgão sexual masculino. Lacan considera essa posição inaceitável por avalizar a complementaridade entre homens e mulheres, que desemboca na concepção do UM, negando a diferença e a exclusão da castração. Ele afirma ainda que "todos os homens, menos um, estão submetidos à castração" (LACAN, 1992, p.104). Falando de "todos os homens", deve haver um elemento distinto do conjunto, que seria o pai originário da horda primitiva, que pode possuir todas as mulheres. "Não existe nenhum X que constitua uma exceção à função fálica" (Idem, p.107), significa que não existe, para o conjunto feminino, um equivalente ao pai originário que escape à castração. Todas as mulheres têm um acesso limitado à função fálica, daí a dissimetria entre os dois sexos. Foi assim que Lacan definiu as formas masculina e feminina e seu conceito de gozo.

Na verdade Freud foi um grande inventor ao afirmar corajosamente que o fator sexual seria

causa e gênese dos sintomas neuróticos. Foi daí que surgiu a sexologia como ciência biológica e natural do comportamento sexual. Produziu também a perturbadora polêmica sobre o pansexualismo. Freud tomou a questão em voga, ultrapassando com uma nova concepção da sexualidade. Foi ele que estendeu a noção de sexualidade a uma disposição psíquica universal, muito além do fundamento puramente biológico, anatômico e genital, tornando-a essência da atividade humana. O novo conjunto conceitual permite representá-la: a pulsão, a libido e a bissexualidade.

Após a introdução da ideia de narcisismo, em 1914 (1969), Freud inventa a segunda tópica, na qual a questão da sexualidade torna-se o pivô de conflitos nos debates do movimento psicanalítico internacional. Seguem as discussões sobre a sexualidade feminina e a diferença virtual, e mais tarde sobre o transexualismo e o gênero.

As reflexões e teorizações sobre a sexualidade retiraram a fixação idealizada e religiosa que explorava a finalidade de reprodução da função sexual, em oposição ao prazer, às normas e aos triunfos de uma ética "necessária". Pode-se dizer que a sexualidade humana sempre esteve enredada com a histeria na armação de desejo, na culpa, na insatisfação e na punição em repetição dramática do encontro de Adão e Eva e a expulsão do paraíso, com a condenação definitiva de toda a humanidade.

A psicanálise, por ter considerado a energia libidinal e a importância da repressão como formadora de sintomas graves, abriu nova compreensão sobre o equilíbrio favorecido pela possibilidade da expansão do prazer sexual. Surgiram historicamente novas oportunidades devido a descobertas e aceitação de novos prazeres sexuais e ao direito de tê-los, retirou do homem a ideia do triunfo santificador da repressão, incidindo no conflito histérico. A sexualidade foi então aberta como experiência possível de ser vivida. O corpo pode ser observado e descoberto em temidas sensações desvinculadas

da condenação infernal.

Pode-se dizer que há uma grande transformação no exercício da sexualidade desenvolvida em um tempo relativamente curto, acrescido às velozes transformações que nossa geração assiste com certa perplexidade. Há cinquenta anos, ocasião do início de nosso trabalho como psicanalista, existiam questões notoriamente diferentes das atuais, marcando a demanda analítica. Iniciava-se com a narração de um mal-estar vinculado a causas próximas em matéria de tempo e espaço do sujeito. Tínhamos uma classe média, celeiro dos pretensos clientes para a psicanálise, que aspirava ao bom comportamento, honestidade, seriedade, e para as jovens, como bem mencionava Simone de Beauvoir (1961), o ideal "d'une jeune fille rangée".

Disfarçadamente, avançamos para além da ideia de pansexualismo sem bandeira da crítica a algumas propostas iniciais de Freud, por sua teoria, que trouxe à baila questões até então inimagináveis pela clínica. Maior do que a experiência psicanalítica, chegamos hoje às novas contingências da sexualidade, que aguardam novas teorizações multidisciplinares que possam aprofundar e expandir nosso saber sobre a complexidade da vida sexual humana.

Novas formas da sexualidade

Mais recentemente, apareceram menções ao transexualíssimo como um desconforto entre o sexo anatômico e o desejo de adequação ao gênero através da transformação do corpo em solicitação clara a intervenções médicas, de início pela adição hormonal e depois, pelos procedimentos cirúrgicos. A correspondência entre sexo e gênero, antes inquestionável, entra na pauta de debates médicos, psicanalíticos e jurídicos. Mas, somente em 1949, o médico clínico David O. Caudwell traz o sintagma "psicopatia transexualis". Ainda na década de 80, o interesse da psicanálise pelo transexualismo era pequeno e tornou-se tema de debate na mídia, nas artes e franjas das ciências sociais. Foi Moustapha Safouan, em sua posição sobre o desejo, quem permitiu retomar o tema do transexualismo na psicanálise, tomando de Lacan a importância da inscrição do significante Nome-do-Pai[3].

O pretendido triunfo do Supereu ou uma espécie de santificação religiosa, ou de recalcamento colorido, não suportou o advento da modernidade, com novas opções de liberdade e valorização do subjetivismo humano. Seguem, portanto, afirmações culturais acrescidas de valores como a ousadia e o questionamento sistemático do sujeito diante das novas contingências: o "ser aonde", já proposto pelo existencialismo francês. Em 2008, no Brasil, o Conselho Federal de Medicina oficializou o "processo transexualizador", que até 2014 contabilizaria 6.724 procedimentos ambulatoriais e 243 procedimentos cirúrgicos, não se levando em conta os atendimentos em clínicas privadas.

Desde o reconhecimento como entidade clínica, a histeria tornou-se objeto de reflexão científica, indo alojar-se na psiquiatria. Com o aparecimento da *DSM-III*, a histeria perdeu seu prestígio, sendo retirada dos quadros de classificação nosológica psiquiátrica, significando uma recusa da tese fundamental da psicanálise. Na mesma publicação, aparece pela primeira vez a categoria do transexualismo.

De início, o transexualismo foi apresentado como forma sintomática da psicose, mas, como lembra Marco Antônio Coutinho Jorge, "hoje a histeria parece ter se apropriado da transexualidade para postular sua perene pergunta sobre a verdade do sexo" (JORGE, 2017, p. xx). A surpreendente espécie de epidemia trans sugere ao autor outras grandes epidemias histéricas assinaladas em obras históricas.

O nosso subjetivismo psicanalítico propõe reflexão mais acurada sobre o aparecimento do inconformismo crescente com o sexo anatômico, favorecendo a expressão do desejo transformador, que prontamente passa ao ato de transformação corporal. Para a psicanálise, o desejo não valida a si próprio. O desejo é originário da falta e sua expressão pode ser enganosa, dirigida mais ao sintoma do que à satisfação. Vamos além de nosso conhecimento sobre a pulsão sexual, que antes estava submetida a contingências éticas, médicas, sociais e até policiais, para entrar no campo do desafio, cujos resultados têm trazido consequências difíceis até no exercício da clínica.

Acredito que as tentativas de controle deste novo modo de ser, que foi chamado de epidemia, estão disseminadas pelos recursos disponíveis e que estes não se agregam para promover a evolução de um saber adequado ao entendimento das novas formas de sexualidade.

Própria da evolução do saber moderno, devemos fugir da estrutura aristotélico-tomista para avançar na questão da complexidade. Se tivemos uma ética dominante no controle da sexualidade e a adoção de teoria unívoca sobre a pulsão, em que a psicanálise imperou conceitualmente sobre a sexualidade, agora, outras formas de saber têm agregado novas explicações. Por outro lado, a expansão dos limites de inibição, a valorização da criatividade e do direito de experimentar fomentam as transformações sobre as quais estamos falando.

Outros saberes implicam nova compreensão, novas abordagens e controles da vida instintiva, com propostas de outros especialistas, com vistas à transexualidade, que deixou de pertencer ao domínio da psicanálise.

Desvinculada da ideia de reprodução e da ética religiosa, a questão sexual toma novas dimensões surpreendentes ante a medicina, a filosofia a psicologia, a antropologia, a história e as novas formas de pensar o homem no mundo. O reconhecimento jurídico dos direitos sexuais tornou-se decisivo na antecipação das garantias que dizem respeito ao direito de exercer a sexualidade e a reprodução, livres de discriminação, imposições e violência. Obtendo um tratamento jurídico

[3] Segundo Lacan, o Nome-do-Pai é o "significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do outro como lugar da lei" (LACAN, 1998. p. 590).

diferenciado, tornou-se possível assegurar o exercício pleno da cidadania, sem as discriminações que inferiorizavam as mulheres, excluíam homossexuais, lésbicas e gays. Foi a partir do Direito Internacional que, libertada das falsas propostas éticas e religiosas, pôde ser criada uma nova consciência normativa e juridicamente vinculada, que pudesse gerar a obrigação legal de o Estado garantir os direitos sexuais e reprodutivos.

Desde que a sexualidade foi separada da finalidade de reprodução, tornou-se possível alterar os modelos arraigados de gênero que haviam sido iniciados no Renascimento, marcados por estereótipos que definiam a inferioridade da mulher, a partir de uma lógica masculina, ou, como situa a psicanálise, do fato de ter ou não ter pênis. O movimento feminista alertou sobre os falsos valores que governaram as questões derivadas das diferenças sexuais.

Outra questão fundamental tem sido o encontro das ciências médicas com as novas formas de sexualidade, especialmente com as recentes possibilidades para o sujeito manifestar sua insatisfação de gênero, expresso pelo desconforto entre o sexo anatômico e o desejo de adequação do gênero. A medicina, pela utilização de hormônios e da cirurgia, favorece a passagem da fantasia à transformação efetiva do próprio corpo. Assim, as contingências de gênero deixam de ser barreiras intransponíveis, surgindo novos horizontes para o entendimento e o exercício da sexualidade humana.

A abertura promovida a partir do direito de escolha criou a necessidade de regulamentações, especialmente nas instituições de abrigo ou reclusão legal, onde as medidas de exceção e prevenção produziram a criminalização da sexualidade. As restrições disciplinares sugerem um retorno ao conceito de aberração, ou seja, de uma sexualidade condenável. Cortes e punições impõem uma nova forma de julgamento, retornando-se a antigos valores sobre a permissão e seus impasses. Em outras palavras, fica restabelecida a luta entre liberar a pulsão expressa pelos desejos ou a imposição às contingências determinadas pela censura social e moral. Não é sem razão que a chamada evolução da sexualidade está cercada do temor e da veiculação escandalosa.

Uma colega psicanalista que trabalha no serviço público, na coordenação de instituições para detenção de menores infratores cumprindo penas, nos trouxe importante testemunho sobre um acontecimento no seu trabalho. Ao providenciar o internamento de jovem intitulado transexual, que se vestia com roupas femininas e assumia ser mulher, decidiu-se que seria internado em instituição feminina, para evitar riscos de ser violentado sexualmente em instituição masculina. A solução mostrou-se problemática, quando a companheira de quarto da jovem recém- internada apareceu grávida. Interpretações e acertos para resguardar a opção sexual do desejo de ser mulher, caíram ante a verdade anatômica irresistível. Os desdobramentos éticos, psicológicos e jurídicos parecem evidentes. Preferimos nos ater apenas à reflexão sobre a necessidade urgente de avançarmos no melhor entendimento diante das complexas "novas formas de sexualidade".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Beauvoir, S. de. (1961). Memórias de uma moça bem comportada. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.

Freud, S. (1969). Introdução ao narcisismo [1914]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 14.

Freud, S. (1980). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. v. 07.

Friedlander, A. (1909). A. Hysterie und moderne Psychoanalise. Atas do XVI Congresso Internacional de Medicina. Budapeste: s/e.

Jorge, M. A. C. (2017). A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização? Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 20, n. 2.

Lacan, J. (1992). O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose, In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Mannheim, K. (1960). Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Guanabara.

Roudinesco, E. (1998). Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

topos

O PARLÊTRE E A SEXUAÇÃO

Rosana Velloso[1]

Resumo: A proposta desse escrito foi trazer algumas considerações e questões acerca do ser sexuado em psicanálise. Inicialmente, foi apresentado o problema do ser para alguns filósofos e, em seguida, a partir da antifilosofia de Jacques Lacan, foram desenvolvidas algumas articulações em torno do sujeito e da sexuação do parlêtre.

Palavras-chave: Ser; Ser sexuado; Psicanálise; Antifilosofia; Sujeito; Sexuação; Parlêtre.

Abstract: The proposal of this paper was to bring some considerations and questions about being sexed in psychoanalysis. Initially, the problem of being to some philosophers was presented and then, starting from the antiphilosophy of Jacques Lacan, some articulations were developed about the subject and the sexuation of the parlêtre.

Keywords: Being; Being sexed; Psychoanalysis; Antiphilosophy; Subject; Sexuation; Parlêtre.

INTRODUÇÃO

Núcleo da filosofia ocidental, a questão do ser é muito complexa e durante séculos foi pensada. A oposição entre as filosofias dos pré-socráticos, Parmênides (540-470 a.C.) e Heráclito (535-475 a.C.), por exemplo, em torno dessa questão, foi insistentemente considerada por diversos autores.

Heráclito como o "filósofo da mudança", proclama que tudo está em perpétuo movimento, e é sua a seguinte citação: "Sobre os que se submergem nos mesmos rios fluem sempre distintas águas" e "O Sol é novo cada dia" (Mora, 1964, p. 832-833). É por essa doutrina da transformação perpétua de todas as coisas que se chegou a dizer que para Heráclito a mesma coisa é e não é, sublinhando a ideia de oposição, conflito e contrastes. Ou seja, entramos e não entramos nos mesmos rios, pois somos e não somos. A verdade não é uma somente. O ser é interpretado como transformação.

Já Parmênides, chamado o "filósofo da imobilidade (ou do ser)", sustenta que "tudo [o que é] é", quer dizer, tudo está em repouso. O núcleo do seu pensamento consiste na proposição: "O Ser é, e é impossível que não seja". Portanto, 'O Ser é' significa 'O Ser é o Ser', junto à qual se afirma: "O Não-Ser não é e não pode nem sequer falar-se dele", pois, não existe (Mora,1964, p. 371-372).

O problema do ser é também uma das temáticas fundamentais na coletânea de textos escritos por Aristóteles no século IV a.C., que leva o título de "Metafísica", definida como "uma ciência que estuda o ser enquanto ser e seus atributos essenciais...o que hoje chamaríamos de ontologia" (Aubenque, 1974, p. 25).

Pierre Aubenque (1974), reconhecido filósofo francês, sobretudo por seu trabalho como comentador de Aristóteles, afirma que "vivemos no pensamento aristotélico do ser" (Idem, p. 19). Nessa mesma direção, a também filósofa francesa Bárbara Cassin (2013), sustenta que todos, no Ocidente, ainda que não queiramos e/ou não saibamos, "somos aristotélicos comuns" (Idem, p. 92). É que em nossa tradição linguística e filosófica, supomos que há uma essência, um ser autêntico, como uma substância, uma realidade ontológica que existe por si mesma e permanece no que muda, indicando que há identidade e individualidade.

Lacan (2009 [1971]) recomenda a leitura da Metafísica de Aristóteles, talvez o filósofo mais estudado e citado por ele, porém, adverte que se trata aí de "muita babaquice" (Idem, p. 24), exatamente pelo fato de que o Estagirita sustenta o princípio de identidade e do universal, ao estabelecer que é "preciso a todo custo que o Um seja e que o Ser seja um" (Idem, p. 26), ou 'o homem é homem', "todos os homens são mortais". Para Lacan (2007 [1975/1976]), Aristóteles "não quer que o singular figure em sua lógica" (Idem, p. 14). E na Conferência que profere com o título "O Sonho de Aristóteles" (1978), diz que o silogismo que exerceu Aristóteles manca sempre, sobretudo, em sua aplicação do universal ao particular. Aristóteles

[1]Psicanalista. Membro Inscrita no Espaço Moebius Psicanálise. Membro de Apertura Sociedad Psicoanalítica de Buenos Aires. E-mail: rosanavl2004@yahoo.com.br.

sonha com um 'mundo', "como aquilo que se dá a chamar todo mundo, ou seja, as pessoas" (Idem, p.02).

Com Descartes, temos sua proposição muito conhecida sob a expressão *'Cogito, ergo sum'* ('penso, logo existo'), indicando sua tese central de que a percepção e suposição de si mesmo, funda a existência (Mora, 1964, p. 302). Lacan, modificando sensivelmente a substância pensante cartesiana, dá um passo a mais, que é o do inconsciente estruturado como uma linguagem, e, contrariando o cogito cartesiano, diz: "penso onde não sou, logo sou onde não penso" (Lacan, 1998 [1957], p. 521). No discurso analítico, "o inconsciente põe em questão o lugar onde eu não sou e eu não penso" (Lacan, 2008 [1966/1967], p.84). É a fórmula da alienação em seu sentido mais radical que rechaça qualquer tentativa de psicologia do eu ou de ontologia em psicanálise.

A ANTIFILOSOFIA DE LACAN

Embora o termo "antifilosofia" não tenha sido criado por Lacan, teve em seu ensino um novo e específico uso. Ele (Lacan, 1985 [1972/1973]) vai criticar a filosofia ocidental do ser em sua vertente ontológica, essa ideia do ser colocado como absoluto e cria até um neologismo, "hontologie" (Idem, p. 78), para falar da vergonha ('honte') que implica "sustentar o sujeito como ser" (Idem), mediante 'um "eu sou" ou "eu sou eu", como se existisse uma índole do ser. O certo é que "nenhum significante poderia significar ele mesmo" (Lacan, 2008 [1966/1967], p. 67), o que diz respeito ao ser está amarrado à "seção do predicado, aonde nenhum predicado basta" (Lacan, 1985 [1972/1973], p. 20).

Acerca disso, da "seção do predicado" como caracterizando o ser, François Récanati (1972) fará uma intervenção na segunda classe do seminário 'Encore', a pedido de Lacan. Fazendo a leitura da lógica de Port-Royal que "é uma teoria da substância, quer dizer, do que se sustenta a si mesmo" (Idem, p. 13), Récanati (Idem) vai demonstrar que uma teoria assim só pode funcionar se for levado em conta o lugar da negatividade, da ausência, na linguagem. "É a impossibilidade para algo de ser esse algo e de inscrevê-lo ao mesmo tempo", explica Récanati (Idem, p. 03). O zero se inscreverá como Um (0,1...), indicando que há algo que falha na identificação. Além disso, cada ordinal equivale à soma de todos os ordinais que o antecedem na série. O zero e este 'um', que é a identificação do zero, isso faz dois, e assim por diante. Como vemos, a existência de algo se inscreve por outra coisa, quer dizer, "que esse algo cuja existência se inscreve cessa de existir pelo fato desta inscrição" (Idem).

Importante sinalizar aqui que este 'Um' (1) não é 'Um' da unidade, unificante, nem 1º. O Um está no lugar do zero, do buraco, demonstrando que "o sistema da nominação é a envoltura do impossível de partida...o signo, cimentado pelo infinito, da denegação inicial" (Idem, p. 05). Lugar vazio = 0, que se conta como 'Um'.

Constatamos assim, que através da predicação, do que se declara a respeito do sujeito, evocando os adjetivos, há substantivação, o que leva a supor uma substância. Então, por exemplo, o substantivo redondeza, extraímos do adjetivo redondo, a justiça, do justo. Um conjunto de predicados se converte em um termo singular, faz um nome, que se inscreve operando o campo das existências. Mas esse nome não faz parte do conjunto no momento que o designa. A substância é o que supostamente constitui o conjunto, suporta o predicado, mas é envoltura provisória do que falta, do inalcançável, recobre a falta em ser e tende a repetir-se até o infinito. Repetição da impossibilidade, do buraco que está na fonte, tentando significar o impossível (Récanati, 1972).

Por mais que se tente, através do Discurso do Amo, suturar o vazio, esperando que as coisas marchem bem, não se chega nunca ao ser ("Wesen")[2], pois, o que está em jogo é a dimensão lógica da linguagem e seu funcionamento. Lacan vai trabalhar, então, a noção da "falta em ser" pela qual o ser existe.

É nessa direção, no campo da antifilosofia que Lacan vai efetuar uma desconstrução do Ser ('Être'), com a criação de diversos neologismos para esse termo, como demonstra a tabela (Eidelsztein, 2015, p. 215) Ver tabela página 26..

"Parlêtre", neologismo que está no título desta minha intervenção, foi utilizado por Lacan em diversas ocasiões na década de 70 para estabelecer uma nova designação para o inconsciente de Freud, transformando o ser falante ("l'être parlant") em 'falasser' ("parlêtre"). Em uma conferência intitulada "Joyce, o sintoma", comentando a respeito da sua nova expressão, Lacan (2003c [1979]) dirá: "o inconsciente é um saber enquanto falado" (Idem, p. 561), e é aí, no lugar da fala "que o ser tem um sentido" (Idem), assinalando a prioridade da fala sobre o ser, e mais ainda, a dependência deste último com respeito à primeira.

Essa é a uma nova dimensão, a "diz-menção" ("Dit-mansion")[3] , na qual, a partir do Imaginário e do Simbólico, se lê para além do que o novo sujeito do inconsciente foi incitado a dizer, o que contempla o Real. Trata-se aqui do manejo do escrito, em sua relação com a verdade, sempre inacessível. E na partida que se joga na análise ('Par-dit'), dizendo qualquer coisa, é que se pode dizer uma verdade particular, que é uma maneira de dizer, um estilo, um modo de existência que, por não ter garantias, se sustenta no real. O dizer da verdade tem uma estrutura de ficção, pois, ela não é toda e não vale para todos.

Assim, o sujeito que se sustenta no parlêtre é efeito do ato de dizer, é criação da linguagem e do laço do discurso, não habilitando uma ontologia, pois, não é idêntico a si mesmo, nem é Um, nem substancial; E, especialmente, provém do 'não ser', nome do

[2] Wesen (Ser), expressão que Freud tomou de Schopenhauer que Lacan destaca e fez conhecida, perpetuando a crítica à concepção do ser no Ocidente, e também para se distinguir de Freud (Eidelsztein, 2015, p. 194).

[3] Dit-mansion: neologismo que condensa dit, "dito", y dimension, "dimensão"; também está implicada a mension, "menção", mansion, como "etapa, abrigo, mansão" (Lacan, 1985 [1972/1973], p. 146; 2016 [1973/1974], p. 14; 1975b, p. 44).

Tabla cronológica del trabajo crítico neológico de Lacan sobre el término ser (*être*)

Neologismo	Traducción posible	Primera aparición	Última aparición		Número de textos o clases donde aparece	Articulaciones propuestas por Lacan
Manque à être	Falta en ser	1953	1971		Decenas	Desarrollado aparte
Être*penser	Serpensar	1961	Seminario nº 9	1961	Única	El ser en el pensar (1ª aparición del origen del ser en el pensar)
Être*pensant	Serpensante	1961		1961	Única	El ser de pensamiento (2ª)
Être*tant	Serente	1961		1961	Única	Ente del ser ente
Quelquêtre	Cualquierser	1961		1961	Única	Ser sin mismidad
Pensêtrer	Pienser	1961		1961	Única	El ser del pensar (3ª)
Tantd'être	Tantodeser	1961		1961	Única	El *parlêtre* entrevisto entre tantoser
D(être)itus	Serdesecho	1967	1967		Única	El ser del hombre: detritus (materia de descomposición)
Désêtre	Deser des-ser	1967	1972		Decenas	Desarrollado aparte
Être-mâle Être-femelle	Ser-hombre Ser-mujer	1967	1967		Única	El ser hombre y el ser mujer: no es en sí mismo
Pense-être	Piensa-ser	1967	1967		Única	Ser de pensamiento (4ª)
M'être M'être	Meser Dominoser	1970	1973		Dos	Maître (amo y maestro) : discurso del amo que pretende mi ser
Parêtre	Paraser	1972	1977		Tres	La interpretación hace "paraser" (aparecer, parecer)
Pén-être	Penetrar-ser	1972	1972		Única	Parêtre. Arrêt(re) El hacer ser y aún dematiado
L'être-haïr	Ser-odio	1973	1973		Única	Odio y traición a Yahvé ("Soy el que soy")
Être*nel	Sereterno	1973	1973		Única	El ser como eterno: Dios
Être-ange	Ser-extraño/ ángel	1973	1973		Única	*Impasse* del gozo (gozo y agujero)
Être*inité	Sertrinidad	1973	1973		Única	Ser 3; el tiempo y las 3 dimensiones del espacio
Parlêtre	Hablaser Hablanser	1974	1980		Decenas	Desarrollado aparte
Parlêtrer	Hablarser	1975	1980		Tres	Verbo. Por hablar la noción de ser se confunde
Psarlêtre	Psiser	1977	1977		Única	El ser es del pensamiento y lo Psi (5ª)

sujeito no Real. Mas crê e afirma que é, embora não saiba nunca nada do que é, e sofre por isso. O que se pode saber está caracterizado por limites impossíveis de atravessar. Dado que o ser é produto da linguagem, não podem coexistir a verdade do ser e saber que se é.

Na realidade, o corpo é a única consistência do falasser, consistência mental, suporte inteiramente imaginário, como dizia Lacan em 1975, em uma Jornada de Cartéis em Estrasburgo na França. Falar de consistência imaginária é falar de uma consistência enganosa que para o falasser é o que se fabrica e que se inventa. Como diz Lacan (2003c [1979]), "o sentido do ser é presidir o ter" (Idem, p. 561). E o que faz coletividade - homens, mulheres, crianças - não são mais do que significantes, é pelo significante que surgem, e por isso mesmo, se presta a equívoco.

Segundo os estoicos, os incorporais não são tridimensionais, não são concretos, mas constroem realidades. Não são também abstrações, pois, depende de um corpo, afetam o corpo produzindo efeitos nele. São proposições, são ditos; assunto de discurso, o que se pode dizer de um sujeito; e são efeitos do que um corpo causa em outro corpo (Eidelsztein, 2015).

Essa ideia do incorporal tem a ver com a "substância gozante" proposta por Lacan (1985 [1972/1973], p. 35), aquilo de que "se goza por corporizá-lo de maneira significante" (Idem), ou seja, o corpo que se goza se incorpora pelo significante e é marcado pela ambiguidade que lhe caracteriza. Então, a substância gozante, com a qual operamos em psicanálise, resulta da eficácia própria da linguagem, e é suportada pela função do furo. É também a partir desse furo que não se pode estabelecer relação entre sexuados. O buraco é constituído pelo impasse da não-relação constitutiva do sexual.

Nesse momento do seu ensino, Lacan tenta circunscrever o real a partir do impossível de uma modalidade lógica, e daí ele introduz a ideia de que o ato sexual não pode produzir como resultado nem "sou homem" nem "sou mulher", portanto, não "existe ato sexual" (Idem, p. 32), não é um verdadeiro ato.

As fórmulas da sexuação do seminário Encore propõem uma lógica que dá conta da identificação sexual no ser falante, mostrando como o sujeito tem que determinar-se em relação ao falo e à castração, enquanto que os efeitos de seu sexo anatômico se tornam contingentes a respeito dessa estrutura simbólica. Nessas fórmulas, à esquerda, do lado imaginariamente homem então, a castração atua como lei universal, todo sujeito x está submetido à castração e o acesso ao falo simbólico necessita dessa operação. Somente um escapa a esta castração, o pai, que tem justamente por função a de executá-la, e essa exceção confirma a regra universal. Deste lado, estão inscritos o falo simbólico e o sujeito que se autoriza dele. Porém, este sujeito dirige-se ao objeto 'a' que determina seu desejo, do outro lado, do lado feminino. À direita, ou seja, do lado feminino, a castração é abordada de forma singular já que foi vivenciada inicialmente pela pequena menina como uma privação atribuída a uma mãe fálica antes de ser transferida ao pai. Uma mulher se situa então por fora da lei universal fálica, não-todas. Não há universal deste lado, é por isso que "A mulher não existe" e o A barrado é o matema da falta desse significante. Do lado mulher, quer dizer do lado Outro, o gozo pode concernir ao falo que se encontra à esquerda, do lado homem, porém, existe também outro gozo que depende do buraco no Outro, S (A barrado), é o gozo propriamente feminino. Uma mulher não está toda inteira implicada no gozo fálico, porém esta negação do universal não implica a existência de uma exceção à castração (Darmon, 2008, p. 262).

Nas fórmulas da sexuação, o sujeito é um significante. E não é jamais senão pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para outro significante. "Ali onde é representado, o sujeito está ausente" (Lacan, 2009 [1971], p. 10). Não é, em si mesmo, não tem essência e não há identidade possível. É em relação a essa falta que o sujeito terá de se situar. Assim, enquanto suporte formal, "o significante pode ser chamado a fazer sinal, a constituir signo do sujeito" (Lacan, 1985 [1972/1973], p. 195), que passa, então, por ser sexuado, ocupando a posição masculina (desejante)

ou feminina (de se fazer desejado como objeto), e isso não possui nenhum vínculo com a biologia, nem garante autenticidade, pois, não há sujeito feminino ou masculino.

A partir da topologia da cadeia borromeana, estrutura na qual se sustenta as três realidades operantes em psicanálise, o Imaginário como consistência, o Simbólico como furo, e o Real como o impossível lógico, Lacan (2016 [1973/1974]) afirma que o "o nó borromeu não tem nenhuma espécie de ser" (Idem, p. 55). O sujeito, em sua condição de só ser suposto, é puro buraco causal, funcionando como um objeto - objeto a - objeto causa do desejo, que só é notável por essa escritura. E tudo que é sujeito de pensamento que se imagina ser Ser, é por isso determinado.

O que isso quer dizer? Quer dizer que é preciso ater-se ao suporte do semblante, que é o que dirige o jogo. O 'a' nos fará tomá-lo por um ser, em nome de ser aparentemente alguma coisa mesmo. O 'a' é uma aparência de ser. A vestimenta da imagem de si vem envolver o objeto causa do desejo, e aí se sustenta. A afinidade do 'a' com seu envolvimento é uma das articulações da análise, quando o sujeito toma a palavra e fala dessas questões, declarando que posição sexuada ocupa diante do outro.

CONCLUINDO

A posição de Lacan, como vemos, é bem clara desde o começo do seu ensino, com sua proposta da falta em ser e seu rechaço do "ser do ser" e de um 'si mesmo' substancial em psicanálise. Não é possível estabelecer as representações sobre o sexo, fixar identidades que pretendem suturar o desgarramento incurável da existência e responder à impossibilidade da relação-proporção sexual. Cada parlêtre, em sua particularidade enquanto estrutura ou nó de relações sem centro, vai fazer signo de uma posição sexuada para o outro signo.

Quanto ao objeto a, a-sexuado, o psicanalista maneja com este dejeto, que se torna a pedra angular da análise, "essa essência problemática, o objeto a" (Lacan, 2008 [1966/1967], p. 327), que não existe, e só é perdido por ser procurado.

Há autores lacanianos que sustentam ir mais além do semblante para, ao final da análise, chegar ao autêntico ser, por detrás da aparência, à verdade do próprio ser e, assim, curar a neurose ou o sintoma. Que autêntico ser? Será que a análise termina em uma posição ontológica? Abrir essas questões e assumir uma posição a respeito é importante, já que, constituímos a nossa prática clínica e a direção da cura a partir do nosso entendimento dessas noções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aubenque, P. (1974). El problema del ser en Aristoteles. Madrid: Taurus Ediciones.

Cassin, B. (2013). Jacques el sofista: Lacan, logos y psicoanálisis. Buenos Aires: Manantial.

Darmon, M. (2008). Ensayos acerca de la topologia lacaniana. Buenos Aires: Letra Viva.

Eidelsztein, A. (2015). Otro Lacan: Estudio crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano. Buenos Aires: Letra Viva.

Lacan, J. (1975a). Respuesta de Jacques Lacan a una pregunta de Marcel Ritter, Strasbourg. Disponível em: <http://marthadicroce.blogspot.com.br/2011/08/respuesta-de-lacan-marcel-ritter.html>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Lacan, J. (1975b). El síntoma. Conferencia en Columbia University, in Conferencias y charlas en universidades norteamericanas.

Lacan, J. (1978). O sonho de Aristóteles, Conferência proferida por Lacan, em 1978, no Hospital Saint-Anne. Traduzida ao espanhol por Pablo Peusner, versão utilizada para a tradução ao português por Maria Claudia Formigoni, Disponível em: <https://mclaudiaformigoni.wordpress.com/2016/11/21/primeiro-post-do-blog/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Lacan, J. (1985). O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2003a). La Tercera.. Roma, 01/11/1974 publicado por vez primera em las Lettres de l'École freudienne, n. 16. 1975. La presente transcripción há sido realizada a partir del registro publicado por Patrick Valas em CD-Rom em novembro de 2003.

Lacan, J. (2003b). Talvez em Vincennes, 1975. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2003c). Joyce, o Sintoma (1979). In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2007). O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2008). O Seminário, livro 14: A lógica do fantasma (1966-1967). Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

Lacan, J. (2009). O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1971). Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2016). O Seminário, livro 21: Os não-tolos vagueiam (1973-1974). Publicação não comercial, circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius. Salvador, Bahia.

Mora, J. F. (1964). Diccionario de Filosofía. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

Récanati, F. (1972). Predicación y ordenación. Texto de la intervención pronunciada el 12/12/72 en la segunda clase del Seminario 20, Encore, de Jacques Lacan. Traducido al español por Ricardo Rodríguez Ponte para circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

O SUJEITO MELANCÓLICO EM ANÁLISE

Maria Fernanda Diniz[1]

Resumo: Este artigo resulta de um retorno empreendido à concepção da melancolia na teoria psicanalítica buscando identificar as especificidades dessa clínica e questionar a direção da cura possível no enfrentamento do sofrimento desses sujeitos.

Palavras-chave: Melancolia. Discurso Melancólico. Direção da Cura.

THE MELANCHOLIC SUBJECT IN PSYCHOANALYSIS

Abstract: This article results from a return to the conception of melancholy in psychoanalytic theory seeking to identify the specificities of this clinic and question the direction of possible cure in coping with the suffering of these subjects.

Keywords: Melancholy. Melancholic speech; Direction of cure.

Em uma nova e luxuosa edição de Luto e Melancolia, lançada no Brasil em 2011 pela editora Cosac Naify, encontra-se o posfácio intitulado Uma ferida a sangrar-lhe a alma, de autoria de Urania Tourino Peres no qual, entre outras consistentes e elegantes reflexões, colhe-se:

> O texto que comentamos não permanece na dualidade neurose-psicose, pois surge uma terceira modalidade: a neurose narcisista – a melancolia é uma neurose narcisista. Uma categoria nosográfica é inventada para nos retirar da dualidade empobrecedora. A melancolia, expressão maior da nossa dor de existir, transporta um enigma, e temos de pensá-la em sua singularidade: nem simplesmente neurose, nem simplesmente psicose, ou seja, uma maneira de estar no mundo sem a reclusão do louco, sem o repúdio radical à realidade externa, como também sem a entrega e a submissão aos imperativos do Outro. Ao abrir espaço para uma neurose narcisista, uma fronteira estava sendo abalada, e uma inquietação surgia (Peres, 2011, p. 128).

Os ecos remanescentes da clínica e a assertiva feita por Urânia Tourinho Peres, que destaquei, impuseram-me a uma retomada ao estudo da melancolia. Detive-me no percurso desenvolvido por Freud na *Primeira e Segunda Tópicas,* em seguida, retomei as considerações lacanianas ao estudo do tema e, ao final, tive a oportunidade de me aproximar da posição defendida por Marie-Claude Lambotte.

O privilégio que confiro ao pensamento de Lambotte se deve muito à sua robusta e consistente produção, mas, decorre especialmente do caráter original e rigoroso com o qual esta autora avança teoricamente a partir do retorno que empreende à posição defendida por Freud desde 1923, quando em seu texto *Neurose e Psicose*, afirmou: "A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reservaríamos o nome de 'psiconeuroses narcísicas' para distúrbios desse tipo" (Freud, 1977, Vol. XIX,[1923], p. 192). Para, logo em seguida, apresentar aquela que chamou da sua "fórmula completa" sobre a etiologia das patologias, afirmando: "as neuroses de transferência correspondem a um conflito entre o ego e o id; as neuroses narcísicas, a um conflito entre o ego e o superego, e as psicoses, a um conflito entre o ego e o mundo externo" (Ibidem, p. 192). Posição, esta, que foi mantida por Freud até o fim de sua teorização.

Após a revisão que pensamos ter empreendido, minimamente, em torno do estudo do tema, supomos que já podemos, de pronto, afirmar que é em razão de uma catástrofe narcísica que se pode localizar a problemática melancólica. Ou seja, que ela resulta de uma falha na operação lógica do Estádio do Espelho formulada por Lacan.

Quando afirmamos que uma operação primordial não se constituiu eficazmente, estamos tentando ressaltar que não se trata de uma falta absoluta, mas de uma falha. Algo desta operação se faz presente, ainda que não constitua senão a sombra dos efeitos esperados.

Para os melancólicos, o desfalecimento do olhar materno, ali onde o desejo do Outro era esperado na confirmação antecipada da identidade do sujeito na experiência do espelho, resulta em um comprometimento na constituição do objeto e na instalação de um nada ao qual o sujeito se identifica. Em torno desta catástrofe narcísica, como

[1] Maria Fernanda Diniz, psicanalista, membro do Espaço Moebius. E-mail: mfdiniz.br@gmail.com.

afirmamos, localiza-se o problema do melancólico. A insuficiência do olhar do Outro faz aparecer um Ideal do Eu que terá como meta buscar-se a si mesmo nos objetos. Desta forma, o objeto a ser escolhido terá que reunir o que lhe faltou na linhagem do Eu ideal: a perfeição.

Vemos, então, que a busca de uma definição identitária está no centro da estrutura melancólica, já que esta operação primordial, não se constituindo eficazmente, acaba por condenar o melancólico, no ato e no discurso, a uma operação repetitiva de uma experiência que nunca se deu completamente, levando-os a viverem debruçados sobre si mesmos e submetidos a uma indiferença apática.

Para Freud, a identificação na melancolia ocorre quando o sujeito busca instituir no eu um sucedâneo para um objeto que foi renunciado ou perdido. A este processo, Freud dá o nome de introjeção do objeto no eu, e diz que este alicerça o mecanismo da melancolia, como nos descreve na passagem:

> Outro exemplo de introjeção foi fornecido pela análise da melancolia, afecção que inclui, entre as mais notáveis de suas causas excitadoras, a perda real ou emocional de um objeto amado. Uma característica principal desses casos é a cruel autodepreciação do eu, combinada com uma inexorável autocrítica e acerbadas autocensuras. As análises demonstraram que essa depreciação e essas censuras aplicam-se, no fundo, ao objeto e representam a vingança do eu sobre ele. A sombra do objeto caiu sobre o eu, como disse noutra parte. Aqui a introjeção do objeto é inequivocamente clara (Freud, 2011, pp.137-138).

Em relação ao tema da introjeção, é preciso retomar o pensamento de Karl Abraham, cujas contribuições foram de relevante importância para o desenvolvimento do pensamento freudiano sobre a melancolia.

Em seu artigo *Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido*, de 1924, Abraham teceu considerações importantes sobre a questão da introjeção. A sua intenção é deixar claro que a introjeção do objeto de amor constitui uma incorporação do mesmo, resultante da regressão da libido ao nível do canibalismo. Quanto à introjeção, embora seja um processo parecido com o da incorporação, não pode ser confundido com esta. O ato de incorporar está diretamente associado ao corpo, enquanto a introjeção é mais abrangente no que concerne a colocar para dentro algo de fora. Ela não é uma operação compensatória de uma perda objetal (Abraham, 1970 [1924], p. 239).

O que nos leva a poder pensar que o sujeito melancólico não passou pelo júbilo – o júbilo é que passou por ele e formou no horizonte uma quimera na qual ele busca desesperadamente reinstalar-se. Ou, como nos afirma Freud, no seu artigo *Uma neurose demoníaca do século XVII*, de 1923, ao concluir que talvez estes sujeitos sejam: "um daqueles tipos de pessoas que são conhecidos como 'bebês eternos' – incapazes de arrancar-se do estado beatífico no seio da mãe e que, por toda a vida, persistem na exigência de serem nutridos por alguém" (Freud, 1977, Volume XIX,[1923], p. 132).

Nostalgia infernal do júbilo. Passar pelo júbilo, experimentar o êxtase desta posição e fazer o luto desta passagem também equivaleria à elaboração de uma frustação. Será Freud, ainda neste mesmo ano de 1923, ao escrever Neurose e Psicose, publicado no ano seguinte, referindo-se incialmente às psicoses, quem afirmará que a sua etiologia consiste:

> Em uma frustração, em uma não-realização, de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão tão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada. Essa frustração é, em última análise, sempre uma frustração externa, mas, no caso individual, ela pode proceder do agente interno (no superego) que assumiu a representação das exigências da realidade (Freud, 1977, Vol. XIX, [1923] p. 193).

Para, mais adiante, neste mesmo texto, referindo-se à última hipótese e estabelecendo a distinção que passará a fazer na sua etiologia das patologias entre melancolia e psicose, afirmar: "A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é um exemplo típico desse grupo, e reservaríamos o nome de 'psiconeuroses narcísicas' para distúrbios desse tipo" (Ibidem, p.192).

Segundo o entendimento de Lambotte (1997), fundado na assertiva de Lacan de que o melancólico está no simbólico, que colhemos ao final do Seminário da transferência, quando ainda acrescenta Lacan, que a prova disso é que ele não para de proclamar "não ser nada", defende a autora, que se tome o nada ao qual se identifica o melancólico como o significante primordial que, esburacando o real, institui o campo do simbólico.

Detendo-se ainda sobre a identificação ao nada melancólico, destaco mais uma ponderação de Lambotte:

> Esta, [a identificação ao nada], com efeito, insere o melancólico no registro simbólico e o submete ao significante que define, a partir disto, sua posição existencial: desmentir que a realidade possa ter outro efeito que o retorno eventual da catástrofe sob a forma de eterna traição. O sujeito, pois, não vive como se a realidade não existisse; ele vive como se os investimentos que a caracterizam e que a tornam efetiva (wirklich) não existissem para ele. Igualmente estes investimentos existem para os outros e ele não o desmente; mas ele se coloca fora deste contexto com uma convicção tão evidente que, se nos recusamos a incluir o melancólico nos psicóticos, não nos permitimos com isso incluí-lo nos neuróticos (Lambotte, 1997, p. 509).

E o fato da realidade apresentar-se desprovida de qualquer atrativo para o melancólico, que ela para ele só lhe traga decepções, nos remete à impossibilidade que o melancólico apresenta de atribuir valor à sua existência, o que evoca, certamente, à problemática da castração, na medida em que estes sujeitos se encontram na incapacidade de elaborar um "compromisso" que teria restabelecido a realidade a nível de uma medida comum.

Nesta sua montagem, poder-se-ia identificar características perversas, não fossem as razões presentes nos melancólicos de fazer com que os efeitos daí decorrentes voltem sempre contra si mesmos e, por sua vez, tomando a castração no registro do real, findar eles próprios condenados à aniquilação. Ou, ainda, como pondera Lambotte: "o melancólico pareceria assim com um perverso que se tomasse a sério e cuja estratégia, a partir disso, não seria mais a de um perverso" (Lambotte, 1997, p. 466). Valendo-nos de uma expressão popular que contempla a dimensão erótica, elidida da cena melancólica, também poderíamos dizer "aí, não tem

jogo", só queda na precipitação da passagem ao ato suicida.

Por sua vez, temos que esta falha na experiência especular exclui o melancólico do circuito da ilusão e leva-o a se ver regido por uma verdade daquilo que lhe foi possível apreender na experiência especular: o nada da incompletude, da falta de unidade, o nada do vazio, a que Lambotte chama de moldura vazia[2], aquela que nada refletiu. Condenando-o a um negativismo contundente e recalcitrante. Ou, como acrescenta, de referência a sua tese sobre a moldura vazia:

> Tentamos referenciar as falhas de uma organização especular que, por esta toda potência do modelo ideal mantido em uma inacessível exterioridade, condena o sujeito a ser somente um resto, um deixado à sua conta por uma relação que estava, no entanto, a ponto de modular-se, por uma imagem que estava, no entanto, a ponto de se formar, por um campo que estava, no entanto, a ponto de se animar. O melancólico só conserva como testemunho de sua própria história um traço confuso, bruscamente interrompido, do qual não se pode apreender a que se refere (Ibidem, pp. 332-333).

Temos também que nestes sujeitos fica ainda mais evidenciado, e de forma muito singular, que é somente através da análise estrutural do discurso sustentado que podemos levantar elementos que orientem no sentido de delinear, com alguma consistência, uma hipótese diagnóstica.

E a minha experiência me autoriza a afirmar que este discurso se mostra constituído de peculiaridades muito relevantes e aparentemente paradoxais entre si, que, de logo, parecem estabelecer, à nossa escuta, um indicativo de que ali algo de muito específico está se revelando.

A primeira característica que se destaca no discurso melancólico é o da presença de uma lógica instantânea e rigorosa do aqui e agora, que afasta qualquer possibilidade da criação de um projeto futuro, que lhe possibilitasse um devir. Aquilo que existe é o que lhe mostra a ser, não contando o sujeito com nenhuma ferramenta para forjar um futuro ou a ilusão. Suas recordações apresentam-se eternizadas no presente, fora de uma narrativa temporal e são expressas numa fala queixosa e repetitiva que se esgota em si mesma. Imune a argumentos ou a reflexões, as suas dores são enunciadas de forma monocórdia, circular e imutável, voltando sempre ao ponto de origem do inconteste reconhecimento do seu ser nadificado.

A atemporalidade presente no discurso melancólico, além de indicar sua singularidade, marca também a distinção que se pode estabelecer entre a melancolia e os estados depressivos, estes, por sua vez, sempre comportando o estabelecimento de um antes e um depois, com a ocorrência de fatos datados, incluídos numa narrativa.

De forma crua, o sujeito melancólico se aproxima sempre de uma verdade que não tenta esconder: sua insuficiência, da qual ele acredita poder se desvencilhar através de uma identificação com o objeto total, já que não pode se submeter ao logro imaginário da identidade, ajudado pela ilusão, como o fazem os neuróticos. E, na impossibilidade de beneficiar-se da relatividade das coisas, o melancólico é lançado em um mundo de tudo ou nada, que tinge os assuntos humanos de uma contundente inutilidade.

Mantendo-nos fiéis à ideia de Freud de que a melancolia é a expressão mais fiel das neuroses narcísicas, e que ela, como estas, se encontra regida pelo conflito entre o ego e o superego, que, com toda carga insidiosa que implanta à consciência moral e ao sentimento inconsciente de culpa, finda por realizar uma montagem sádico-masoquista, ou, como nos diz Freud em seu *O problema econômico do masoquismo,* publicado em 1924: "o sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se mutuamente e se unem para produzir os mesmos efeitos" (Freud, 1977 [1924], p. 212), qual sejam, de mortificação do sujeito. Podemos ainda apontar como efeito igualmente nefasto que esta montagem produz no sujeito melancólico o de impedi-lo de inserir-se numa linhagem simbólica, selando definitivamente o seu destino de exílio.

A lógica do discurso melancólico leva-o ainda constantemente à necessidade de certificar-se do afastamento da dúvida, testemunhada por um sentimento de convicção resignada que, na relação com o outro, se fará presente por suas intervenções mordazes e cruéis.

O arraigado pessimismo melancólico pode ser tomado como índice do conhecimento muito precoce da sua condição constitutiva frágil. Freud em seu *Luto e Melancolia* parece ratificar esta ideia ao afirmar que não se poderia aproximar demais da verdade da condição humana sem adoecer. Não há dúvida de sua queda, diz Lambotte (1997), referindo-se à falta de perspectiva da escolha melancólica, dentro da lógica formal que adota e que leva estes sujeitos a refutarem violentamente o benefício da dúvida.

Entretanto, a sua objeção à dúvida não o lança no campo da certeza psicótica, se expressa, ao contrário, de forma cativa no formalismo do seu discurso e no prazer complementar que o sujeito aí encontra. Esta convicção da sua condição existencial que o melancólico expõe sem pudores, de não encontrar uma sustentação desejante e imaginária, presentifica o peso da fatalidade que o acompanha desde sempre. O que resulta por tingir o discurso melancólico de cores sombrias que nos evocam as suas origens no conceito de bile negra, objeto de inúmeras representações artísticas. Ou, como afirma Lambotte:

> Nada vem delimitar o espaço do sujeito melancólico, nada vem colorir o reflexo especular com as cores da afetividade; e este nada ao qual o sujeito diz parecer-se aparenta-se ao nada do aniquilamento, o das pulsões de morte que, desprovidas de toda ligação pulsional erótica, dão livre curso a sua expansão . . . De um lado, o olhar cego e a ausência de história, ou ao menos a impossibilidade de elaborar uma narrativa, do outro, o olhar de ódio e a mesma história pontuada de fracassos sempre recomeçada; de um lado, a lucidez de um discurso lógico desafetizado, de outro, a queixa contínua e monótona (Lambotte,1997, p. 200).

E o retraimento na dimensão imaginária para estes

[2]Moldura vazia: "o primeiro olhar dirigido à criança atravessou-a de lado a lado sem deter-se, deixando talvez algumas marcas de acaso ou de obrigação no corpo. Igualmente, o sujeito melancólico busca desesperadamente encontrar este primeiro olhar que lhe escapou, a fim de confundir-se com ele, pensando que não soube reter o que lhe pertencia" (Lambotte, 1997, p. 267).

sujeitos não deixa de macular a construção da imagem do seu corpo, afetando suas relações com o olhar dos outros e instalando-o num quadro de inibição generalizada.

Mas se suspeitamos a importância da aquisição do "esquema corporal" . . . não suporemos menos a importância da qualidade da imagem assimilada, na medida em que ela sobressai tanto no discurso do doente quanto a colocação em questão do seu próprio corpo. E, a partir disto, se nos atemos às variações da apreciação da imagem de si – variações que aparecem caracteristicamente na evolução da afecção melancólica -, não podemos deixar de nos ater igualmente à função de juízo e do olhar que, referido a outrem, determina os graus de sua própria escala de autoavaliação (Ibidem, p. 174).

Podendo-se ainda afirmar que o que se encontra afetado na melancolia é o juízo de atribuição decorrente de uma alteração na categoria do interesse, aquela trabalhada por Freud como a manifestação subjetiva que, enquanto afete o juízo de existência não o inviabiliza, encontrando expressão, na melancolia, no efeito de desafetação da realidade observado. A categoria do interesse tendo caráter subjetivo, a meu ver, evoca também o campo da responsabilidade do sujeito na dimensão que Freud denominou de escolha da neurose, ou, no sentido lato, escolha da doença, portanto, estrutural. Aspecto que leva Lambotte (1997) a afirmar:

Antes mesmo que se tenha podido produzir a atração primeira e mítica a cujo traço se teria identificado o sujeito, este último se viu engatado a um automatismo de expulsão que a identificação ao nada simbólico permitiu inserir no registro do discurso. E pensamos que se trata aí de uma organização psíquica inteiramente original, já que ela veio a dar conta, no plano simbólico, de um automatismo primário que consiste em um rechaço puro e simples da relaçãoafetiva com a realidade (Lambotte, 1997, p. 505).

O discurso melancólico parece evocar, permanentemente, o caráter precoce da sua experiência traumática que, como pensamos, operou-se antes mesmo que o objeto tivesse eficazmente instalado um exterior e também, por outro lado, podido "se integrar entre as sensações cenestésicas gerais,… deixando o sujeito presa de um automatismo de defesa que logo depois regerá o funcionamento psíquico inteiro" (Ibidem, p. 367). Afetando, assim, o seu estar no mundo, conduzindo-o a uma posição de exclusão fundada numa lógica mortífera que estaria na origem das passagens ao ato tão presentes na vida desses sujeitos.

É preciso ainda destacar que o caráter negativista do discurso melancólico, tanto lhe proporciona a possibilidade de suportar a sua existência, quanto despe de dramaticidade o ato suicida, gerando ambos para este sujeito um efeito de "apaziguamento, de alívio em relação à sensação de esgotamento que a incessante atividade de pensamento, ou melhor, de raciocínio próprio ao sujeito melancólico não deixa de causar" (Ibidem, p. 259).

Diante deste sujeito sem ilusões, que tem um acesso muito particular às verdades da vida e às feridas do mundo, identificado ao nada e mostrando-se inteiramente entregue ao seu negativismo e sua inibição, o que se pode esperar de uma análise?
De pronto, podemos pensar que o melancólico desafia o analista a ocupar um lugar que não seja nem daquele que cede frente a uma difícil direção da cura, nem o de quem se recuse a reconhecer e enfrentar os seus limites.

Quanto ao início do tratamento, ainda que alguns questionem o estabelecimento da transferência com o sujeito melancólico, podemos constatar que as condições mínimas necessárias ao tratamento muitas vezes de pronto se estabelecem e passamos a ter então um sujeito disciplinado e assíduo que não se atrasa ou falta às suas sessões. Mas esta transferência mostra-se especialmente difícil de ser manejada, "beirando por vezes a catástrofe do fantasma consumado ou o irremediável de um novo abandono" (Lambotte, 2000, p. 76). Na sua lógica negativista, é a palavra do analista que se vê marcada pela falta de uma forma muito particular, e, frequentemente, eles nos dizem: "de toda forma, isto de nada me servirá; tudo que você vai dizer, tudo é muito correto, mas, para mim, isto não funcionará, etc." (Ibidem, p. 77). Característica que leva Lambotte (1997) a identificar como expressão da relação própria do sujeito melancólico com o outro que tenderia a reduzir a marca distintiva do Outro em proveito de uma semelhança. E, ainda, a acrescentar:

A atitude melancólica frente à castração se mostra então inteiramente paradoxal, na medida em que é afirmando a castração que o sujeito ao mesmo tempo abole a diferença do Outro para deixar apenas subsistir o traço que os reúne, a saber: a imperfeiçãoda realidade (Lambotte, 1997, pp. 510-511).

Sustentando este saber que o anula por um excesso de verdade, vemos então o sujeito melancólico tomar o analista como depositário de sua busca de livrar-se da potência fatal desta verdade, ao tempo em que condena sua demanda a se expressar somente sob a condição de negar simultaneamente sua iniciativa.

E Freud de há muito já nos alertou que, frente ao menor obstáculo no curso do tratamento, o sujeito melancólico é o primeiro a questionar sua eficácia. Como também que, estando estes sujeitos inteiramente submetidos ao império da pulsão de morte, são eles também especialmente afeitos à expressão do que chamou de transferência terapêutica negativa. Que, todavia, penso eu, se efetiva de uma forma muito particular aos sujeitos melancólicos, qual seja, como a daqueles que dirigem as pulsões hostis e agressivas ao eu e não ao campo do Outro.

Como primeiros resultados clínicos, podemos observar algo da ordem do que chamei de "efeito Sherazade"[3] , ou contínuo adiamento da morte, que aponta talvez para uma nova posição na qual o sujeito parece poder valer-se da possibilidade de falar para não morrer, ou seja, falar para não passar ao ato. Bem como podemos observar a queda ou remissão de algumas manifestações sintomáticas muito recorrentes, tais como uso abusivo de drogas ou o ato de impingir a si mesmos suplícios como cortes no corpo ou outras formas de expressão do seu franco masoquismo. Manifestações estas que podemos tomar como decorrentes da sua autocondenação, apontada desde Freud, especialmente quando nos alertou: Estes sujeitos não se queixam, dão queixa,

[3]Sherazade ou Sheherazade, a narradora dos contos de As Mil e Uma Noites. Aquela que, segundo a lenda da antiga Pérsia, fascinou o rei ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites. E, com isso, salvou-se sucessivamente da morte a cada novo dia para poder continuar sua narrativa na noite seguinte.

sua culpa, para eles, é inconteste. Mas como ir além do rochedo da castração com estes sujeitos? Em que direção podemos apontar e apostar para alcançar a destituição subjetiva necessária à finalização do tratamento?

Hassoun (2002), no seu livro *A crueldade melancólica*, por sua vez, afirma que na direção do tratamento dos melancólicos, muito mais que em alguns outros casos, trabalha-se a constituição do objeto, trabalha-se um luto não consumado e, citando François Baudry nos diz: "que 'o novo amor que é a fórmula mesma do ato (analítico)' tende a constituir um objeto que permitiria ao sujeito dele fazer o luto" (Baudry, 1988, como citado em Hassoun, 2002, p.69). Asseverando que é pelo intermédio do amor de transferência que o melancólico poderá constituir o objeto. E finaliza esta sua argumentação dizendo que esta é a "condição para que a solidão pare de acenar e que o acesso ao heterogêneo lhe permita compreender que o desejo não tem por mestre nem a crueldade nem a plenitude, mas a falta" (Hassoun, 2002, p. 70).

Alguns outros autores afinados com o entendimento de que o sujeito melancólico não tendo podido ver-se como objeto do Outro a ponto de tomar-se a si mesmo, narcisicamente como objeto, ponderam que isto instalaria uma condição de esboço de constituição do objeto em relação ao qual o sujeito compõe alguma coisa, embora sua patologia não se canse de afirmar que é coisa nenhuma. Afirmando ser nesta oscilação entre o pouco e o nada que ele vem à análise, aproximando-se da morte quando o nada se avantaja e da constituição de uma saída quando o pouco tenta achar lugar. Não deixando de nos alertar, entretanto, que "isto [só] se torna possível quando esse 'pouco' não vem revestido de desvalorização, o que, aliás, é raro" (Mees, 1995, p. 16).

Afirmando que a direção na análise poderia buscar interrogar o que dá para fazer com um pouco de imagem e quanto é possível tornar pouco (no sentido de apequenar) o revestimento discursivo a essa imagem. E, valendo-se da posição peculiar dos melancólicos em face à verdade e à castração, bem como, do fato do imaginário não estar agindo no incremento do recalque, indagam-se, ainda, se isto não abriria a possibilidade de um caminho pulsional outro, a saber, a sublimação? Concluindo que o melancólico com sua lucidez exacerbada e como artífice da palavra que é, poderia, partindo do vazio, produzir algo, um objeto, que dirigido a um outro, como um público, conseguisse colher um olhar de reconhecimento. Ou seja, partindo de um real, inventar um objeto valorizado pela cultura, gerando, com isso, um gozo que desse acesso ao desejo.

Direção semelhante encontramos no pensamento de Lambotte (2000) quando, diferenciando o artista do esteta, vislumbra a possibilidade da resolução da melancolia pela assunção da posição do esteta.

> De um ponto de vista econômico, a repartição da energia pulsional e a relação existencial com o mundo não são nem um pouco as mesmas para o artista e o esteta. Ambos transpõem a realidade ao sabor de seus fantasmas regressivos e ambos a reencontram através de sua manifestação reacional; para um a criação, para o outro a organização. Mas se o artista modela com a ajuda do pincel ou do buril as formas que o obsediam criando por completo as condições de seu retorno ao social, o esteta não parece tão seguro de seu assunto . . . Um repete indefinidamente o ato de verdade por deslocamento metonímico e o outro evita o encontro fatal por uma sucessão de deslocamentos metafóricos. Ambos se colocam numa das pontas daquela corda esticada que faz Freud dizer em "Analyse terminée et analyse interminable" [Análise Terminada e Análise Interminável] que 'é o grau de afastamento ou de proximidade de uma ou de outra extremidade desta série que nos fornece uma medida provisória da modificação do eu [moi], tão difícil deprecisar" (Lambotte, 2000, p. 184).

Para finalizar, e ainda refletindo sobre estas breves considerações em torno da melancolia, eu colocaria mais uma questão: podemos conceber um final de análise para o sujeito melancólico?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abraham, K. (1970). Teoria psicanalítica da libido: Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1977). Edição standard Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (2011). Luto e Melancolia. São Paulo: Cosac Naify.

Hassoun, J. (2002). A crueldade melancólica. (Aguiar, R. Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lambotte, M. -C. (1997). O discurso melancólico. (Felgueiras, S. R. Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Lambotte, M. -C. (2000). Estética da melancolia. (Abreu, P. Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Mees, L. A. (2001). A sublimação na melancolia. Os nomes da tristeza, 21, 29-37. Disponível em: <http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista21.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Peres, U. T. (2011). Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In Luto e Melancolia. S. Freud. São Paulo: Cosac Naify.

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

MANIFESTAÇÕES MELANCÓLICAS

Liane Trece[1]

Resumo: Nesse artigo proponho uma escritura borromeana para as manifestações melancólicas, trabalhando com as 3 dimensões que compõem a estrutura de todos aqueles que habitam o campo da linguagem e dele sofrem seus efeitos: a dimensão do Real, a do Simbólico e a do Imaginário, tendo como ponto de partida as reflexões advindas da psicanálise em intenção, ao mesmo tempo, convido meus leitores a questionar, com a teoria dos nós, a nosografia psiquiátrica herdada por Freud e seus seguidores.

Palavras-chave: Manifestações melancólicas. Melancolia. Clínica psicanalítica. Cadeia borromeana. Teoria dos nós.

MELANCHOLY MANIFESTATIONS

Abstract: In this article I propose a borromean script for melancholic manifestations, working with the three dimensions that make up the structure of all those who inhabit the field of language and suffer its effects: the dimension of the Real, the dimension of the Symbolic and the dimension of the Imaginary, starting from the reflections that come from psychoanalysis in intention, , and at the same time, I invite my readers to question, with the theory of knots, the psychiatric nosography inherited from Freud and his followers,

Keywords: Melancholy manifestations. Melancholy. Psychoanalytic clinic. Borromean chain. Theory of knots.

Quando Sônia Raquel apresentou seu trabalho *As melancolias,* nesse mesmo fórum, em julho, acompanhada pelas intervenções das debatedoras Syra Paim e Letícia Patriota, no instante que Laudinalva finalizava o encontro, e convidava para o próximo fórum, pensei: bom, agosto será a minha vez, só me resta falar a partir dos pontos que foram hoje levantados, e brinquei com as colegas que estavam próximas: vou falar a partir de Sônia e Laudinalva.

Com tantas questões borbulhando na minha cabeça, desde Da covardia moral ao buraco do etna, de autoria de *Aurélio Souza*, seguido de *Algumas considerações sobre o luto*, de *Luiz Alberto Tavares,* acompanhado por *Luto e melancolia – Freud, de Carlos Pinto e Do Luto à Melancolia de Laudinalva Mattos*, foi exatamente isso que tentei fazer.

Enquanto escrevia, me questionava em relação ao que eu poderia contribuir, a partir dos ensinamentos advindos da minha clínica, das ricas reflexões que os colegas já tinham proporcionado sobre o tema *Melancolia* ao logo desse ano.

Foi essa pergunta, como um fio, que norteou esse trabalho, ou melhor dizendo, esse ensaio que hoje apresento, um ensaio onde busquei dialogar com os colegas citados, e com o qual eu me aproximei de algumas respostas que aqui chamo de "conclusões clínicas iniciais", que, longe de serem conclusivas, é uma tentativa de inaugurar um novo tempo de compreender, possibilitando, assim, leituras diferentes daquilo que já tinha sido posto até então. A pergunta que sempre retorna e me faz querer avançar é: como opera uma análise? o que se passa para que a análise em intenção opere na economia psíquica do analisante, ou, se vocês preferirem, na estrutura, provocando uma mudança de posição do sujeito em relação aos gozos que o afetam?

Em outro trabalho apresentado em uma das nossas jornadas de final de ano, a de 2016, eu sublinhava o fato que Freud, ao destacar a importância do rigor da prática, declarava em uma das suas conferências que a atividade psicanalítica era árdua e exigente; não podendo ser manejada como "um par de óculos que se põe para ler e se tira para sair a caminhar". Não, não é tão fácil assim... É uma práxis difícil, muitas vezes solitária, tanto para o analista que, como sabemos, não deve ceder ao seu desejo, quanto para o analisante que, no final da análise, para aqueles que chegam lá, ou até mesmo no seu percurso, se percebe sendo, tanto a mão que afaga como a mão que bate, a lágrima que corre quanto o riso que contagia, a água que apaga quanto o querosene que queima... os lábios que beijam e a boca que morde... aquele que fala de amor à vida quanto o que ama a morte!

E foi para falar dessa prática que tomei como mote a Melancolia... e não foi por acaso. Caminhei, ao logo desses 5 meses, sem pressa e com uma certa prudência, construindo aqui e ali algumas hipóteses, acompanhada sempre pelas questões trazidas nos outros fóruns pelos colegas; dei alguns passos para frente, outros para trás...caminhei e recuei... sim... por que não dizer, por caminhos ainda muito pouco trilhados... mas, como já sabemos, vaguear é preciso...

Syra, no debate do trabalho apresentado por Sônia, em julho, nos ensinou que a clínica se faz com letra e música, as vezes, dizia ela, a letra muda, mas a música continua a mesma, às vezes, é a música que muda, outras vezes, mudam letra e música. As palavras de Syra me remeteram ao que Lacan disse já nos seus últimos seminários se referindo à cadeia borromeana: a clínica é feita de "corte e costura" (vamos ter oportunidade de retornar a esse ponto), na qual o sujeito é seu próprio artífice quando convocado a falar o que lhe passar pela cabeça, não

[1] Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise

importando o quê... Letra e música, corte e costura... uma sutil mudança na forma de se conceber a clínica em intenção na qual Real, Imaginário e Simbólico, enodados borromeanamente, constituem a estrutura de todos aqueles que, habitando o campo da linguagem sofrem seus efeitos e precisam, como os artesãos, saber fazer com isso. Uma estrutura flexível, letra e música da vida e da morte de cada um. Eros e Thanatos sempre presentes em cada sessão de análise. Luta travada sempre que o analisante é convidado a tomar a palavra e começa a falar.

Na sua função de debatedora, Syra pergunta à Sônia, baixinho: "e a melancolia? tem cura?" Eu não sei se ouvi sua resposta ou eu mesma respondi mais baixinho ainda... talvez comigo mesma.. Cura, cura, não tem, a pulsão de morte trabalha em silêncio, já dizia Freud, mas nunca para de trabalhar, está sempre presente; o problema é quando, na luta travada entre Eros e Thanatos, é Thanatos que domina...

Chegando a esse ponto, vou lhes fazer um convite que consiste em nos afastarmos da nosografia psiquiátrica herdada por Freud, e questionada por Lacan no seminário do *Ato*, na qual tudo gira em torno do falo, para tomarmos a *Melancolia* como um efeito da angústia quando da invasão do Real no Imaginário, sem a mediação do Simbólico. Estou me referindo às articulações teórico- clínicas que Lacan inicia ao fazer esse seminário, e vai avançando até ser apresentada a cadeia borromeana, alguns anos depois. Esta escritura da cadeia borromeana, tomada de empréstimo da topologia, acredito que a maioria aqui já conheça.

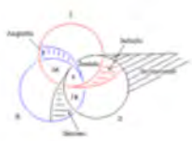
Vou arrumá-la para ficar mais fácil acompanhar, assim, didaticamente bonitinha.

Le nœud borroméen: Si on sectionne un des anneaux, les deux autres sont libres

Por que trabalhar com a cadeia borromeana nesse trabalho sobre a melancolia? Muitos trabalhos já apresentados aqui tomaram o texto de Freud *Luto e Melancolia* como referência. Laudinalva avançou um pouco mais e trabalhando com o Luto no Seminário IV foi até o seminário X, *A angústia*. Aurélio também fez uma passagem pelo seminário X e, como uma antecipação do que seria tratado esse ano, fez uma breve articulação entre diferentes situações clínicas e a cadeia borromeana.

Eu tomei como ponto de partida o trabalho de Laudinalva e, como provocação, o trabalho de Aurélio, retornando ao seminário 22, o RSI. Dois pontos de partida e um de ancoragem, mas ainda não de chegada...

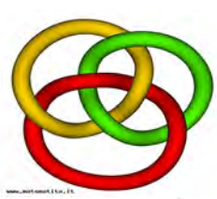
Entendo que a teoria dos Nós apresentada por Lacan, articulada com a clínica a partir do seminário XXI, nos fornece algumas ferramentas importantes para a compreensão de como a clínica opera, mas aceito, de bom grado, o fato de que estas constatações não invalidam o trabalho psicanalítico referenciado à topologia dos significantes e ou à topologia das figuras de superfície, contudo, tomei, mais uma vez, a cadeia borromeana para tentar dar conta dos desafios que a clínica nos impõe.



Além de tirar proveito de poder trabalhar com as 3 consistências, RSI, ao mesmo tempo, na planificação ou achatamento da cadeia podemos inscrever os diferentes campos de gozos que afetam o Sujeito e os seus efeitos, como também os outros diferentes campos que constituem a estrutura: Gozo fálico, Gozo sentido, Gozo do Corpo e o mais de gozar/ sujeito. Inconsciente, pré-consciente e Falo. Morte e Vida no Real, recalque primário, ficção, cultura, religião no Simbólico. Corpo no Imaginário... inibição, sintoma, angústia...

Trabalhando com os lapsos no entrelaçamento podemos identificar qual gozo prevalece em relação aos outros, qual a dimensão que está invadindo o campo da outra e o que é possível fazer, ou seja, como operar sem que com isso precisemos romper uma das consistências, aliás, esse ponto é importante sublinhar, pois, se do seminário 20 ao 23 essa questão não era colocada dessa maneira (lembram que eu falei em corte e costura no início desse ensaio?), no decorrer do ensino de Lacan, a partir do seminário 23, precisamente no 24 e 25, vai ficando mais claro o porquê desses 3 pontos de cruz , pontos de cunhagem, no coração da cadeia, não se desfazerem. Essa é uma garantia clínica e topológica. Ou seja, uma vez atados, R S e I, jamais serão desatados.

Uma cadeia borromeana, enquanto escritura da estrutura do Sujeito, será sempre formada pelas 3 dimensões, moradas dos ditos. R S I.

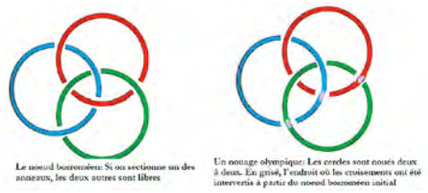


Porém, é a própria teoria dos Nós que nos ensina algumas operações e movimentos possíveis de serem realizados na cadeia borromeana.

AS TRÊS OPERAÇÕES:

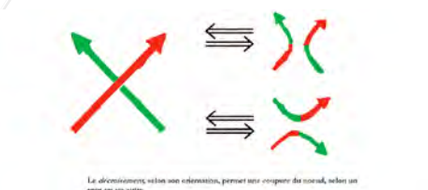
Lacan comenta em um dos encontros do seminário "Ou Pior" que ele realizara uma reunião sobre o "nó borromeano" com a sobrinha do grande matemático Georges Guilbaud, Valérie Marchand, que lhe contou sobre o brasão de armas da família Borromeu. Um brasão que representava a aliança da família, consistindo em três círculos ligados de tal maneira que quando um dos anéis se solta, os outros dois ficam livres. Essa propriedade é específica para a cadeia borromeana, não encontramos, diz Lacan, em outras formas de amarração, como no "nó olímpico", por exemplo, que Lacan chama "o nó do indestrutível", alusão aos neuróticos corajosos que

ele tratou durante a guerra, um nó cuja propriedade é a de que quando você desfaz um dos anéis, os outros dois ficam ligados dois a dois.



Notem que passamos por uma simples operação de inversão de três pontos de cruz para que da cadeia borromeana tenhamos a cadeia olímpica. Os matemáticos chamam esta inversão do que passava por cima passar por baixo de flip (cambalhota), que consiste em transformar um cruzamento em um ponto de cruz oposto graças a uma operação sucessiva de corte: rebonding.

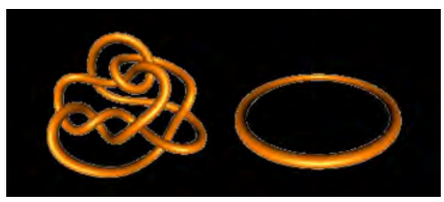
É curioso notar que esta operação cirúrgica no nó foi exposta precisamente no mesmo ano em que Lacan realizou seu seminário XXI, em 1973, pelo matemático inglês John Horton Conway, ao mesmo tempo em que era também apresentada outra operação elementar chamada descruzamento.



O descruzamento consiste em eliminar o ponto de cruz intercambiando os fios, cortando no ponto de cruzamento, e colando-os em um sentido ou no outro, ao longo de dois eixos possíveis, vertical ou horizontal, dependendo se levamos ou não em conta a orientação dos fios. Tem também uma terceira operação, chamada de torção, que consiste em uma operação de recombinação, que são as operações atuais realizadas nos filamentos da dupla hélice do DNA.

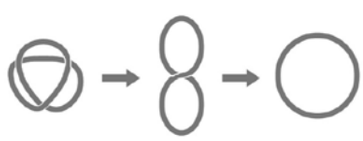
OS TRÊS MOVIMENTOS:

Pela matemática, *"dois nós são equivalentes quando o modelo correspondente a um deles pode deformar-se – estirando-o, contraindo-o ou retorcendo-o – até alcançar a forma do outro, sem romper nem fazê-lo passar através de si mesmo".* (NEUWIRTH, 1979, p. 52 apud MAZZUCA et al, 2000, p. 33)



Portanto, se não cortarmos as cordas ou fios ao deformar um nó e ele chegar ao formato do outro, podemos dizer que são nós equivalentes.

Assim, ainda que dois nós se apresentem visualmente de uma maneira diferente, eles podem apresentar as mesmas propriedades e serem equivalentes. Nesse caso, dizemos que são apresentações distintas do mesmo nó, já que um pode deformar-se no outro, sem romper a corda. Vejam os dois exemplos:



Aqui temos apresentações distintas do mesmo nó trivial. Não parece mas eles são equivalentes. (<http://knotplot.com/knot-theory/>)

A fim de se passar de um nó ao outro nó, existem apenas três movimentos básicos, denominados "movimentos de Reidemeister", que nada mais são do que manobras de mudança, sem corte. (MAZZUCA et al, 2000, p.34). Qualquer deformação que se faça em um nó, necessariamente passará por um desses três movimentos, uma ou mais vezes, ou pela combinação entre eles. Eles são nomeados pelo movimento que sugerem e estão enumerados e demonstrados, como segue:

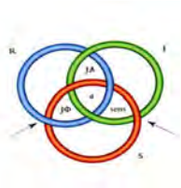
1º. Torção-Desfazimento da torção | 2°. Superposição-Retirada | 3º. Deslizamento – Os três movimentos dos nós (MAZZUCA et al, 2000, p. 34)

Uma intervenção do analista que tenha efeito de interpretação; o relato de um sonho, o trabalho com os sintomas, com os atos falhos, com as manifestações somáticas, com as alucinações e delírios ou até mesmo com as produções artísticas, favorecendo ler de uma outra maneira aquilo que está sendo dito, pode operar na estrutura do Sujeito, realizando uma dessas operações ou movimentos? A palavra, a letra, a polifonia, como um bisturi que corta ou como uma pinça que transforma? Que movimenta a estrutura do fala-ser? Minha hipótese é que sim. É quando na análise, parafraseando Syra, muda a letra ou a música... ou mudam letra e música... algo aí, na estrutura, acontece. É sutil, imperceptível, pois tudo se passa em um outro registro. Se somos M O E B I U S, somos também B O E M I"U"S... é assim que o inconsciente se estrutura... como uma linguagem!

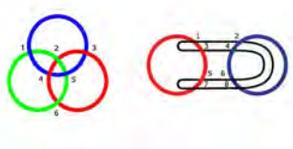
É, como diz Aurélio, um ato de fé, cuja transformação, muitas vezes, só teremos prova tempos depois, pois, na análise em intenção, é o instante de concluir que irá intervir no tempo de compreender, um tempo lógico, tempo de cada um.

Vamos adiante, vamos vagueando, e espero que vocês estejam me acompanhado. Olhem só que interessante: uma das maneiras de se caracterizar os nós é examinar o número de pontos de cruz ou cruzamento que eles possuem. Vimos que o ponto de cruzamento "é o ponto da cadeia – ou do nó – no qual se produz o encontro de duas cordas, em que uma passa por cima e a outra por baixo".

(MAZZUCA et al, 2000, p.39).

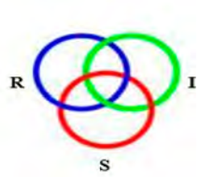


Assim, por exemplo, a cadeia borromeana na forma tradicional de apresentação tem seis pontos de cruz e na forma estirada tem oito, mas, para a matemática, se trata da mesma cadeia:

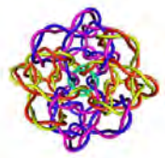


E para a clínica psicanalítica? A quantidade dos cruzamentos não teria efeitos diferentes na estrutura? Analisem essa cadeia: Se o verde for o Simbólico, passa duas vezes por cima do Real, que é o vermelho, na primeira cadeia. E na segunda, sendo o preto o Simbólico, continua passando duas vezes por cima do Real, porém, o Real, também passa duas vezes por cima do Simbólico. Esse detalhe, a meu ver, traz consequências. Outra contribuição importante da teoria dos Nós para a psicanálise é o número de desanodamentos (unknoting number).O número de desanodamentos é "o menor número de trocas nos pontos de cruz de um nó que é necessário efetuar para que o nó se desfaça [desanude], quer dizer, para que se torne nó trivial" (MAZZUCA et al, 2000, p. 45).

Será esse o objetivo, não o fim, de uma análise? Desanodar os nós até chegar ao mais trivial de todos? Aquele que tem menos pontos de cruz? Aurélio já nos alerta que a cadeia borromeana enquanto estrutura, escrita dessa maneira, formada apenas com nós triviais, seria um ideal, seria como se estivesse no paraíso... nirvana total.



Estamos mais para essa:



Mas vejam esse nó com 5 pontos de cruz. Basta uma troca no cruzamento inferior do nó para que ele se torne trivial. Seu unknoting number é 1. Acompanhem o movimento.O desanodamento ocorre no cruzamento médio central do nó, identificado com o número 4.

É interessante notar que se o desanodamento ocorresse em qualquer dos outros pontos de cruz desse nó, seria necessário mais de uma troca para desfazê-lo. Assim, faz toda a diferença localizar o ponto do cruzamento a ser desfeito para que o número mínimo de trocas seja realizado até se chegar ao nó trivial.

Exemplo de desanodamento do nó com 5 pontos de cruz, com erro no ponto 2 e não no 4.

Estes nos slides são os mesmos nós, só que com erros em pontos diferentes.

O que eu considero mais interessante é observar nessa mostração que, conforme a incidência do ponto de erro no nó, o efeito provocado é diferente. Esta questão não passou despercebida por Lacan. A importância dessa invariante para a psicanálise, a meu ver, se associa exatamente com as discussões, durante os últimos seminários Lacanianos, acerca do lapso ou erro na cadeia e, consequentemente, da sua reparação.

Dito isso, lhes apresento mais uma das minhas hipóteses construída a partir da clínica, seja com neuróticos com sintomas psicóticos, seja com psicóticos com sintomas neuróticos... (me surpreendi quando estava procurando, no início desse ano, na internet, o texto de Freud "Luto e Melancolia", com a quantidade de trabalhos intitulados "Clínica da Depressão" ou "Clínica da Melancolia". Não compartilho dessa ideia. Retornando aos textos de Freud, Lacan e outros psicanalistas, considero mais pertinente dizer que há uma clínica conduzida por um psicanalista, com paciência e prudência, como nos adverte Aurélio, com analisantes que sofrem, sofrem pela dor da existência, sofrem pela culpa de existirem, sofrem por carregarem o nome que carregam, por serem o que pensam que são, filhos de quem são... sofrem, e, por sofrerem, buscam a análise, estejam eles melancólicos, enlutados, paranoicos, neuróticos, obsessivos, fóbicos, ansiosos, inibidos, maníacos... então, para mim, não existe a clínica da melancolia ou da depressão, assim como não existe a clínica da neurose ou a clínica da psicose.)

Retomando, minha hipótese é que uma invasão da dimensão do Real, ou seja, uma prevalência da dimensão do Real em relação às outras duas dimensões - a dimensão do Imaginário e a do Simbólico -, causa um desarranjo na estrutura. Quando, diante a invasão do Real no Imaginário, para o Sujeito, situado ali, no coração da cadeia borromeana, falta uma condição simbólica suficiente para poder barrar essa invasão, teremos, como efeito, uma manifestação que nomeamos de melancolia. Aurélio, no último encontro da quinta feira, nos falou de um "encurtamento do Simbólico". A meu ver, um atrofiamento dessa dimensão em relação às outras duas, permitindo assim que o Real avance no campo do Imaginário, afetando o Corpo e gerando angústia. Aurélio se referia às adições, mas penso se tratar do mesmo com os melancólicos.

cadeia com o Simbólico atrofiado

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

Afetado pelos efeitos dessa invasão, o Sujeito sofre do que Kraeplin chamou anestesia afetiva, um apagamento do desejo. Tyszler chama a atenção para o fato do melancólico não demandar nada. Sofre a falta da falta, sofre para além do limite da perda. Nas palavras de uma jovem analisante - "sofro de uma angústia no peito... um vazio... estou perdida em mim mesma".

Para o melancólico, no instante da dilatação do Real, faltam recursos simbólicos e imaginários que impeçam, que barrem a invasão. O sujeito, sofrendo manifestação melancólica, fica mais vulnerável às perdas da vida, fica impossibilitado de fazer uso dos recursos imaginários e simbólicos para fazer frente ao Real, fazer frente ao excesso do Gozo do Corpo, fazer frente à angústia.

Sendo o Luto um saber, vai ser elaborado com elementos simbólicos, elementos que o melancólico não tem acesso. Nosso trabalho, então, não seria o de possibilitar o acesso a esses recursos, na medida em que o analisante é convidado a falar? Inventando sua ficção, seja analisando um sonho, seja se detendo em um ato falho, o analisante não é aquele que é convocado a reescrever os enodamentos existentes entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, desenodando os nós que compõem sua estrutura, de uma forma tal que lhe gere menos sofrimento? Perguntando de outra maneira, o analisante não é aquele que é convocado, na análise em intenção, a reeditar o enredo da sua vida-morte, e que, na medida em que isso vai acontecendo, esse vazio vai sendo contornado uma, duas, três... tantas voltas que sejam necessárias?

Acompanhando em análise sujeitos com manifestações melancólicas escuto nos seus ditos a enorme dificuldade de fazerem o luto quando experienciam uma perda de um objeto da realidade, como me disse uma jovem analisante enlutada, "perdas que fazem parte da vida...", dificuldade de transformar a perda em falta, como nos dizia Syra... transformação necessária para poder seguir com a vida, como cantou o poeta: para "levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima... não importa a queda", não importa o que ou quem perdeu... , vida que segue, mesmo que seja para a morte...

Já nos disseram Luiz Alberto, Laudinalva, Sonia, Carlos Pinto, Denise e Olga, nos seus trabalhos aqui apresentados, que na manifestação melancólica não se trata da perda de um objeto real como no luto... na melancolia trata-se de uma perda de natureza "mais ideal". Nas apresentações dos colegas escutamos que se no luto o sujeito sabe o que ou quem perdeu, na melancolia o sujeito, muitas vezes sabe quem perdeu, mas não o que perdeu neste alguém que perdeu. Laudinalva nos mostrou que Freud já tinha chamado à atenção, em 1915, que uma das características do melancólico é que uma parte do eu se coloca contra a outra, julgando-a criticamente e tomando-a como seu objeto, e que as autoacusações que o melancólico sempre está se fazendo dificilmente é dele que se trata, mas sim de alguém que ele ama, amou ou deveria amar. Autoacusações que na verdade são auto recriminações, culpas que foram deslocadas para o eu.

Essa minha analisante estava enlutada, não melancólica, perdera pai e mãe em poucos meses; o pai, ao saber da doença da mãe, incurável segundo os médicos, dizia ela, morreu... morreu aos poucos... como uma vela, ele foi se apagando... não minha mãe... meu pai... ele entrou numa tristeza profunda... parou de falar... quase não comia... os médicos falaram em depressão... morreu antes da minha mãe... morreu naquele dia...Quando minha mãe morreu, 3 meses depois ele foi cremado...

Naquela sessão chegara a hora de dizer adeus. Dar a volta por cima... Algo quase impossível para o melancólico. Momento de concluir... ela tinha ido a um show, uma balada... e uma amiga apresentou um amigo, um amigo de uma amiga, dizia ela, ele disse "Oi", apenas um Oi, silêncio e continua , eu acho que estou apaixonada.

Vida que segue... hora de destrancar a faculdade e retomar o estágio, seis longos meses já tinham se passado; em outra sessão diz: agora eu estou por minha conta, minha conta, repito, e ela pela primeira vez admite que estava órfã de pai e de mãe, diz... órfã... o que fazer a partir dai? Órfã tomou a forma de um significante novo que foi incorporado ao seu discurso, possibilitando novas produções, novos enlaçamentos, novos enredos. Essa analisante pode, diante do que ela chamou perdas da vida, dar a volta por cima; sofreu, chorou, se revoltou com o pai, com a mãe que a deixou tão jovem... odiou, se culpou por odiar, e voltou a amar. Fez uso de recursos imaginários e simbólicos para conter a dor da perda. No final de uma sessão, enquanto ela imaginava como seria quando ela tivesse filhos, chorando, concluiu: eu estou órfã, mas não estou sozinha, ela se recusou a levar consigo a mortalha da dor.

Minha outra hipótese é que, diferente do enlutado, que diante da perda, tem recursos imaginários e simbólicos para transformar a perda em falta, mola mestra do desejo, afinal, aprendemos desde cedo que quem deseja, deseja o que lhe falta, o melancólico não tem os recursos suficientes para fazer essa passagem, ou seja, não tem condição simbólica e/ou imaginaria suficiente para transformar a perda em falta, restando-lhe o vazio, o inominável, a sombra do objeto... a falta da falta... a angústia.

Aqueles que sofrem de manifestações melancólicas não podem dizer adeus porque não tem a quem dizer... assim, no seu lugar vêm àqueles sintomas tão bem definidos por Freud e já discutidos aqui, nos trabalhos de Aurélio, Sônia, Laudinalva e Olga: desânimo, desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda e qualquer atividade, autoestima baixa, auto depreciação, auto insultos, auto flagelação moral e expectativa delirante de punição. E culpa, muita culpa!

Para o sujeito em estado de melancolia não existe solução simples, tudo é visto com muita dificuldade, não existe qualquer tipo de redenção. Para esses sujeitos, o que lhes restam se não se vestirem com a

mortalha da morte? Talvez seja isso o melhor que eles podem fazer por si mesmos, naquele momento.

Para terminar, vou deixando vocês pedindo licença ao poeta Toquinho, companheiro de Vinícius, pois, utilizando alguns recursos simbólicos, farei pequenas transgressões, alguns ajustes necessários na letra, para ir me despedindo...

Tem dias que eu fico pensando na vida
E sinceramente não vejo saída.
Como é, por exemplo, que dá pra entender:
A gente mal nasce, começa a morrer.

Depois da chegada vem sempre a partida,
Porque não há nada sem separação.
Sei lá, sei lá, a vida é uma grande ilusão.
Sei lá, sei lá, só sei que ela não está com a razão.

A gente nem sabe que males se apronta.
Fazendo de conta, fingindo esquecer
Que nada renasce antes que se acabe,
E o sol que desponta tem que anoitecer.

De nada adianta ficar-se de fora.
A hora do sim é o descuido do não.

Sei lá, sei lá, não sei...!!!!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tyszler, J-J. As depressões, o luto e a melancolia. Recife: Espaço Moebius Psicanálise , 2017.

Freud, S. [1915]. Luto e Melancolia. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.XIV.

Lacan, Jacques. O seminário, livro 10: A Angústia. Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito.

_____. O seminário, livro 15: O Ato analítico. Inédito

_____. O seminário, livro 19: ...Ou Pior. Espaço Moebius Psicanálise. Inédito

_____. O seminário, livro 22: RSI. Inédito

Mazzuca, R., Schejtman, F., Zlotnik. Las dos clínicas de Lacan, introducción a la clínica de los nudos. Buenos Aires: Tres Haches, 2000.

Toquinho. Letra da música: Sei lá... a vida tem sempre razão. https://www.letras.mus.br/toquinho/87372/

topos

FORMAS E ESTRUTURA DO TRAUMATISMO PSÍQUICO[1]

Thatyana Pitavy[2]

Resumo: O presente texto trata das formas clínicas do traumatismo em sua relação com a estrutura. Nossa hipótese é que existem várias formas clínicas do trauma, não obstante, o seu impacto na estrutura vai ser sempre o mesmo. Tomando a topologia lacaniana como suporte de leitura, podemos dizer que este lugar de impacto é o triskel da cadeia borromeana, onde Lacan localiza o objeto « a ». Todo evento potencialmente traumático, atual, vai recobrir esse ponto-buraco (triskel) da cadeia borromeana produzindo um efeito de telescopagem. Dessa forma, toda resposta do sujeito será em relaçao a esta letra " a ".

Palavras-chave: Trauma. traumatismo psíquico. Estrutura. Real. Simbólico. Imaginário.

FORMS AND STRUCTURE OF PSYCHIC TRAUMA

Abstract: The present text deals with the clinical forms of trauma in its relationship with the structure. Our hypothesis is that there are several clinical forms of trauma, however, their impact on the structure will always be the same. Taking the Lacanian topology as a reading medium, we can say that this place of impact is the triskel of the borromean chain, where Lacan locates the object "a". Every potentially traumatic event, today, will overlap this triskel of the borromean chain, producing a telescoping effect. In this way, every response of the subject will be in relation to this letter "a."

Keywords: Psychic trauma. Structure. Real. Symbolic. Imaginary.

[1] Texto original: Formes et structure du traumatisme psychique. Tradução: Denise Carvalho Barbosa, psicanalista e Membro do Espaço Moebius Psicanálise.

[2] Psicanalista. Membro da Association Lacanienne Internationale (ALI) – França, e Membro correspondente do Espaço Moebius Psicanálise.

A nossa tarefa aqui não é simples, pois definir, descrever, e mesmo tratar o que chamamos *traumatismo*, hoje, não vai sem passar por uma certa experiência, ou seja, por isso que fez *trauma* en cada um de nós. O que me parece instrutivo é a maneira por onde cada um tenta agarrar a coisa. Nisso em que a palavra não é a coisa, não é suficiente dizer trauma para se dar conta do que é um traumatismo. O embaraço com o trauma, é que se trata de um significante sobrecarregado de sentido, ele nos empurra para uma armadilha, se associando muito rápido a certas figuras do trágico, precisamente, às nossas próprias figuras do trágico, e que acabamos por concluir que este trágico é, para nós, a verdade, o irrefutável e que, então, tudo está dito.

Pode ser que haja verdade no trágico, mas, para a psicanálise, me parece que só podemos nos referir à verdade do sujeito, ou seja, as formações do inconsciente, as posições fantasmáticas frente ao Outro, quando esta emerge à superfície de alguma forma.

Há também um outro ponto que me parece problemático, em todo caso, que parece nos enviar diretamente sobre a doxa freudiana, a saber as « neuroses traumáticas », e as « neuroses de guerra », dito de outro modo, a isso que chamamos o « verdadeiro » trauma, já que lá, também, temos a impressão de que tudo está dito.

Digamos que, quando se trata de traumatismo, somos confrontados com nomeações tão poderosas, muitas vezes fixistas, que nenhuma dialética parece desejável. E não é porque falamos de trauma que estamos prontos a mobilizar o que é da ordem do traumático, o que não é nada surpreendente, já que é próprio de sua estrutura. No entanto, o que dizer do traumatismo como uma figura da modernidade? Podemos dizer que os traumatizados andam pelas ruas, que isso não é mais um tabu, tornou-se mesmo uma identidade : "estou (sou) traumatizado". É claro que, na atualidade, não podemos mais pensar o *traumatismo* sem levarmos em consideração o lugar que este significante traumatismo ocupa na cena política, jurídica, social, médica e, claro, na psicopatologia individual do sujeito. O certo é que, a partir do momento em que este significante foi elevado à categoria de uma normalidade, ou mesmo de uma reivindicação, não podemos mais tratá-lo da mesma forma.

Os serviços especializados para os "traumatizados" continuam a se multiplicar ; onde está a oferta e onde está a demanda? Qual tratamento? Paradoxalmente, quero dizer que isso nos demanda mais rigor clínico e ético. Charles Melman levantou a questão, em 1995, em uma palestra feita em Bruxelas - « quem não tem seu trauma? », enquanto que hoje podemos interrogar : quem não é traumatizado? Ser ou ter? Ser e ter ? Como sempre, esta questão de fundo: quais são as consequências desta inclusão maciça do traumatismo na vida psíquica e social de nossos dias? Recordando, aqui, que "o inconsciente é o social."

Os fatos diversos, o terrorismo, as migrações, as doenças, as guerras, as catástrofes naturais não cessam de nos confrontar, nos forçam a aprender a lidar, a *saber - fazer* com isso. Podemos dizer que esta inclusão, esta exposição ao traumático poderia ter contribuído para simbolizar nossa relação com Real, nossa relação com o traumático, justamente, uma vez que ele está sempre lá e que não temos escolha ; constantemente somos confrontados com isso, mas, parece que isso vem tomado uma outra direção, uma direção realmente imaginária, ou seja, isto vem se cristalizando em uma forma, em uma identidade, nesta outra figura da nossa modernidade: a vítima. E a vítima se ancora nesta conclusão lógica: « isto é injusto ». O sentimento de injustiça, isso vai longe, a injustiça...

Não há lei no Real, ainda menos quando ele golpeia, então, injustiça de quê, feita por quem ? Quem vai pagar por isso? Reparar isso? Basta dizer que estamos longe de resolver essas questões. Simbolizar

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

o Real, ou realizar o Imaginário, eis aqui o impasse. Uma coisa é certa, clinicamente falando, os efeitos não são os mesmos, segundo a operação escolhida. Realizar o Imaginário, pode-se ver onde isso vai, vai do lado da vítima onde encontramos os fantasmas fundamentais em cena: « bate-se numa criança », o parricídio, o fantasma de sedução, etc. E simbolizar o Real, seria o quê ? No caso do traumatismo, há esta operação arriscada, ou seja, aceitarmos toda forma de horror, transformar isso em uma normalidade, podemos dizer: eis aqui, mais um tiroteio, mais uma bomba, mais um estupro, etc. E isso vai se encaixando sem dificuldade na série de fatos diversos, alimentando o nosso apetite do pior.

Recentemente, numa emissão de TV, assisti a um programa que se intitulava *"jogar com o real"*. Um jogo interativo no qual o jogador, por exemplo, pode se colocar na pele de um sírio ; ele deve responder, em tempo real, aos perigos e às vicissitudes deste sírio que vai partir do seu país em guerra até encontrar um país de exílio. Podemos escutar neste *jogar com o real*, um tratamento, talvez possível, destas questões que nos interrogam aqui, uma maneira de sair deste impasse: simbolizar o Real ou realizar o Imaginário ? Podemos ler, neste jogar com o real, um imaginarizar o Simbólico do Real absolutamente experimental entre esses jovens jogadores, que merece uma observação clínica: o jogador tem que fazer, constantemente, escolhas éticas para salvar sua vida: matar, roubar, fugir, transgredir. Tudo isto se passa *on line* com outros jogadores, ou seja, toda experiência potencialmente « traumática » vivida pelo sujeito sírio é imediatamente compartilhada, falada, discutida em rede. Isto poderia quase se assemelhar a um terapia comportamental, mas me parece ser outra coisa. Parece que encontramos nestes jogos interativos uma outra possibilidade : um simbolizar o Imaginário do Real que me parece interessante.

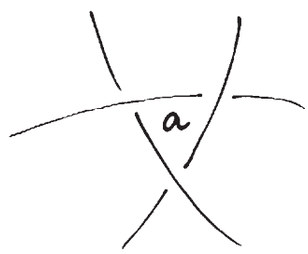
ESTRUTURA E FORMAS DO TRAUMATISMO

O que observo na minha prática, é que os traumatismos psíquicos assumem formas bastante diferentes, surpreendentes, totais, parciais, conforme cada sujeito, e seria restritivo conformá-los à neurose traumática (neurose de terror de Kraepelin) ou ainda, à sua sintomatologia extrema, a neurose de guerra. As formas puras do trauma, de minha parte, eu não conheço, nunca encontrei isso que nomeamos o verdadeiro trauma. Admito que, desde que falamos do trauma « autêntico », « verdadeiro », isso me toca em algum ponto. Eu ouço no trauma « verdadeiro » uma alusão à verdade, ao sagrado, ao UM, em outras palavras, ao pior dos traumas ! Ao mesmo tempo, quando alguém diz « verdadeiro » supõe-se que haverá também um « falso », foi aí que o pitiatismo (sinônimo de histeria) encontrou terreno na medicina, este é um neologismo que veio especificamente do campo da neurologia, por Babinski, em 1901, para distinguir as lesões nervosas reais daquelas sem causas orgânicas.

É evidente que existem diferentes formas de trauma, formas mais extremas, pode-se dizer, reais, mortais e/ou sexuais, contudo, não podemos perder de vista que o Real em Lacan não é sinônimo do verdadeiro, mesmo se há uma parte de verdade no Real. Parece-me que há uma diferenciação importante a se manter. Esta sequência que vai do verdadeiro ao Real e do Real ao pior não é assim tão óbvia. O Real, no final do ensino de Lacan, muda de roupa, ele já não é mais o indizível, o impossível, o inimaginável ; Lacan dirá isso : "que o Real é o possível na espera de que ele se escreva". Eu diria que se trata aqui de um Real contingente e não mais do Real como impossivel. O Real humano é RSI, isto significa que ele faz cadeia com o Simbólico e com o Imaginário. E que o Real do trauma é também o Real humano, nesse sentido que somos, infelizmente, capazes do pior, e isto é sempre muito estranho.

Podemos dizer que sempre há traumatismo quando de um encontro inesperado com o Real. Que seja com o Real da morte, da vida, do sexo, do amor, do ódio, da lalíngua, do Outro... E, mais uma vez, o que é da ordem do traumático não é necessariamente o pior. O que é certo, é que se trata de uma reviravolta, de um espanto, de uma sideração, muitas vezes uma báscula, de um sem sentido e de um excesso de sentido. E o que é perturbador, é que tudo isso será também a possibilidade para um sujeito de retomar a vida de outra forma. Sob certas condições, é claro, para isso ele deve poder escrever ou dizer algo desse encontro.

A propósito do traumatismo, há essa ideia de que o *troumatismo* primeiro, para retomar este neologismo lacaniano, é operado pela linguagem - o Simbólico que faz buraco no Real - operação que inscreve o sujeito na estrutura da linguagem, tempo do recalque originário. Por outro lado, no caso de um acidente real, do que chamamos de um « trauma real » o sujeito se faria ejetar da estrutura da linguagem. Então, o que dizemos? Que quando confrontado a um trauma real, não haveria mais vida fantasmática para o sujeito, que seria o nada, o choque, a pulsão de morte que se desencadeia ? Digamos que esta é uma tese que merece ser clinicamente interrogada. Em todo caso, ela deve ser questionada a longo termo, quero dizer com isso que o trauma acaba fazendo uma dobra, uma ruga na vida do sujeito, ele vai acabar tomando uma forma.



TRISKEL

Então, se seguimos essa lógica, vamos dizer que por onde isso entra na estrutura, é também por onde isso sai. Falando em termos topológicos, é o mesmo buraco. Gostaria de introduzir esta hipótese: que este encontro com o Real irá produzir um tipo de telescopagem, de recobrimento de um buraco por outro, o encontro do atual com aquele que já estava lá, ou seja, o buraco da estrutura. E que o embaraço para nós, é que, uma vez um sobre o outro, já não somos mais capazes de fazer uma distinção.

Charles Melman traduz isto no artigo que mencionei anteriormente, como um segundo nascimento. Um segundo nascimento, no sentido de que o traumatismo redefine o contador para zero. Ele reenvia o sujeito a esse ponto zero, a este ponto-buraco original, a este lugar fora da representação, lugar do trauma por excelência. Lugar do recalcamento que, na topologia lacaniana, é equivalente ao tryskel da cadeia borromeana, o coração do nó.

Eu recebo alguém que me fala de um momento muito específico da sua vida nesse mesmo termo : "foi como nascer de novo". Primeira descompensação psicótica aos 17 anos, delírio com conotação messiânica, cristã. O delírio irá evoluir com a ideia de uma missão a cumprir... Neurolépticos. A vida continua, ele encontra uma namorada, Grace.

Alguns anos depois, Grace fica grávida, ele tem 24 anos. Nova hospitalização: ele luta, violentamente, contra uma coisa que 'quer entrar nele' à força. Alguns dias antes de ser pai, antes do parto, ele recebe alta do Hospital. Em seu retorno para casa, no metrô, ele faz essa « passagem ao ato », ele se joga nos trilhos. Um momento que ficou para ele completamente enigmático, traumático, totalmente desenodado de sentido, um buraco negro, "não lembro de nada," diz ele. Reanimação, coma. Ele perde uma perna. Amputado, ele se torna pai, e é então que ele se surpreende de viver um segundo nascimento com esse acidente. Qual acidente? O apelo dos trilhos do metrô, onde ele perdeu uma perna, ou bem o apelo do nome do pai, o tornar-se pai ? Tudo isso me parece bem intrincado. Todo o delírio cessa e durante três anos ele se sentirá realmente muito bem. Até que, lentamente, o delírio retorna e ele acaba aceitando que esta coisa preta, viva, poderosa, entre nele ; ele a incorpora, o diálogo torna-se interno, agora ele vive com este intruso no seu ventre. Traumatismo e psicose.

Encontro na minha prática sujeitos marcados por eventos dramáticos, traumáticos. Sujeitos que estiveram em guerra, que abandonaram o seu país, sua língua, sua família, sujeitos que sofreram estupros, que têm doenças fatais, que foram abandonados na infância, que não foram amados, sujeitos que vivem sós, às vezes na rua, agorafóbicos, hipocondríacos, que vivem lutos impossíveis, ciúmes patológicos, depressões crônicas. Traumatismos eu encontro, sobretudo, entre os pacientes dependentes de drogas. Recentes estatísticas na França relatam que a cada dois sujeitos traumatizados, um faz uso de drogas psicotrópicas e/ou álcool. É bastante, como estatística, 1 em cada 2. Constatamos igualmente nesta clínica que, muitas vezes, o toxicômano tem em seu percurso de vida uma cena traumática organizadora da adicção. Isso se intrinca tanto que não podemos mais tratar de um sem o outro, falar de um sem o outro. Traumatismos e toxicomanias.

O traumatismo não é sempre uma resposta direta e imediata ao Real. Clinicamente, isso se apresenta sob uma forma parcial e mascarada ; na maioria das vezes, o sujeito leva sua vida « normalmente », porém, a cada golpe duro, isso será revivido lá, no mesmo lugar. O que constatamos é que o traumatismo vai ocupando um lugar, vai criando um sentido pela repetição, ele acaba se tornando um operador de ek-sistência, um ponto fixo, uma identidade. Podemos fazer esta outra observação um pouco lateral, mas muito clínica, a propósito das datas de aniversário : importante identificar, lá, também, o retorno do traumatico é certo.

Acompanho uma mulher que perdeu sua filha em um acidente de trem, de uma forma muito violenta, ela veio consultar-se por causa disso. Um luto impossível : todos os anos, um mês antes da data de "aniversário da morte" da filha, ela se deprime e começa a alucinar, vê sua filha em alguns cantos da casa. Disso ela me fala pouco, me diz que não vou acreditar nela – é importante sublinhar que não estamos aqui num quadro de psicose. Nesse período ela para de trabalhar e interrompe a análise; só retorna alguns meses mais tarde, quando as alunicações cessam. No ano passado isso durou mais tempo, seis meses sem notícias ; fiquei sabendo, depois, que ela tinha perdido seu pai nessa época. Alguma coisa se deslocou no espaço-tempo, pois nesse ano ela retomou a análise onde geralmente interrompia, ou seja, um mês antes do aniversário da morte de sua filha. O pai lhe deixou uma herança, então ela quer se mudar, mudar de casa, tudo lhe lembra sua filha, há vestígios dela em toda parte... " Acredito que fiz o luto", diz ela. E continua: "Sim, vou me mudar, mas eu vou levar o corpo dela comigo, eu devo garantir que seu túmulo esteja sempre limpo. Eu lamento por não o ter cremado, teria guardado comigo na casa nova". Ela vai todos os dias ao cemitério para vê-la. Podemos desenterrar um morto? O que é um corpo morto? Ela diz, "Sim, é um pouco mórbido tudo isso..." Em todo caso, a morte do pai parece vir deslocar alguma coisa, desenterrar algo... Mas o que observamos é a dificuldade de se descolar desse corpo morto. Deve-se dizer que ela mantinha um relacionamento muito próximo com sua filha, elas eram como *unha e carne.*

Mais um ano se passa. O apartamento antigo foi vendido e uma nova casa é assinada. Ela se dá conta de que a morte de sua filha lhe permitiu falar sobre ela, sobre sua história, sobre sua relação incestuosa com seu pai, pai que viveu toda a sua vida em busca de um rastro de seus próprios pais deportados no momento da guerra, pai que morreu sozinho e que foi encontrado em um estado de decomposição em casa. Em suma, o corpo de sua filha finalmente fica onde ele está. É curioso o movimento, a saída de um luto impossível por um outro luto. Seria este o efeito de telescopagem, às vezes mesmo de coincidência, de contingência que permite um tratamento possível do trauma? Em todo caso, ela vai bem, ela está pronta para começar uma nova vida. Traumatismo e psicanálise.

Isso tudo traz certas questões e certas dificuldades de leitura, ou mesmo uma certa fronteira : a partir de quando alguém está realmente, genuinamente, traumatizado? Isso também levanta a questão das estruturas clínicas - neuroses, psicoses e perversões "traumatizadas". Nenhum sujeito está imune ao pior, e qualquer resposta a isso é traumática em si. Gostaria apenas de acrescentar que isso que é traumático, não é necessariamente o pior em seu estado bruto, o traumatismo já é um tratamento para isso. Dito isto, continua muito difícil quantificar, qualificar o impacto traumático em um sujeito, não sabemos o que é isso. A catástrofe, o acidente não é o trauma, é o instante do encontro com o Real. Em todo caso, isso que aparece como uma evidência do encontro com o pior, demanda ser sempre interrogado, nós podemos ter surpresas, pois ele não está sempre lá onde acreditamos vê-lo...

Para concluir, gostaria de retornar a esta hipótese de uma telescopagem, propondo-lhes a seguinte leitura : um acidente, tal como um relâmpago, não cai em qualquer lugar, quero dizer que ali haverá um apelo, um ponto de impacto muito preciso, um único ponto nodal (Real) da estrutura capaz de aguentar um tal choque. Como já avancei, o ponto-buraco ao qual me refiro é o Tryskel. Quando uma catástrofe real ameaça a vida real do sujeito, serão as três dimensões RSI, os três planos da estrutura que vão ser atingidos e solicitados ao mesmo tempo. O tryskel no coração do nó, é este ponto-buraco triplo, RSI, Real, Simbólico e Imaginário, ele toma diferentes formas: vamos dizer que é ponto-buraco gerador do nó, ponto de cerramento ; Lacan o equivaleu ao recalque originário, nó paranóico do sujeito, ele é também lugar vazio – incorpóreo, fonte de possíveis identificações, transmissões e fantasmas, porque é bem aí que Lacan localiza o objeto "a".

Avançarei dizendo que este lugar-buraco é gerado pela incorporação da dita primeira identificação ao pai em Freud, esta de totem tabu, do pai da horda. Topologicamente, é um lugar invariante da estrutura porque é o coração do nó do trevo e do nó Borromeano, eu diria que se trata aí de uma invariante paternal. Isto vale enfatizar que todas estas formas têm somente uma estrutura topológica : o buraco, o troumatisme. Este lugar-buraco invariante, lugar do pai, dos nomes do pai (RSI), revela-se, no entanto, um lugar vulnerável e opaco. Nós não sabemos exatamente o que é isso, o que encontramos lá... Lá, a clínica não cessa de nos mostrar que cada um faz com suas possibilidades e suas carências. Muitas vezes nos interrogamos, por que expostos a um mesmo evento potencialmente traumático, nem todos nós saimos de lá traumatizados ? Uma vez mais, creio que é esta questão do pai original, Pai Real que é chamado e que chamamos nestes momentos muito extremos de um encontro com o Real. Em outras palavras, quando há apelo e que somos chamados, seremos obrigados a responder, e lá, cada um responde do seu próprio buraco, em seu nome próprio, e isso vai depender do que foi bordeado, construído em torno deste lugar vazio, é daí que a resposta virá a se esboçar. Eis porque as respostas são tão diferentes, elas não solicitam o mesmo tipo de fantasma em cada um de nós.

Qual a consequência clínica? Creio que quando há um traumatismo, esta letra "a" que vemos no coração do nó, não aparecerá mais em sua estrutura de furo como o objeto da falta, causa do desejo, objeto do fantasma S (barrado) < > a, isto quer dizer que, após o impacto, ela vai emergir na superfície em forma de um disco, ela irá se mostrar em uma forma esférica, compacta e plena, em outras palavras, torna-se positivada. Nos aproximamos de um quadro clínico curioso, pois passamos do buraco à superfície. Ora, o fantasma não será mais organizado em torno de uma falta, desse objeto « a » causa do desejo. Como vocês sabem, esses acidentes reais deixam traços, cicatrizes, estigmas, provas no corpo que são irrefutáveis. A prova de que o Real passou por lá.

Minha hipótese é que a « verdade » do sujeito encontra-se aqui realizada, ou seja, um fantasma realizado. Em outras palavras, o sujeito se encontra em um lugar que podemos chamar homeomófico desta letra "a" que lhe designa. Se concordarmos em dizer que o sujeito se encontra reduzido a isso, a fazer relação com isso, então, eu defendo a tese de que não há abolição do fantasma em um caso de um trauma real, mas sim a sua realização. Extase...

Obviamente que esta questão do objeto "a" esférico, não é sem nos lembrar também o quadro clínico da melancolia. Lacan tem esta fórmula interessante, ele fala do "suicídio do objeto", há algo dessa natureza no caso do traumatismo. A questão é como saimos disto, deste efeito de superfície e desta esfericidade, como fazer para pararmos de tomar tudo ao pé da letra?

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

POR ONDE CAMINHA O SUJEITO? ENTRE TRAÇOS, RASTROS, SIGNIFICANTES...

Lorena de Assis Reis[1]

Resumo: Embora a identificação seja um termo que se apresenta em todo o percurso nas obras de Freud e Lacan, ainda sim, apresenta lacunas e dificuldades em dar conta de sua definição e de sua implicação na construção do sujeito. O presente texto busca uma leitura da construção teórica em que os autores, através da identificação, tentam definir o sujeito da Psicanálise.

Palavras-chave: Identificação; Incorporação; Traço unário; Cadeia Borromeana; Sujeito da Psicanálise.

WHERE DOES THE SUBJECT GO? AMONG TRACES, TRAILS AND SIGNIFIERS...

Abstract: Although "identification" is a term that is presented throughout the works of Freud and Lacan, there are still gaps and difficulties in accounting for its definition and its implication in the construction of the subject. The present text seeks a reading of the theoretical construction, in which the authors attempt to define the subject of psychoanalysis through "identification".

Keywords: Identification. Incorporation. Unary Trace. Borromean Chain. Subject of Psychoanalysis.

Começo esse trabalho abordando o conceito da identificação. Esse é um termo que se relaciona a vários conceitos e nos leva a diversas interpretações na teoria psicanalítica. Esse estudo me permitiu pensar a identificação como forma constitutiva do Sujeito, as outras identificações em diversos momentos da construção da teoria psicanalítica e o que é possível pensar sobre a identidade.

[1] Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise.
E-mail: lorenareis1@gmail.com

"Quem sou?"

A concepção clássica, segundo o movimento do Iluminismo de Descartes, diz que a razão humana seria a única forma da existência: se penso, logo sou! A Teoria psicanalítica pensada por Freud vem na contramão disso, nos deixando pistas, através do inconsciente, de que onde não penso é ali que há sujeito. A razão estaria fadada a um grande equívoco no entendimento de quem sou. Então, como sei quem sou?

Freud (1921) em *Psicologia das Massas e Análise do Eu,* no famoso capítulo VII, relata que a Psicanálise concebe a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa, em outras palavras, constitui a forma original de laço emocional com um objeto. Ele nos diz, também, que a identificação é parcial, extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço. Ele usa o termo *Einziger Zug* – traço único. A identificação tem um papel fundamental não somente na constituição do sujeito, mas também na formação de grupos.

A primeira identificação, segundo Freud, é ao pai; esta desempenha um papel determinante na Pré-história do Complexo de Édipo e precede a escolha de objeto. Comporta-se como um derivado da fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou o objeto desejado e estimado e, assim, o aniquilou enquanto objeto. É nos canibais que ao devorar o seu inimigo tem que haver uma "afeição", incorporando partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquirem-se as qualidades da mesma, aqueles que eles não admirem, não são devorados. Essa identificação traz o termo da incorporação, relacionado ao pai da horda. Para Freud, em Totem e Tabu, diz que no ato da devoração, "os irmãos forçavam a identificação com ele, cada um se apropriava de um fragmento de sua força" (Freud, 2012 [1912- 1913], p. 217).

Para Lacan, no *Seminário IX* (2003 [1961-1962]), a

forma de identificação chamada incorporação ao pai remete a algo no nível do ser do corpo, o que nos envia para a essência ausente desse corpo. Ao incorporar "a força" não está incorporando algo material e sim algo da ordem do ser do outro: o mais "inapreensível dele". Segundo Clara Cruglak, no seu livro *Clínica da Identificação,* no banquete totêmico, a incorporação "não é algo que vai formar parte do corpo, mas porque o que se incorpora faz o corpo, no tempo em que se faz corpo" (Cruglak, 2001, p. 32).

Porém, o pai morto se tornará um pai simbólico, pois após seu assassinato (ele que gozava de todas as mulheres), se instaura a lei. Nenhum filho aglutinaria o gozo, tornando o pai sempre presente mesmo que ausente. É o pai da horda elevado ao lugar de Ideal. Algo, segundo Clara Cruglak (2001), da identificação primeira da qual ninguém é testemunho, em um lugar onde não há nada, vazio, que se propõe como saber absoluto.

No texto *O Eu e o Isso*, de 1923 (2011b), na parte III, Freud afirma que por trás do Ideal do Eu, se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Essa não parece ser resultado de uma intervenção objetal, é uma identificação direta, imediata mais antiga do que qualquer investimento objetal.
A identificação ao Ideal seria para Lacan da ordem imaginária, como também o é a identificação especular do estádio do espelho, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – imago. Esse "é você" irá resultar num "sou eu". Diz Lacan:

> A assunção jubilatória de sua imagem especular nos parecerá, pois, manifestar a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Essa forma deveria ser designada por Eu-Ideal . . . no sentido que ele será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos como funções de normalização libidinal (Lacan, 1998 [1949], p. 97).

Segundo Lacan, no texto *Os dois narcisismos,* a pulsão libidinal está centrada na função do imaginário. "Ela faz a unidade do sujeito e nós a vemos projetar-se de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, ligada ao sentimento, ao Selbstgefühl, que o ser humano, o Mensch, tem do seu próprio corpo" (Lacan, 1986 [1953-1954], pp. 147-148).

O segundo narcisismo, como ele assim relata: "é a identificação ao outro" (Ibidem, p. 148). Isto é, o sujeito se veria numa reflexão em relação ao outro, uma relação ao Ideal do Eu. A identificação com o ideal é um traço. Não seria mais do eu-ideal e sim do ideal do eu. Aqui haveria uma ascensão ao simbólico.

A identificação posterior em Freud (1920-1923), já no campo das escolhas objetais, é mediante uma regressão a um traço, como uma qualidade compartilhada com alguém, a identificação histérica é um exemplo disso. O Eu adota características do objeto, nesse caso a identificação se mostra parcial, tomando apenas um traço da pessoa-objeto, alienada ao Outro.
Na verdade, a primeira identificação seria condição para haver a segunda, sendo esta última, a tentativa de retomar o estado anterior, da primeira, em que identificação e relação amorosa não estavam diferenciadas.

A identificação também é vista como a constituição de um ideal na formação de grupos. Para Freud (1920-1923), essa ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante e que se pode conjeturar que esteja ligado a um líder. Aqui se pode pensar que é o pai morto da horda que se eleva ao lugar de ideal.

Poder-se-ia pensar, portanto, que toda identificação posterior àquela da incorporação tende a ser regressiva e busca alcançar o ideal desse pai da horda? A esse respeito, nos diz Lacan: "Esse tempo é impossível de eliminar, após o assassinato do pai surge . . . este amor supremo pelo pai, o qual faz justamente desta morte do assassinato original a condição de sua presença doravante absoluta" (Lacan, 2003 [1961-1962], p. 205).
"Eu sou...", dizer isso não se torna uma garantia que o sujeito tem para se reconhecer. Não é suficiente para responder as questões da identificação. Trata-se aqui da ideia de que não há intencionalidade na identificação. Lacan nos diz no *Seminário IX – A Identificação* – que o pensamento, em suma, não exige em absoluto que se pense no pensamento (Ibidem, p. 17).

Então como me reconheço?

A lógica fálica: Ser o falo ou ter o falo? Nessa operação lógica, o operador é o falo. Como afirma Lacan, "a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei" (Lacan, 1983 [1957-1958], p. 198).
Freud irá trazer o Complexo de Édipo, período em que essas escolhas de objeto pertinentes ao primeiro período sexual e relativas ao pai ou a mãe resulta normalmente em tal identificação e assim reforça a identificação primária.

No decorrer do Édipo, o investimento objetal da mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar, ou surge uma identificação com a mãe ou o fortalecimento da identificação com o pai. Para Lacan, o Édipo tem uma função normativa, não simplesmente na estrutura moral do sujeito, nem de suas relações com a realidade, mas quanto a sua assunção de seu sexo (Ibidem, pp. 170-171).

Para Lacan, existem três momentos que descrevem o Édipo. No primeiro, o sujeito se identifica de forma imaginária a ser o objeto de desejo para a sua mãe – ser o falo. Essa identificação imaginária busca uma função unificadora do ser, nesse momento o pai se apresenta no discurso de forma velada.

No segundo momento, seria caracterizado pela intervenção do pai, o objeto do desejo da mãe, até então apresentado sob a forma de falo, é substituído pelo pai como símbolo – a metáfora paterna. Pois bem diz Lacan, o pai aí não é o objeto real mesmo que tenha de intervir como objeto real para dar corpo à castração. Mas o que ele é? O pai é uma metáfora e por ser metáfora, o pai é um significante que se coloca no lugar de outro significante. Diz

mais, a função do pai no Complexo de Édipo é ser o significante que substitui o primeiro significante na simbolização, o significante materno (Ibidem, pp. 180-181).

Aquele que vem como terceiro e priva alguém daquilo que ele não tem, incide o complexo de castração: o pai entra em jogo como portador da lei – a lei da proibição do incesto. Mas para ter o falo é necessário instituir numa lógica simbólica de não ser possível tê-lo, já que ninguém de fato pode tê-lo. Reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar, na medida em que se faz com que surja na existência como símbolo.

No terceiro momento, o da saída do Édipo, o pai aparece como sendo aquele que pode dar à mãe o que ela deseja e pode dar porque o possui. É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo e não que o é, que se pode passar à dimensão do falo não como aquilo do que a mãe pode ser privada, mas essencialmente, como objeto desejado da mãe.
Essa saída é favorável na medida em que há identificação com o pai neste terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se *Ideal do Eu*, esse é o momento em que o complexo de Édipo declina.

A metáfora paterna institui um momento estruturante para o sujeito, afastando-o do assujeitamento imaginário, ao mesmo tempo que o eleva à dimensão simbólica, levando-o ao status de ser desejante.

Para Lacan (1983 [1957-1958]), o processo de identificação, na saída do Édipo, é uma troca do objeto para uma função significante para o sujeito. Nessa operação, o desejo sofre uma substituição, o desejo inicial na relação primordial com o objeto (na relação mãe e filho) é recalcado e um outro desejo surge em seu lugar, devido a rivalidade ao pai a criança procura se revestir das insígnias do pai e o desejo sofre uma substituição, essa nova forma se chama o ideal do Eu. Esse objeto que se torna um significante, ocupa o lugar no sujeito e constitui a identificação que encontramos na base do Ideal do Eu.

Cito Lacan:
Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem acesso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e como razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela Spaltung significante (Lacan, 1998, p.700).

Na visão lacaniana, o Outro tem um lugar que difere dos demais outros semelhantes, não é o mesmo. Está relacionado à alteridade, não como algo que se põe no outro, como aquele que não sou. O Sujeito para a Psicanálise está alienado ao Outro, lugar da determinação simbólica que o constitui mesmo antes de seu nascimento.

O Sujeito, resultante da operação fálica, é um ser faltante, e por isso algo se perde, ele não irá encontrar o que lhe falta no Outro, o Outro não lhe traz nenhuma garantia, pois ele mesmo não existe, esse algo que o Sujeito passará a perseguir é a causa do seu desejo, Lacan o nomeará de objeto a.

Traços, rastros, marcas... o traço unário

No *Seminário* IX da *Identificação*, Lacan vai dizer que todo significante tem um traço que o constitui, isto é, tem o traço como suporte. Isso dá um caráter estrutural como a marca primeira de surgimento do sujeito a partir do significante. Lacan irá afirmar que: "é o efeito do significante que surge como tal o Sujeito" (Lacan, 2003 [1961-1962], p. 52). E é pela via da identificação que devemos entendê-lo.

O que faz, portanto, que o sujeito não seja algo mais que um mosaico de identificações? O traço seria a resposta?

Ao transformar o traço único dado por Freud para o traço unário, Lacan introduz a concepção de Um, mas não entendido como unificador, que perpassa as identificações imaginárias, mas sim como unicidade, que demarca a identificação pela via simbólica. Ele vai dizer que esse Um como tal é o Outro e é a partir disso que se pode pensar a função significante.

O significante não é signo, ao contrário do que representa alguma coisa para alguém, o significante é o que representa precisamente o sujeito para outro significante. Ou, melhor dizendo, o Sujeito é o significante entre outros.

Lacan (1983 [1957-1958]) no *Seminário V*, levanta o caráter evanescente, fugaz, passageiro do traço. Ele exemplifica quanto à experiência de Robson Crusoé, sozinho na ilha, quando se depara com a marca do pé de Sexta-Feira. Aqui não é um significante, mas se por acaso ele apaga essa marca, aqui ele introduz a dimensão do significante. Portanto, se o significante é um vazio, é por atestar sua presença passada.

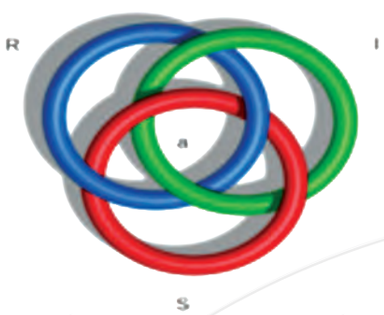
O traço unário surge desse lugar de apagamento do objeto. Restam apenas rastros, a passagem ao significante se dá a partir dos diversos apagamentos, o que irá fazer surgir o Sujeito. Diz ainda Lacan: "há um rastro de um passo, que mostra que ele não está sozinho, a distância que separa o passo e isso que tornou foneticamente 'não está sozinho,' como instrumento de negação, são dois extremos da cadeia que o sujeito pode surgir" (Lacan, 2003 [1961-1962], p. 52).
Para Lacan (1983 [1957-1958], p. 195), "não há sujeito se não houver um significante que o funde", e que o Nome-do-Pai, é o único significante do pai, estritamente ligado à enunciação da lei. Ainda no *Seminário XXII, RSI*, Lacan (2017 [1974-1975]) indica que a função "Nome-do-Pai", equivalente ao dar nome ao pai, se obtém da primeira identificação.

A lógica Nodal

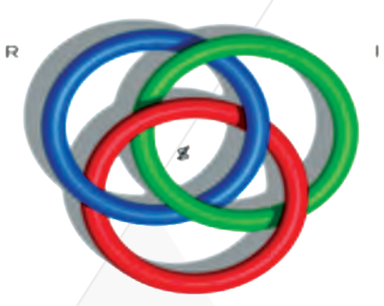
Na formulação da cadeia borromeana, a lógica discursiva é o operador que constitui os três nós da cadeia – nomeados por Real, Simbólico e Imaginário e aí advém o Sujeito. O Sujeito assume o centro da cadeia nesse buraco central, nos diz Aurélio Souza, no texto *Do sintoma aos sintomas*, texto apresentado no Seminário de abertura em 2016 do Espaço Moebius

e que está fazendo parte da Revista Topos (2017, nº 14)[2].

Um buraco no "coração da cadeia borromeana". Uma condição que se figurava, de início, como um "triplo buraco", resultado da sobreposição dos três buracos anteriores, aonde se inscreve o objeto a. Mais tarde, Lacan passou a concebê-lo como um efeito de *Lalíngua,* através de uma operação equivalente a uma "foraclusão primitiva" e que tornava esse "ponto-buraco" causa do próprio enlaçamento borromeano, atribuindo-lhe a noção de estrutura: "a estrutura é o nó (e) o sujeito é o objeto" (Lacan, 1985 [1972-1973], p. 162).



Ou seja, no lugar que antes seria representado pelo objeto a, este não mais como objeto de desejo e sim como causa de desejo, o Sujeito ali aparece. *No Seminário XX*, Mais Ainda, na fórmula: "Eu te peço que recuses o que te ofereço, porque não é isso", (Ibidem, p.171), Lacan vai dizer que no desejo de todo o pedido, não há senão a demanda do objeto *a,* do objeto que viria satisfazer o gozo. "O parceiro desse eu que é sujeito, não é o Outro, mas o que vem substituir a ele na forma de causa de desejo" (Ibidem, p. 171). Ele afirma ainda: "a reciprocidade entre o sujeito e o objeto *a* é total" (Ibidem, p. 172).



Freud, no *Isso e Eu*, descrevendo a identificação histérica diz: esta forma de identificação seria a única condição para o Isso abandonar seus objetos. O Eu, alterado mediante identificação, viria se oferecer como objeto de amor ao Isso, no lugar do objeto perdido (Freud, 1923, pp. 43-44).

Até agora, vimos que a identificação primeira ao pai da horda é a identificação fundante e constitutiva da estrutura e que se torna a matriz para as demais identificações, a identificação imaginária e simbólica. No livro de Clara Cruglak (2001), *Clínica da Identificação*, ela afirma que a identificação chamada Incorporação é condição que possibilita as outras: o modo como ela se realiza determina as relações dos elementos da estrutura subjetiva, assim como as possibilidades que terá o sujeito de dispor ou não desses elementos.

Pensando na escritura da cadeia borromeana, poderíamos pensar que a identificação primária, por incorporação, estaria relacionada ao Real, a algo do não apreensível, mas que não se cansa de se inscrever? Ou seria anterior no sentido da própria constituição da cadeia, já que se faz parte da pré-história do Sujeito e se estrutura em algo incorpóreo, ficando nesse lugar mítico, como nos diz Clara, no lugar onde não há nada, vazio e se propõe como saber absoluto?

Identidade, identidades...

O conceito de identidade está longe de ser um conceito psicanalítico. Dificilmente se encontra nos seus escritos esse conceito, sendo utilizado de forma corriqueira, ainda mais se tratando do Sujeito da Psicanálise. O Sujeito, aqui, difere do Eu, não está relacionado à imagem como algo que traria a ilusão de unidade. O Sujeito agora sofre os efeitos dos três registros e, principalmente, dos diversos gozos. É aquele que, com suas ficções, quando se deita no divã, inventa o inconsciente que o constitui para se defender desses efeitos.

[2]Texto disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/3a2ce3_7bf148e7f57b4601a41119b527719db2.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

No *Seminário XX*, sobre a cadeia borromeana, Lacan (1985[1972-1973]) dirá que é a representação do Um, no sentido que ela encerra apenas um furo. Isso para ele é mítico, pois ele não poderia fabricá-la fechada, ou seja, há sempre algo que escapa, um buraco. Portanto, o Sujeito é barrado, ele não existe numa completude, numa identidade, esta também, é uma criação do Sujeito. Quando o sujeito se sente unificar-se na totalidade, nos diz Lacan, isso não é uma identificação, mas sim algo patológico.

A Psicanálise passa da noção da função sintética de Einheit kantiano, como unidade, para a Einzingkeit, a unicidade. Cito Lacan na noção paradoxal do um 1, do traço unário: "é que tanto se assemelha quanto mais a diversidade se apaga, quanto mais ele suporta . . . a diferença como tal" (Lacan, 2003 [1961-1962], pp. 148-149).

Outro aspecto interessante é que, se na cadeia, um dos seus nós se soltam, o Um é retirado. Ainda assim, Lacan indaga: como situar a função do grande Outro? O Outro não pode se adicionar ao Um. O Outro para Lacan é apenas uma diferença – Um-a-menos, S (A), o grande outro barrado.

Para Lacan, no discurso analítico em que eu falo, sem saber, me faz eu, mas isto não basta para me fazer ser. Esse saber impossível é censurado, proibido, mas ele não o é, se for dito entre palavras, entre linhas. Diz: "Eu, não é um ser, é um suposto a quem fala. Quem fala só tem a ver com a solidão . . . que ela não pode se escrever. Essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que uma ruptura do ser, deixa traço" (Lacan, 1985 [1972-1973], p. 163).

Bem, se vocês me perguntam por onde caminha o sujeito, por enquanto, direi: no divã entre traços, rastros, significantes...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cruglak, C. (2001). Clínica da Identificação. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Freud, S. (2011a). Obras completas: O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925) (vol. 16). (Souza, P. C. de. Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2011b). Obras completas: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) (v. 15). (Souza, P. C. de. Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2012) Obras completas: Totem e Tabu (1912-1914) (v. 11). (Souza, P. C. de. Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Lacan, J. (1983). Seminário I: Os escritos técnicos de Freud (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1986). Seminário V: As formações do inconsciente (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1985). Seminário XX: Mais Ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

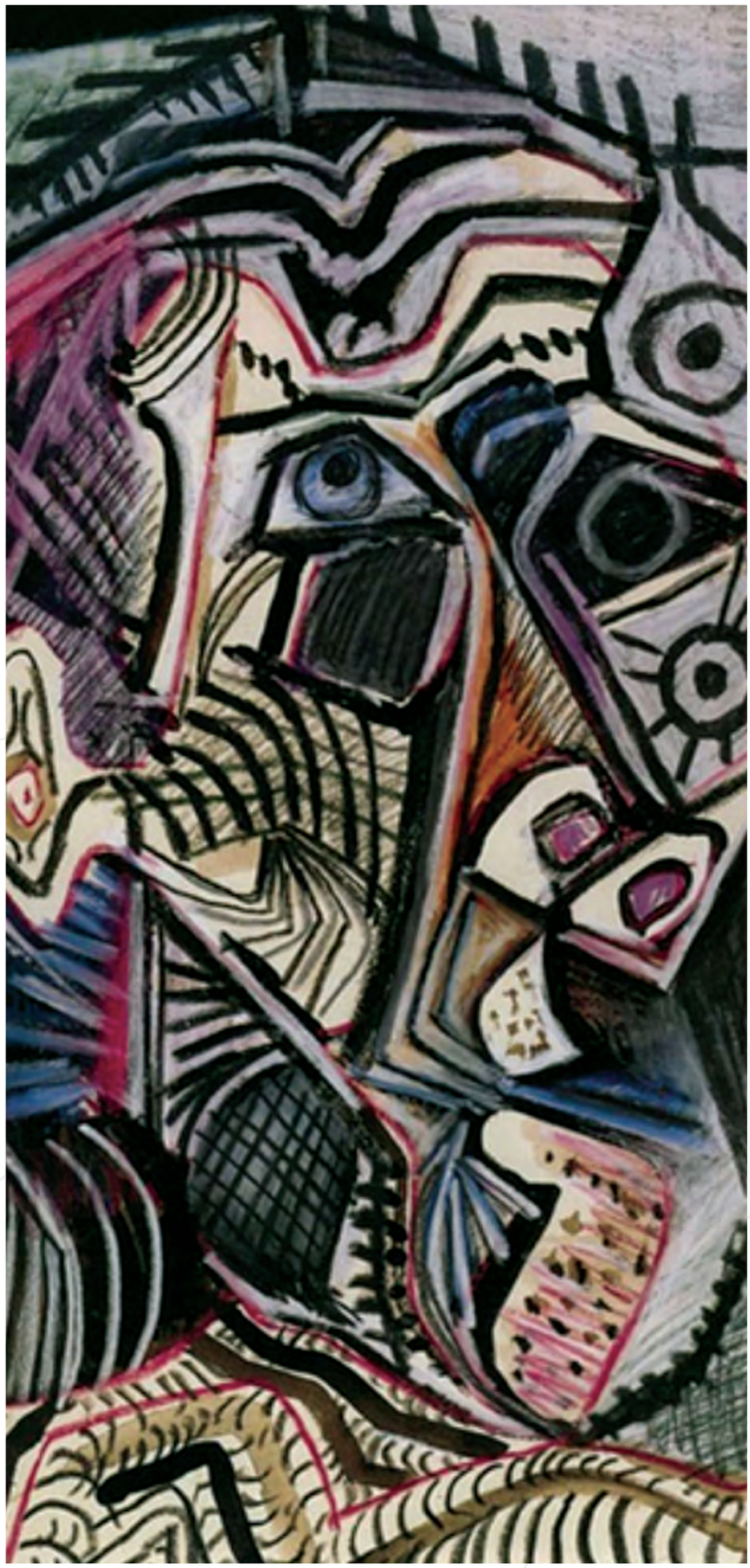
Lacan, J. (1998). A significação do falo (1958). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica (1949). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (2003). Seminário IX: A identificação (1961-1962). (Côrrea, I. & Bagno, M. Trad.). (Publicação não comercial do Centro de Estudos Freudianos do Recife).

Lacan, J. (2017). Seminário XXII: RSI (1974-1975). (Publicação não comercial do blog Lacan em PDF).

Souza, A. (2016). Do sintoma aos sintomas. Revista Topos, 14, pp.13-17. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/3a2ce3_7bf148c7f57b4601a41119b527719db2.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.



topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

NOVOS DISCURSOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO DO CAPITALISTA E O DISCURSO DO a-VICIADO

Sônia Raquel da Conceição Oliveira[1]

Resumo: Este trabalho visa trazer algumas considerações sobre a teoria dos discursos em Lacan, com ênfase no Discurso do Capitalista e suas implicações na clínica psicanalítica e no campo social. Pretende também analisar *O Discurso do a-viciado,* proposto pelo psicanalista Aurélio Souza, como consequência lógica do Discurso do capitalista e seus efeitos. Manifestações clínicas na atualidade com predominância de atos, a exemplo das automutilações e atos suicidas nos adolescentes, também serão contempladas.

Palavras-chave: Teoria dos Discursos. Discurso do Capitalista. Discurso do a-viciado; Adolescência. Contemporaneidade.

NEW DISCOURSES: SOME CONSIDERATIONS REGARDING THE DISCOURSE OF THE CAPITALIST AND THE DISCOURSE OF THE a-ADDICT.

Abstract: This text discusses some aspects of the Theory of Discourse in Lacan, with emphasis on the Discourse of the Capitalist and its implications for clinical psychoanalysis and social interactions. It also analyzes the Discourse of the a-addict, proposed by Aurelio Souza, as a logical consequence of the Discourse of the capitalist and its effects. Today's predominant clinical symptoms among adolescents, especially self-mutilation and suicide, are also discussed.

Keywords: Theory of Discourse. Discourse of the Capitalist. Discourse of the a-addict. Adolescence. Contemporary.

O *Discurso do Capitalista* foi escrito por Lacan pela primeira e única vez em 12 de maio de 1972 na Universidade de Milão, numa conferência intitulada O *Discurso Psicanalítico.* Lacan começa dizendo que está ali para falar do discurso psicanalítico, marcando a importância do jogo de significantes e da linguagem como característica maior dos homens em sua diferença com os animais.

Não é só que a língua faça parte de seu mundo, é que é isso que sustenta o seu mundo de ponta a ponta . . . o mundo, isso é construído com linguagem . . . eu não digo que somos seres falantes, mas que estamos dentro da linguagem (Lacan, 2003a, p. 35).

Nesse texto, Lacan (2003a) afirma que o Discurso do Capitalista é o "substituto" do Discurso do Mestre, marcando a passagem do mestre antigo para o mestre moderno, nos intimando a pensar nas consequências desse novo discurso no individual e no coletivo. O discurso do capitalista, contado como o quinto, é considerado uma exceção aos discursos radicais-quatro que fazem um - escritos por Lacan dois anos antes no seminário *O avesso da Psicanálise*. Preciso falar um pouco sobre a teoria dos discursos na Psicanálise. Segundo Souza (2001), a teoria dos discursos foi proposta por Lacan como uma forma de responder à questão que sempre lhe interrogou, ou seja, o lugar da Psicanálise e a posição política do analista.

Souza (2003) define a teoria dos discursos como:

> Um fato de linguagem que mantém abertas as vias do desejo, vem regular o gozo, e procura normatizar as relações do sujeito com o objeto. Uma lógica que se desenvolve não só nos diferentes tempos de análise em intenção, mas também como algo que transcorre como efeito de uma escritura que interfere na cena social (Ibidem, p. 181).

Segundo Marc Darmon (1994), a importância maior dessa teoria é "ultrapassar a oposição errônea entre uma psicanálise do sujeito individual e uma psicanálise do coletivo" (Ibidem, p. 212). Segundo Chemama (1997), a teoria dos discursos é umas das grandes contribuições lacanianas por "sistematizar um paralelo entre a estrutura do sujeito e o que corresponde a ela no social" (Ibidem, p. 28). Para Chemama (1997), Lacan nos ensina com a teoria dos quatro discursos que "há uma identidade entre o que constitui o sujeito enquanto tal e a estrutura onde se organiza da maneira mais corrente o assujeitamento social: os dois dependem do Discurso do Mestre" (Ibidem, p. 28). Chemama explica que neste, o que se acha excluído é o acesso direto ao objeto e que, por isso mesmo, o que organiza o discurso do mestre na realidade psíquica como na realidade social é a castração.

OS QUATRO DISCURSOS OU OS DISCURSOS RADICAIS

Os discursos radicais são descritos no seminário *O avesso da Psicanálise*, como "um aparelho de quatro patas, com quatro posições, que pode servir para definir quatro discursos radicais" (Lacan, 1992, p. 18): o discurso do mestre, o discurso da histérica, o discurso do analista e o discurso do universitário. A teoria dos quatro discursos, que se constitui com um "discurso sem palavras" (Ibidem, p. 10), revela o que faz laço social, demonstrando moebianamente o que constitui o sujeito e ao mesmo tempo o "i-mundo" em que ele habita.

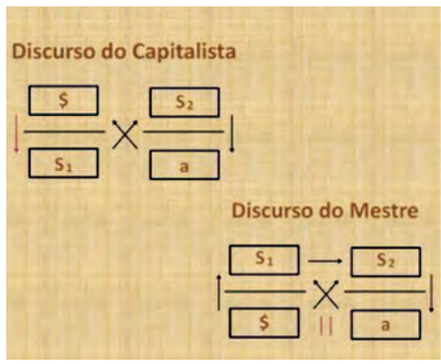
Lacan (2003b) explica: "Discurso é o que defini como o que instaura um tipo de laço social definido" (Ibidem, p. 38). Definição dada pela letra que ocupa o lugar de comando, gerando e nomeando um tipo determinado de ligação ou relação. Descritas como "pequenos termos mais ou menos alados", "pequenos quadrípodes giratórios", Lacan (1992) explica que essas letrinhas (S1, S2, $, a) colocadas em certos lugares, obedecendo a rígidas regras, ao serem tomadas como uma cadeia, a partir de um quarto de giro, gerará "quatro estruturas, não mais, das quais a primeira lhes mostra o ponto de partida" (Lacan, 1992, p. 12). É da ordem do dizer e não da fala e nada tem a ver com relações intersubjetivas.

[1]Psicanalista, membro inscrito do Espaço Moebius.
E-mail: sonia.raqueloliveira13@gmail.com

Lacan (1992) vai dizer que toda determinação de sujeito e de pensamento depende do discurso, explicando que "o discurso estrutura o mundo real" (Ibidem, p. 15). "Quaisquer que sejam os fatos do mundo, seja o que for que anunciemos sobre ele, a tautologia do discurso é o que constitui o mundo" (Ibidem, p. 57). Em outro momento, Lacan insiste: "Eu não falo do sujeito, falo do discurso" (Lacan, 2003b, p. 37).

Tomando o *Discurso do Mestre* como o primeiro do ponto de vista histórico, Lacan esclarece que a teoria dos quatro discursos resulta da emergência do que veio por último, o discurso do analista. *No Saber do psicanalista*, Lacan (1972) diz: "se existe uma coisa certa é que só pude articular esses três discursos numa espécie de matema porque o discurso analítico surgiu" (Lacan, 1972, p. 37). Para denunciar o lugar da castração, "de onde está assegurado o Real que mantém todo esse discurso . . . O Real do qual eu falo é absolutamente inabordável" (Ibidem, p. 38). Sabemos que a teoria dos quatro discursos, gerada a partir do discurso do mestre, faz uma indicação à linguagem, à lógica do significante e ao Pai como lugar natural da Lei. Lacan (1992), explica que a característica maior dos discursos radicais é a barreira ao gozo: "No nível do discurso do mestre, o gozo está interditado em seu fundo. Cata-se as migalhas de gozo, não se chega até o fim – não há necessidade de se remexer nas fantasias mortíferas" (Ibidem, p. 101). No texto *Despertar da Primavera* (2003c), Lacan chama atenção para a relação da Lei do Pai com o gozo, lembrando que a partir da submissão a lei do Pai – castração – o gozo será sempre interditado, limitado, não só para proibir a relação chamada de sexual, senão para fixá-la na não relação que vale no real. Desse modo, o gozo que permitiria hipoteticamente o acesso direto ao objeto estaria para sempre barrado, e só pela via do amor, da fantasia e do desejo teríamos acesso a algo do sexual. Porque, como adverte Lacan: "o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo" (Lacan, 1992, p. 16). No seminário *De um discurso que não seria do semblante*, ele confirma: "E se o discurso do mestre arruma tudo, a estrutura, o ponto forte em torno do que se ordenam várias civilizações, é porque a força básica é, finalmente, de uma ordem bem diferente daquela da violência" (Lacan, 1996, p. 21).

DISCURSO DO CAPITALISTA



Para escrever *O Discurso do Capitalista*, Lacan (2003a) subverte duas regras fundamentais dos discursos radicais: 1) rompe com a rígida permutação cíclica, realizando uma comutação proibida, através da troca dentro das casas do lado esquerdo (lado do sujeito); 2) retira a dupla barra de proteção à verdade, na parte de baixo. No texto de Milão, ele mostra o que chama de "truque": uma pequena inversão entre S1 e o $, que é o sujeito. E explica:

> Basta para que isto funcione perfeitamente, isto não pode funcionar melhor, porém, justamente isto, funciona rápido demais, isto se consome, isto se consome tão bem, que isto se consume (Ibidem, p. 48).

Dessa forma, o $ vai ocupar o lugar de comando e o S1 do Discurso do Mestre torna-se a verdade do discurso do capitalista.

A maior consequência dessas transgressões seria a subversão dos maiores impedimentos apontados na estrutura dos discursos: impotência e impossibilidade. O mestre tem acesso ao saber e ao gozo, modificando a consistência do sujeito e do objeto. Além da promessa e ilusão de acesso direto e gozo total e possível com o objeto (a), a falta de disjunção entre $ e a mostra o sujeito diretamente comandado pelo objeto que ele produz. A partir daí o objeto (a) toma outra consistência como objeto disponível, acessível, de consumo e não de desejo.

Lacan (1992) já tinha falado sobre a diferença entre o discurso do mestre e do capitalista:

> A história mostra que o discurso do mestre viveu durante séculos de um modo proveitoso para todo mundo, até certo desvio, no qual se tornou aquilo que o especifica como o discurso do capitalista... O que se opera entre o discurso do senhor antigo e do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber. Uma transmutação do saber do escravo em saber do senhor. O fato de que o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor, modifica o lugar da verdade, que está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, consumíveis tanto quanto os outros. Sociedade de consumo, dizem por aí. Material humano, como se enunciou um tempo (Ibidem, p. 29).

No seminário *O Avesso da psicanálise*, Lacan coloca ainda que:

> Alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história... importante é que, a partir de certo dia, o mais de gozar se conta se contabiliza, se totaliza. Aí começa o que se chama acumulação de capital... O que há de chocante e que parece não ser visto é que a partir daquele momento o significante mestre, por terem sido dissipadas as nuvens da impotência, aparece como mais inatacável, justamente na sua impossibilidade. Como nomeá-lo? Como discerni-lo, a não ser por seus efeitos mortíferos? Denunciar o imperialismo? Mas como pará-lo? (Lacan, 1992, p. 169).

Lacan também chama atenção para o fascínio produzido pelas latusas, objetos fabricados pela ciência: "pequenos objetos a que vocês vão encontrar em todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa" (Ibidem, p. 153). E diz ainda: "refiro-me a essas coisas inteiramente forjadas pela ciência, simplesmente essas coisinhas, *gadgets* e coisa tal, que por enquanto ocupam o mesmo espaço que nós no mundo" (Ibidem, p. 140).

A retirada da dupla barra teria como consequência um discurso que gira o tempo todo. Ao contrário dos discursos radicais, que esbarram, param, em função da barra que protege o lugar da Verdade, no discurso do capitalista, pela ausência da barra, ele nunca pode esbarrar a produção de objetos de consumo que precisam ser usados, descartados e destruídos para produzir sempre mais e mais.

Souza (2003) chama atenção para uma condição imposta pelo discurso do capitalista: "consumir os objetos, destruí-los, jogá-los fora, segundo as leis de mercado" (Ibidem, p. 139). Observo que essa também é a marca das relações atuais entre as pessoas e até dos casais: usar, trocar, descartar. O sexo não é

mais casual, mas pontual, fugaz, evanescente. Os adolescentes falam de "ficar" muitas vezes e com muitas pessoas. Marca também das relações na Internet: milhões de amigos e nenhum. Cada vez mais as pessoas se queixam de solidão e da falta de relações amorosas consistentes.

Porém, a declaração mais importante de Lacan (1972) sobre o discurso do capitalista está exposta no Seminário Saber do Psicanalista:

O que distingue o discurso do capitalista é a Verwerfung, a rejeição da castração em todos os campos do simbólico. Toda ordem, todo discurso aparentado ao capitalismo deixa de lado o que chamaremos, simplesmente, as coisas do amor, meus bons amigos. Vocês veem isso, hein, não é pouca coisa (Ibidem, p. 49).

Souza (2003) esclarece que o sujeito proposto no discurso do capitalista não é o mesmo do discurso do histérico. O lugar de um consumidor na cena como agente é diferente do sujeito barrado do discurso do histérico onde o sujeito ocupa a cena com seu sintoma e divisão subjetiva, instituída pela castração – lógica do desejo marcado pela insatisfação e impossibilidade. A partir dos efeitos da rejeição da castração, o sujeito sofre a suspensão de sua divisão subjetiva, com consequências estruturais, pois desliga o sujeito do saber inconsciente, causa um apagamento de sua subjetividade e o faz desconhecer como disse, "as coisas do amor" (Lacan, 1972).

Roland Chemama (1997) comenta que a disjunção entre ($ e a) na parte debaixo da fórmula mostra o sujeito diretamente comandado pelo objeto, que ele produz. Essa promessa de acesso direto e gozo possível entre o sujeito e o objeto - objeto de consumo e não de desejo- implica uma mudança significativa na consistência do objeto. Problema é que do gozo que não seja metaforizado ou barrado, regido pelo significante com sua condição de semblante – fica-se escravo. Segundo a lógica proposta por Marx, podemos pensar que a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas um sujeito para o objeto.

Melman (2003) o chama de sujeito bruto ou homem fabricado ou mesmo homem sem gravidade. Aí o outro é posto a trabalhar a partir de um comando, emitido pelo sujeito como senhor das coisas e das palavras ,autônomo, prescindindo das tradições, do Pai e sua Lei. Age em nome da vontade, da necessidade, da busca insaciável do gozo e não do desejo. Aurélio Souza (2003) chama atenção para um sujeito com cara de Sade, que reivindica um direito ao gozo, uma vontade de gozar do objeto

Melman (2003) sugere que nessa lógica do gozar a qualquer preço, observamos uma mudança radical em relação ao gozo dito sexual, organizado pela lógica fálica. Uma das tendências é a rejeição da diferença sexual com o apagamento de seus traços. Refere-se também aos gozos que não são parciais, mas independentes, locais, livres, anárquicos. Além dos gozos fabricados, artificiais, visuais, auditivos, excessivos, produzidos a partir de objetos inventados para causar esses gozos extraordinários, aponta para a tendência ao desinvestimento sexual com parceiros. Parecem buscar um gozo individual, quase autístico, no corpo, que prescinde totalmente do outro e do gozo dito genital

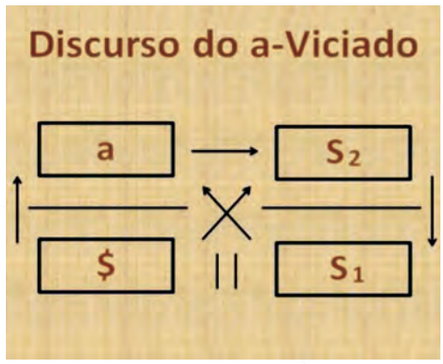
Melman (Idem), em seu livro *O homem sem Gravidade*, sugere mudanças significativas na relação do sujeito com o saber e o gozo, onde o gozo triunfa sobre o desejo, numa mutação inédita que produz dramáticos efeitos no plano individual e social. Segundo Melman, diante de uma falência progressiva da função paterna, com enfraquecimento da Lei e da autoridade, crise das instituições e dos valores, passaríamos de uma realidade fundada no recalque, a cultura da neurose, para outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão, numa economia organizada em torno do excesso e da exibição do gozo.

Chama a atenção uma frase de Melman (1997) antecipando, a meu ver, a construção do *Discurso do a-viciado*, feita por Souza (2003). Concluindo que não se trata mais do discurso do mestre a reinar no mundo, Melman afirma: "o que comanda hoje nesse lugar mestre é o objeto pequeno 'a'... o que hoje faz o discurso do capitalista é o pequeno 'a' em posição mestra" (Melman, 1997, p. 119). Verdade escrita no discurso do a-viciado.
7HGS

DISCURSO DO a-VICIADO

Segundo Souza (2003), o discurso do a-viciado é um novo discurso e, apesar de manter uma ligação interna de implicação com os discursos radicais, ele se mantém numa posição assintótica com o discurso do capitalista, apesar da incidência do objeto. Enquanto o discurso do capitalista é regido pelas leis do mercado, o discurso do a-viciado tenta se reger por uma lei do privado, do particular e vem sugerir um tipo de laço social que determina novas formas de regulação das relações do sujeito com o objeto, instituindo outra forma de gozo. Sujeitos que se caracterizam por uma colagem a uma face "imaginariamente real" do objeto, objeto "mais que fálico", um "sujeito de puro gozo". O essencial é que se trata de uma forma diferenciada de submissão à lei ou de uma injunção a função paterna como fora da lei (Idem).

Nesse discurso, o lugar de dominância deve estar ocupado pelo objeto (a), pela letra (a). Ao contrário do discurso do analista, objeto a como semblante, aqui o objeto toma uma consistência "imaginariamente real", isto é, embora mantenha seu estatuto de base no Imaginário, é do Real que ele se recobre como uma miragem. Algo que atrai o olhar, desperta o gosto, sequestra o a-viciado, que passa a ser um observador, um consumidor, um usuário com laços de dependência, muito vulnerável ao afastamento ou ausência do "a-objeto".



Por essa relação de comando do objeto a na determinação da subjetividade, Souza (2003) sugere no discurso do a-viciado, um tipo de operação similar à "forclusão da castração" proposta por Lacan no discurso do capitalista. A presença invariante dessa "substancialidade" do objeto que se escreve na díade (a sobre o $), realiza uma injunção de gozo que exclui o sujeito da economia do desejo e o convoca a gozar, a qualquer preço (Idem).

Nessa condição, o a-objeto adquire uma dominância que sequestra e fagocita o sujeito, transformando-o num "sujeito acéfalo". Segundo Souza (Idem), o objeto realiza-se para o sujeito numa condição "mais que fálica". A partir daí o a-objeto adquire para o a-viciado uma natureza mágica, certo valor de "feitiço", de "brilho", forçando-o a guardá-lo, buscá-lo, consumi-lo, consumindo-se através dele. Essa relação força muitas vezes o sujeito a atuar ou agir (passagem ao ato ou acting-out). Com laços de dependência, o sujeito torna-se um viciado do a-objeto produzindo meios de sua aquisição de forma compulsiva, seja pelo rapto, pela violência, pelo roubo, rompendo com os limites da lei e com as normas do convívio social. Usando uma homofonia poderíamos pensar

em um sujeito "abjeto" ou "adejeto".

A princípio, o que Souza (2003) propõe, a partir de sua clínica, é uma escritura que possa dar conta de "uma patologia de certos laços sociais" que tem se acentuado na contemporaneidade, em certos sujeitos que realizam atos e ações fora da lei ou em certas condições clínicas que ultrapassam as normas, colocando-se à margem da lei, à procura de determinados "objetos". Sujeitos que participam de uma pluralidade de práticas sexuais e que são chamados de perversos (não coloca o a-viciado como fazendo parte de uma entidade clínica – perversão – embora inclua sujeitos chamados de perversos); aos sujeitos que usam e abusam de drogas com laços de dependência; certos delinquentes com prática de circulação de drogas, roubo ou aqueles que desenvolvem uma busca compulsiva ou violenta do objeto; os que sofrem de uma ingestão descontrolada de alimentos (anorexia e bulimia); aos adictos dos jogos da Internet, dos games, manifestações que ele considera como efeito de discurso. Sujeitos que se movimentam numa dimensão espaço tempo entre a Lei e a transgressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de tudo isso, penso que podemos vislumbrar o seguinte cenário: no plano individual comandado pelo objeto (a), uma legião de a-ditos ou viciados no a-objeto, muitas vezes com tendência à atos fora da lei. Podemos refletir também sobre as mudanças relativas ao sujeito em sua relação com o objeto a, o gozo e o desejo.

Observo na clínica e também no campo social, uma tendência à realização de atos sem pensar, a partir da suspensão das barreiras. O que me leva a pensar no termo "desembarreirados", sem barreiras, (incesto, pudor, moralidade, piedade). Ou seria sem barra? Um sujeito S, sem os efeitos da sua divisão inconsciente? Ou com falhas nesse processo de embarreiramento devido a falhas na função do pai simbólico, na submissão à Lei e à castração? A tendência à evitação do pensar também implica na suspensão da fantasia, do imaginário, do faz de conta, do semblante. As relações fluidas, artificiais, voláteis, causam vazio, solidão, tédio, inapetência, falta de sentido e de desejo. Não pensar sobre si e sobre os enigmas do mundo, sobre a vida, a morte, perdas, insatisfações, frustrações e impossibilidades inerentes à dor de existir, produz um empuxe aos atos, vontade de só realizar as vontades com evidente dificuldade de lidar com limites e frustrações.

Observo também na clínica com adolescentes, um aumento significativo de queixas relacionadas à realização de atos, seja através das práticas de automutilação, seja através de tentativas de suicídio ou passagem ao ato suicida. Angústia, ansiedade, agonia, falta da falta. Estatísticas mostram hoje no Brasil um aumento assustador de suicídios no ciclo vital da adolescência assim como aumento no número de jovens assassinados por envolvimento com práticas delinquentes.

No campo social, convivemos com o aumento progressivo do fanatismo (seitas religiosas), da rejeição das diferenças, da violência e da barbárie, criando insegurança generalizada. Como nos ensina Lacan, na falta da barreira ao gozo implícita ao discurso do mestre, cairíamos no pior. Segundo Melman (2003), estamos vivendo num tempo onde impera um gozo mais próximo da Pulsão de Morte, visando a autodestruição, a destruição do outro, a destruição do planeta, destruição da vida.

No seminário *O Saber do psicanalista,* Lacan (1972) insiste que nunca se terminou completamente com a segregação, anunciando que ela sempre reapareceria com mais força. E sobre a noção de irmão, afirma:

> Visto que é preciso ao menos não pintar para vocês unicamente um futuro cor de rosa, saibam que aquilo que cresce, que ainda não vimos em suas últimas consequências, e que se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo, sobre o qual vocês ainda não terminaram de ouvir falar. Pronto! (Lacan, 2003b, p. 179).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chemama, R. (1997). Um sujeito para o objeto. In Goldemberg, R. (Org.) GOZA! Capitalismo, Globalização e Psicanálise. Salvador: Ágalma.

Darmon, M. (1994). Ensaios sobre a topologia lacaniana. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lacan, J. (1992). O Seminário XVII: o avesso da psicanálise. Rio de janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1972). Seminário: O saber do psicanalista. Recife: CEF. (Publicação interna).

Lacan, J. (1996). De um discurso que não seria do semblante. Recife: CEF (Publicação interna).

Lacan, J. (2003a). O Discurso Capitalista: o discurso de Jaques Lacan na Universidade de Milão. Salvador: IPB. (Tradução para uso interno do NIPM).

Lacan, J. (2003b). ... Ou Pior. Salvador: Espaço Moebius. (Publicação interna).

Lacan, J. (2003c). Prefácio ao Despertar da Primavera. In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.

Melman, C. (1997). Por que o ICMS não é aplicável à sessão de psicanálise? In Goldemberg, R. (Org.) GOZA! Capitalismo, Globalização e Psicanálise. Salvador: Ágalma.

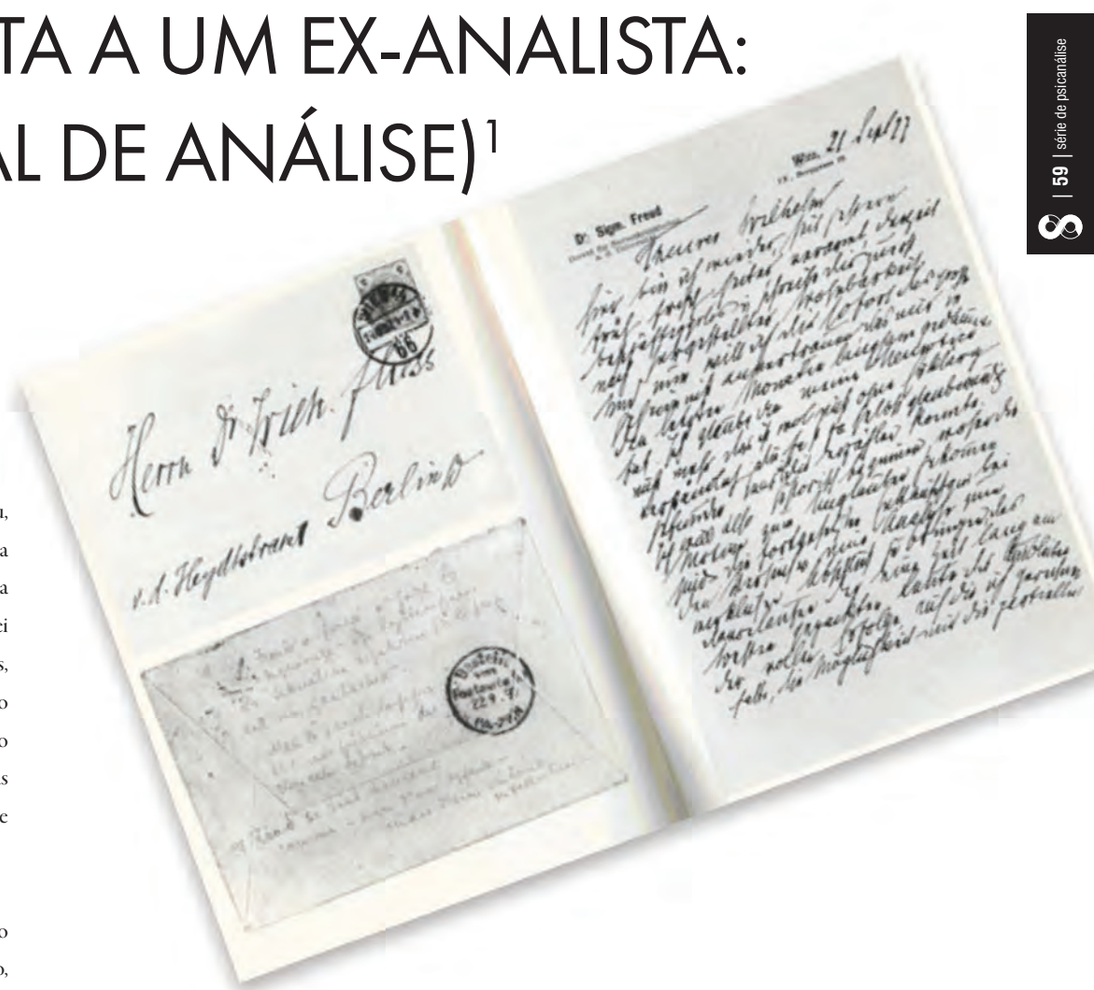
Melman, C. (2003). O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço. Rio de janeiro: Companhia de Freud.

Souza, A. (2003). Os discursos na Psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

topos

CARTA ABERTA A UM EX-ANALISTA: (SOBRE FINAL DE ANÁLISE)[1]

Eliecim Fidelis [2]



Salvador, 03 de outubro de 2009

Prezado Doutor Moebius,

Em uma determinada data de algum ano que passou, deixamos de nos encontrar em seu consultório para as sessões analíticas, onde por muitos anos lá estava eu, chovia ou fazia sol. Sem muita demora, passei a frequentar algumas instituições psicanalíticas, movido pela curiosidade de compreender o funcionamento dessa enigmática prática que, ao mesmo tempo em que me proporcionou mudanças importantes, preservou-me da mesma forma que sempre fui.

Em todas as instituições que tenho frequentado, o tema "início e final de análise" é sempre debatido, mas tem me parecido um tanto polêmico, inclusive porque parece que aos analistas não é dado falar de suas próprias análises. Essa é uma questão crucial que diz respeito às causas do fracasso do passe, uma vez que o esquecimento em relação ao que ocorrera em sua análise levava o passante a elaborar uma construção imaginária a ser apresentada ao Júri; por outro lado, ao passar a essa instância do relato do passante, o passador, a rigor, estava passando o que consigo próprio se passava. Assim, pela impossibilidade inerente ao depoimento prático desse relato, o debate sobre o início e o final de uma análise fica restrito ao plano teórico e, nesse caso, vamos encontrar diversas interpretações e desdobramentos, em especial, das posições de Freud e de Lacan.

Aproveitando o ensejo desta Jornada, e sabendo que o senhor é um estudioso do assunto, resolvi escrever-lhe "essas mal traçadas linhas" para compartilhar aquilo que me é possível refletir, no momento, sobre esse tema, certo de que não poderei evitar estar tangenciando aspectos relacionados com a minha própria experiência.

Sabe, Doutor Moebius, ainda me lembro do momento crucial em que me apontando o divã, escutei sua frase: "fale tudo o que lhe passar pela cabeça". Naquele momento não liguei muito pra ela, deitei e comecei a falar, sei lá mais o quê! Abobrinhas, blá-blá-blás, papais-mamães, tagarelice, palavras vazias, o que for. Aliás, mesmo vindo depois a compreender o que Lacan quis dizer ao declarar que uma análise depende mais do que diz o analista do que o que diz o analisante, não creio que na clínica, mereça seleção e juízo de valor a qualquer forma de associação em cadeia significante (Lacan, s/d [1977-1978]). Mesmo porque, e agora cito Freud, "aqueles cujos lábios se calam denunciam-se por todos os poros" (Freud, 1996, p. 78).

Tomado por um intenso apaixonamento pela psicanálise, a ela dedicava quase toda a energia, estudando e participando de todas as Jornadas da cidade. Desde a véspera do dia marcado, e até chegar o momento de adentrar em sua sala, dirigia-me às sessões sempre movido por grandes expectativas: do que iria falar, dos sonhos a serem narrados e, também, daquilo que poderia, em retorno, obter como resposta do analista – quanta ingenuidade!

A leitura dos livros *O dia em que Lacan me adotou,* de Gérard Haddad, e *Um sonho de final de análise,* de Syra Thain Lopes e Emílio Rodrigué, levou-me a questionar se em meu percurso teria havido idêntica interação analista/analisante/analista. Mas hoje, num certo "só-depois", já consigo incluir nessa interação aqueles momentos em que eu fazia mil perguntas sobre a teoria, a clínica, as instituições etc. e o senhor resmungava de volta algumas merecidas sílabas; aí também incluo outros momentos em que até posso dizer que houve certa produção – literária ou "lixerária"; o certo é que foi do cultivo desvairado de um divã que brotaram versos como "Tantas coisas", "Apelo", "O canto do sapo", dentre outros poemetos.

De outras coisas mais, como se uma densa nuvem flutuasse entre os pensamentos, impedindo de acender-me as lamparinas do juízo, não consigo

[1]Trabalho apresentado na XIX Jornada de Psicanálise do Espaço Moebius, realizada nos dias 02 e 03 de outubro de 2009 na cidade de Salvador-BA.

[2]Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise

me dar conta do destino das diversas associações feitas, entre outras tantas articulações: perguntas sem respostas, comentários não correspondidos, tosses, pigarreios, gaguejos, tropeços, enganos, silêncios, cruzamento e descruzamento de pernas, ajeitamento do colarinho e dos cabelos, coceiras do corpo, etc. Até parece que esses significantes teriam reencontrado sua cadeia original, percorrendo o caminho inverso pelas vias de facilitação por onde antes transitaram. Ou, ainda, que aquilo que se apresentava como sólido, no real, teria passado, através do simbólico, para o estado gasoso, e tendo sido assim sublimado, como poeira, esvaiu-se no ar. Não sei. Sei que, aos poucos, mas depois de uma longa caminhada, a paixão foi passando, o encantamento imaginário esvaeceu-se, como se os defeitos da noiva pudessem começar a ser notados, mas, ao mesmo tempo, como se já fosse tarde demais, diante da emergência de um pai de família cativo de uma relação amadurecida que possibilitou florescer bons frutos. Mas, depois de muito vacilo, adiamentos e muitas idas e vindas, eis que chegou o instante em que não encontrei outra saída se não lhe informar que havia chagado o momento de não marcarmos mais a próxima sessão. E assim, trocamos livros, nos despedimos e nos afastamos, mas sem deixar de estarmos próximos, ladeados por Freud.

E então, Doutor Moebius, desde o advento da definição do tema desta Jornada, tenho sido mobilizado frente aos questionamentos freudianos, registrados em *Análise terminável e interminável* (1980 [1937]). Nesse texto, ele pergunta: "existe algo que se possa chamar de término de uma análise? Há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término? O que se quer dizer pela expressão ambígua 'o término de uma análise'?" (Freud, 1980 [1937], p. 250).

Por fim, Doutor Moebius, para não tornar interminável essa singela missiva, gostaria de voltar ao tema do final de análise e de sua condição de "interminabilidade". Mas antes, gostaria apenas de mencionar algumas outras possibilidades encontradas na literatura para os finais de tratamento. A depender do enfoque teórico, elas podem variar desde a transformação do "ego fraco" em "forte" ("Psicologia do ego"), passando pela reunificação kleiniana do ego antes dissociado, pela mudança do falso ao verdadeiro *"self"*, de Winnicott, e pelo processo de individuação junguiano, até chegarmos ao confronto freud-ferencziano com o rochedo da castração.

No final de seu ensino, já em julho de 1978, no Congresso da EFP, Lacan voltou a esse tema dizendo que não há formação de analista e sim do inconsciente (Lacan, 1979 [1978]). Acrescentamos: não o há senão a partir da singularidade subjetiva do divã, onde o que se forma, quando o sujeito dá por encerrada sua análise, não é o psicanalista, pois essa invenção é da natureza de uma formação do inconsciente. Então, o que se dá, a rigor, no final da análise, é a formação de um saber não sabido que vai colocar o sujeito em condição, não de se tornar analista por ter terminado sua análise e sim de poder continuar sua formação para nunca mais concluí-la.

E assim concluo, com "saudações moebianas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Freud, S. (1980). Análise terminável e interminável. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1996). Um caso de histeria: três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago.

Haddad, G. (2002). O dia em que Lacan me adotou. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Lacan, J. (s/d). Aula de 15 de novembro de 1977. In Seminário XXV: O momento de concluir (1977-1978). (Gerbase, J. Trad.). (Inédito).

Lacan, J. (1979 [1978]). A transmissão - Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris. Lettres de l'École, 1979, 2 (25), pp. 219-220. Tradução de André Oliveira Costa. Disponível em: <http://www.appoa.com.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Lopes, S. T & Rodrigué, E. (1986). Um sonho de final de análise. Rio de Janeiro: Imago.

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

DOS ANOS 70 AOS 70 ANOS - UMA HISTÓRIA

Eliane Maria Vasconcelos do Nascimento [1]

INTRODUÇÃO

Recife – 1970 - Formatura em Psicologia

Sou pernambucana e fiz o curso de Psicologia na Universidade Católica de Pernambuco, em Recife e recebi meu registro no Conselho Regional de Psicologia, CRP nessa mesma época. O professor Jurandir Freire Costa, juntamente com uma professora Cristina, que era psiquiatra, introduziram Freud no curso de Psicologia, em uma das disciplinas de final do curso. Professor Ivan Corrêa ensinava Matemática nesse curso.

1971-1972 - Primeiros trabalhos profissionais na FEBEM – Recife

Fui contratada como psicóloga pela Fundação Estadual de Bem-Estar dos Menores - FEBEM, para prestar atendimento a menores abandonados. Inicio minhas atividades trabalhando na Creche 'Casa de Carolina', em Boa Viagem, dedicada a menores de 0 a 3 anos. Esse é um dos bairros mais valorizados e nobres da cidade, com uma praia famosa e muito frequentada. Imaginem o espanto dos moradores ao ver chegar, nessa praia, crianças de uma instituição desse tipo. Todas as pessoas se afastavam, como se elas fossem portadoras de doenças contagiosas. O preconceito e a rejeição dos moradores em relação às crianças e aos bebês eram intensos. O mesmo acontecia se iam à alguma praça no bairro.

[1]Psicóloga, psicanalista, professora aposentada da UFBA, mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, doutora em História Social pela UFBA.

Estabeleci então, meu primeiro contato com crianças autistas ou pré autistas. O livro, "O Primeiro Ano de vida", de René Spitz, foi de grande importância naquela oportunidade, e me fez enxergar uma luz no final do túnel. Na creche existiam bebês com movimentos automáticos e repetitivos nos seus berços, um sinal de fechamento autístico. As atendentes amarravam as mamadeiras nos berços para que os bebês se alimentassem. Elas eram poucas e faziam rodízio sem nenhum critério para cuidar desses bebês. Nenhuma preocupação de estabelecer alguma relação com eles. Era só alimentar e cuidar da higiene. Pouco brincavam com as crianças. Já tínhamos noção de que a criança devia fazer um vínculo pelo contato, cheiro e voz dessas babás, substitutivas maternas. O trabalho com as babás aconteceu. Era comum que as atendentes fossem chamadas de mãe. Algumas faziam algum tipo de maternagem. Acabamos com o rodízio e marcamos que as crianças deviam ser atendidas sempre pelas mesmas babás, na tentativa de evitar que os bebês fossem alimentados no berço, ou cuidados por várias atendentes. Introduzimos música no alojamento e estímulos visuais nas paredes e berços. Foi só!

O trabalho na FEBEM continuou em outra instituição com meninos de 04 a 09 anos. Ficava em outra cidade – em Olinda, num casarão simples de um bairro mais popular, onde não havia tanta discriminação. Essas crianças – eram perto de 50, frequentavam a escola pública do bairro para a aprendizagem e a socialização. Descobri aí o que era um Pai, ao perceber a relação que o diretor desenvolvia com todas as crianças da instituição. Identificava uma a uma, sabia os seus nomes e principalmente, era tanto autoridade como 'pai' carinhoso com todas. Era uma festa! Quando ele chegava as crianças corriam para abraçá-lo e ele as colocava no colo. Não havia muitas queixas nesta instituição.

Posteriormente, continuei o trabalho em outra unidade da instituição, o Centro de Recrutamento e Transferência - CRT, atendendo crianças a partir dos 09 anos que eram submetidas à avaliação médica, odontológica e psicológica e em seguida, encaminhadas para as Casas de Permanência, localizadas em cidades do interior do Estado. Ouvir as histórias das crianças, quando havia – ou a 'não-história', foi muito marcante. Lembro-me de um menino de 05 anos que narrou a sua construção idealizada de uma boa mãe: "minha mãe era tão boa, mas tão boa que ela me deixou porque não tinha como me dar de comer e para eu não passar fome". Era filho de uma prostituta em Recife, que o abandonou nas ruas...

1972 - Mudança para Salvador

Psicóloga e já portadora de carteira do Conselho Regional de Psicologia - CRP, vim morar em Salvador. Como o curso de Psicologia da UFBA estava formando suas primeiras turmas, ainda não existia o Conselho Regional de Psicologia da Bahia. Como psicóloga devidamente registrada, participei da criação do Conselho Regional de Psicologia da Bahia. Através dos contatos que tinha com colegas da área em Salvador, surgiu o convite para trabalhar na Clínica de Atendimentos Psicológicos e Psiquiátricos- CLAPP, para a continuação de atendimento a crianças. A situação da formação dos psicanalistas em Salvador era totalmente diferente de Recife, onde os candidatos à formação em psicanálise saíam do país, indo para Paris, por exemplo. Creio que os primeiros eram ligados à IPA e fui cliente de uma das primeiras psicanalistas com formação freudiana de Recife, embora por pouco tempo, em virtude da vinda para Salvador.

1972 em diante - A formação em

psicanálise em Salvador

Fiz os primeiros estudos teóricos freudianos com a psicanalista Dora Abadi, na CLAPP. Antes, nunca tinha lido Freud sistematicamente, nem feito nenhuma formação. Participei do grupo que propiciou a vinda dos psicanalistas argentinos para Salvador, objetivando a formação de psicanalistas. Sou, portanto, uma das pioneiras nesse movimento de fazer a formação na Bahia e não seguir para fora do país. O impacto de participar dos grupos de formação e terapêuticos sob o comando de Emílio Rodrigué e Marta Berlin, foi enorme! Tudo muito novo! Gostava de estudar e ler Freud, em minha versão bíblica com 03 volumes e em espanhol. Foi um encantamento! Eram tempos de aprender espanhol. Tive uma boa performance na aprendizagem. Dos grupos terapêuticos como cliente, onde se trabalhava sob a influência da psicanálise, do psicodrama e da gestalt, tenho lembranças importantes até hoje. Havia aquele questionamento entre os participantes se estávamos mesmo fazendo formação em psicanálise já que o grupo era muito 'eclético.' Mas, foi uma experiência de vida inesquecível! Após o término dos grupos terapêuticos, iniciei a minha análise pessoal com Emilio Rodrigué. Foram anos!

O trabalho clínico com crianças na CLAPP

Em Salvador, inicio minhas atividades clínicas na CLAPP atendendo crianças e seguindo nas descobertas das questões teóricas. Foi encerrado o ciclo de formação teórica, após aproximadamente três anos de estudos da teoria freudiana e mais um ano de formação na teoria psicanalítica de Melaine Klein, também com o grupo de argentinos. Esta teoria foi trazida como sendo uma renovação da psicanálise, e Emilio Rodrigué, com os outros psicanalistas do grupo argentino, eram especialistas no assunto. Considerei esta nova teoria um fato muito importante, uma vez que eu trabalhava com crianças. Ainda hoje é um enigma entender o que acontecia porque nas supervisões que fazia rotineiramente com esses psicanalistas argentinos, eles nos diziam que nas primeiras entrevistas, os pequenos clientes traziam suas "fantasias de doença e cura". Era claro que eu as ouvia, identificava e levava para as supervisões com um psicanalista e professor. Trabalhava com a caixa de material lúdico e expressivo de cada criança e com brinquedos. E havia toda uma evolução nos trabalhos com as crianças. A convivência com os psicanalistas da Argentina era cotidiana, pois trabalhávamos juntos na mesma casa. Fazíamos muitos seminários com outros que de lá vinham. Lembro-me de Fernando Uchoa, Artur Courel e Marie Langer. Foram vários anos de estudos.

Após o término da formação, foi criado na CLAPP outro curso, desta vez para oferecer formação em psicanálise aos profissionais de Salvador. Me sentia muito preparada, como sendo possuidora da teoria psicanalítica de Freud, de Melanie Klein e seus seguidores. Passei a fazer parte do grupo de professores.

Caso Clínico de autismo - Caso A

Atendi por muito tempo na CLAPP um menino de 08 anos, o primeiro caso de autismo que recebi. A criança fazia sua sessão individual comigo. Em dupla de co-terapia com o psiquiatra Raimundo Valadares, já falecido, atendíamos a família sem a criança, à noite. O menino só tinha consciência de possuir sua cabeça e desconhecia a existência do resto do corpo. Não falava, não frequentava escola e tinha pavor a barulhos, tipo liquidificador ou enceradeira. Apresentava muita agitação motora. Nas sessões, eu costumava andar de mãos dadas com ele em volta da casa, no jardim e às vezes até na rua. Tinha a intenção que ele tomasse consciência do resto do seu corpo. Nisso centrava o trabalho, falando sempre com ele e mostrando o seu corpo fazia com que o tocasse. Numa supervisão com Fernando Uchoa, psicanalista argentino, ele nos desanimou, achando que o caso não teria evolução. Foi uma ducha fria! Mesmo assim, prosseguimos com o trabalho, e não me lembro por quanto tempo. Não houve muita evolução do quadro, mas a criança já estava menos agitada. Percebi que eu nada sabia sobre os mecanismos psíquicos do autista. Eu sabia que não sabia!

1980 -1988 - Minha experiência com o ensino

À época, pela minha análise e pelas experiências das aulas ministradas na CLAPP, veio a descoberta do meu interesse pela docência. Me dei conta de ter facilidade de oratória. A UFBA passou então a fazer parte de minha vida e tornei-me professora universitária do Curso de Psicologia. Curioso porque fui uma menina disléxica. No meu tempo, em Olinda, não se sabia o que isso significava. Tive que me cuidar sozinha para aprender a ler e a escrever. Não foi fácil! Permaneci no curso de Psicologia da UFBA de 1980 a 2015 e foi uma vivência de grande significado. Gostei de tudo que fazia por lá e sempre dizia: "a UFBA é um campo aberto para quem quer fazer coisas novas". E foi o que fiz! Sistematizei o ensino da teoria freudiana e kleiniana, que lecionei por muitos anos e recebi muito reconhecimento dos alunos. Freud estava na moda! Participei dos trabalhos nos estágios, que era a parte prática do campo de atuação dos alunos. Trabalhei com outras disciplinas, mas fiquei sendo "a professora da teoria psicanalítica", que ensinei por muitos anos e gostava do que fazia. Naturalmente fui me dirigindo para a disciplina de Estágio Supervisionado em clínica. Naquele tempo, por não existir um serviço de atendimento de psicologia clínica na UFBA, todos meus estagiários eram direcionados para a instituição pública estadual de saúde mental, o Centro de Atendimento à Infância e Adolescência - CLAIA, no Bairro de IAPI em Salvador, onde, por muitos anos, os alunos fizeram suas práticas. Na época, a ênfase era desmedicalizar as crianças, introduzir a psicoterapia e também separar os atendimentos do Hospital Mário Leal, que atendia adultos e ficava ao lado. A sala de espera era única e não era apropriada para receber as crianças e suas famílias.

No CLAIA, então coordenado pela psicanalista Alcione Navarro, foi introduzida a teoria freudiana no trabalho com as crianças, estudos de casos

clínicos e suas apresentações em seminários. Os atendimentos eram realizados pelos estagiários sob minha supervisão e os casos eram apresentados em seminários clínicos de avaliação, que eram conduzidos de forma integrada por um grupo de profissionais da CLAIA/UFBA. Françoise, uma psicanalista francesa de muito renome, visitou essa instituição, nos deu supervisão e nos convidou a visitar a instituição francesa onde trabalhava. Atendi ao convite, visitei e conheci seu local de trabalho na França. Assim, fiz meu primeiro contato com uma instituição francesa especializada em atendimento a autistas e crianças deficientes. Foi uma rica troca de experiências. Aprendi o que elas chamavam "botar a mão na massa", ou seja, encaminhar as crianças que chegavam para uma variedade de trabalhos que a instituição oferecia: oficinas, teatro, brinquedoteca, sala de leitura, enfim... o que achassem que poderia interessar às crianças e que facilitasse o estabelecimento de um vínculo com elas. Não existiam instituições semelhantes em Salvador.

Creio ter sido pioneira no trabalho de *"Psicoprofilaxia Cirúrgica"* em Salvador, tema aprendido num curso realizado na CLAPP com a psicanalista argentina, Maria Rosa Glasserman. Era algo totalmente novo e nunca tinha ouvido falar. Consistia na preparação da criança para hospitalização e procedimentos cirúrgicos. Logo coloquei o ensinamento em prática na clínica e também com os alunos estagiários. Com essa formação, participei da criação dos primeiros centros de atendimentos a crianças em hospitais de Salvador que aceitaram estagiários de psicologia. Não havia nada disso antes. O primeiro, e inesquecível, foi o Centro de Oncologia do Hospital Martagão Gesteira que fazia cirurgias mutiladoras com crianças. Foi uma longa batalha para que fosse criado o internamento conjunto de mães-crianças, pois isso não existia. Não posso esquecer da função da funcionária encarregada de "apartar", era assim mesmo que se chamava, de separar as crianças das mães, no momento do internamento - um horror! As crianças gritavam e as mães choravam! Posteriormente, foi criado um alojamento para as famílias em casas próximas ao Hospital, até que o alojamento conjunto fosse instalado como rotina na instituição. Foi criado nessa época a brinquedoteca do Centro. Também não esqueço do caso clínico no setor de oncologia, de um garoto do meio rural, trazido pelo pai que afirmava ser ele seu filho mais velho, cuja mãe havia falecido, e que era seu "braço direito" nos trabalhos no campo. O garoto tinha uma tumoração de tal ordem nesse braço, que a amputação foi necessária. Naquele tempo já se começava a estudar os fenômenos psicossomáticos e o câncer. Já havia a produção teórica de Jean Gur.

Comecei então a dar supervisão aos alunos nos primeiros centros de Atendimentos Hospitalares em Salvador: Hospital Roberto Santos, Hospital Aristides Maltez. Hoje essa área de trabalho já se ampliou de tal forma, que não há praticamente hospital em Salvador que não tenha seu Centro de Atendimento Psicológico. Acompanhei muitos alunos estagiários nesses trabalhos de estágio e de extensão.

Naquela época – década de 1980, tive contato com Antonio Carlos Rocha, um dos primeiros psicanalistas lacanianos em Salvador, vindo de Paris para trabalhar na Bahia, e que atendia na mesma clínica onde eu trabalhava. Ele coordenou um grupo de estudo que durou cerca de três anos e aí estabeleci meu contato inicial com essa teoria. Não saímos do texto: "O discurso de Roma", dos *Escritos.* Mas, a discussão era muito rica e a teoria ia sendo por ele introduzida aos poucos. Tudo muito novo e diferente! A teoria de Melanie Klein foi ficando para trás. Fim do "seio bom" e "seio mau". Tempos de pensar no imaginário.

Lembro que ainda no tempo que trabalhava na CLAPP começaram a circular informações sobre a teoria psicanalítica lacaniana. Novo grupo se formava para os estudos e vários psicanalistas franceses eram agora trazidos rotineiramente para seminários teóricos ou para congressos. Participei de todos. Cito alguns como David Násio, Joel Dor, Contardo Calligaris, Mustafá Safoan, Gabriel Balbo, Charles Melman, Marie Cristine Laznik, dentre muitos outros. Agora eram os franceses que vinham à Bahia, não mais os argentinos. Tempos de estudar o francês.

Lembro de uma expressão dita por Emílio Rodrigué e que nunca esqueci em relação à teoria lacaniana: "É um osso duro de roer". Acho que tive a mesma impressão dele. Com a "queda" da teoria Kleiniana, ficou claro para mim – e foi uma desilusão constatar que as teorias são sempre incompletas e sujeitas às mudanças e substituições. Foi uma dura aprendizagem. Houve muita resistência para aceitação e assimilação da teoria lacaniana de minha parte.

Participei de dois momentos importantes nos estudos, já da teoria lacaniana. O longo curso sobre o seminário 3 - *As Psicoses*, com o psicanalista lacaniano Eduardo Vidal, da Letra Freudiana do Rio de Janeiro. Ele vinha rotineiramente à Salvador. Durou anos e era composto por vários psicanalistas, quando a teoria e a clínica eram muito discutidas e estudadas. Com relação à teoria psicanalítica lacaniana com Criança, fiz a formação na Associação Psicanalítica da Bahia com o psicanalista lacaniano, especialista no trabalho com crianças, Alfredo Jerusalinsky, que também vinha regularmente à Salvador. Foram muitos anos de seminários e supervisões que sedimentaram meu trabalho de atendimento na clínica com crianças.

1988-2002 - O Serviço de Psicologia João Ignácio de Mendonça, da UFBA, foi reinstalado

O Serviço passou a funcionar como um centro de atendimento clínico à comunidade, realizado por estagiários do Curso de Psicologia supervisionados por um grupo de professores com formação em psicanálise, do qual fazia parte, supervisionando os trabalhos lá realizados em atendimentos às crianças e adolescentes. Foi uma grande escola de experiências clínicas e de supervisão de casos atendidos, bem como uma importante contribuição prestada à comunidade carente de Salvador, que não contava com instituições que oferecessem este tipo de trabalho. Fiquei muitos anos lá, inclusive como

coordenadora. Aprendi muito sobre a realidade da população de baixa renda e dos seus sofrimentos psíquicos.

Era um espaço aberto e foi possível criar uma rotina de Seminários Teóricos que fazíamos convidando psicanalistas da cidade para apresentar trabalhos. Isso por um período muito prolongado. Foi interessante descobrir que os colegas tinham também muito interesse em apresentar palestras e trabalhos no Serviço de Psicologia da UFBA. Nunca aconteceu uma recusa. Também trouxemos outros profissionais da cidade, pessoas da área da linguística, psiquiatras, psicomotricistas, pedagogos, dentre outros. Psicanalistas que vinham de fora para outros eventos em Salvador atendiam ao nosso convite e também se apresentavam no Serviço de Psicologia da UFBA. Fizemos vários seminários de estudos e supervisão com Marie Cristine Lasnik, nesses moldes. Uma variedade de especialistas. Foi um período muito importante de trocas e experiências enriquecedoras.

Introduzimos na clínica da UFBA a sistematização das apresentações em Seminários dos Casos Clínicos atendidos, com a participação de todos os estagiários e extensionistas e com a presença de outros colegas psicanalistas, que ouviam e discutiam os casos, numa supervisão conjunta das atividades realizadas.

Na UFBA, criei ainda o GTEAP, Grupo de Estudos e Trabalhos em Autismo e Psicose. Esse grupo foi organizado como uma Atividade de Extensão pela necessidade de estudos e supervisão para os casos de autismos e psicoses que chegavam ao Serviço. Foi composto por outras psicanalistas que trabalhavam em outras instituições em Salvador com a mesma clientela: IAPSEB, Prefeitura de Salvador. Vivíamos as mesmas dificuldades ao nos defrontarmos com essa clínica. Começamos assim a buscar na Bahia, no Brasil e fora do país, a literatura para fundamentação dos trabalhos realizados. Foi um momento de muita aprendizagem e trocas de experiências. Fizemos tradução de textos e trouxemos psicanalistas franceses da Associação Freudiana de Psicanálise para supervisão e intercâmbio, que resultou na ida do grupo à Paris em 1994, onde fiz a apresentação do trabalho: "A questão da pulsão na clínica do autismo", em um simpósio sobre Autismo, no Hospital Saint Anne. Naquela ocasião, o grupo visitou outra instituição que atendia crianças autistas e sindrômicas, ficando dois turnos observando a dinâmica dos trabalhos lá realizados. Nos chamou a atenção a forma que os pacientes novos eram acolhidos. A criança e a sua família compartilhavam um café da manhã junto aos técnicos da instituição sendo ouvidos e estudados a partir daí, possibilitando um encaminhamento para uma série de trabalhos, tais como sala de jogos – uma só de legos, oficina de arte, de teatro e outros trabalhos expressivos.

Assistimos também a um atendimento de avaliação de uma criança, realizado pelo psicanalista lacaniano Jean Bergés e uma entrevista pública com paciente realizada pelo também lacaniano Czermak – psicanalista da Associação Freudiana de Psicanálise, realizada no Hospital Saint Anne. Foi uma experiência importante viver um pouco da atmosfera dos trabalhos psicanalíticos lacanianos em Paris. Na época, a teoria psicanalítica tinha um grande espaço na UFBA.

Posteriormente, em 2000, um grupo de professores conseguiu aprovar um Mestrado Interinstitucional em Teoria Psicanalítica entre UFRJ e UFBA. Participei como aluna e foi uma experiência muito enriquecedora de estudos e trabalhos. Quis sair um pouco do dia a dia da UFBA e ver outras realidades. Tive interesse em trabalhar com o tema adolescência. Fui para o Centro de Referência aos Adolescentes da Secretaria de Saúde do Estado da Bahia - CRADIS/SESAB, por dois anos, e lá tive oportunidade de atender jovens adolescentes carentes, que tinham experiência de gravidez e maternidade. Foi esse o tema da minha dissertação de Mestrado que resultou no livro, editado pela EDUFBA, "Maternidade, desejo e gravidez na adolescência", onde narrei esta experiência. Foi inesquecível, pois atendi várias adolescentes, inclusive uma jovenzinha que foi mãe aos 12 anos, que acompanhei até os seus 15 anos. Foi um caso muito particular em que trabalhei com a jovem por muito tempo. Era uma família paupérrima de uma cidade da região metropolitana de Salvador. Esta experiência está relatada em meu último livro "De que se queixa o adolescente hoje - Clínica psicanalítica e contemporaneidade", publicado também pela EDUFBA em 2015, com a participação da psicanalista e colega da UFBA, Rita Gonzales.

2002-2003 - A criação do Curso de Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica da UFBA

Após o retorno do mestrado, um grupo de psicanalistas professores de outras faculdades e da UFBA - no qual me incluo, resolveu criar na UFBA, um curso de pós-graduação em nível de Especialização em Teoria da Clínica Psicanalítica, nos moldes do mestrado da UFRJ. Esses professores que fizeram o mestrado foram chamados para ensinar. Foi outra experiência enriquecedora e fizemos quatro turmas. Recebemos muita demanda de alunos da comunidade e de psicanalistas das instituições de formação de Salvador. Tivemos alunos que vinham de outros Estados e outras cidades para fazer o curso. Alguns psicanalistas e professores do nosso Mestrado da UFRJ, vieram também dar aulas no curso de Especialização da UFBA. Seguindo o modelo de curso que estudamos, a cada turma que concluía era lançado um livro, por nós organizado, com os trabalhos de psicanalistas convidados, professores e alunos do curso. Foram quatro turmas e quatro livros lançados. Era sempre possível trazer outros professores psicanalistas para fazer seminários na UFBA. Joel Birman, Antonio Quinet e Cristina Kupfer vieram diversas vezes. Nós também abríamos esses seminários para o público. Tínhamos muito trabalho com a parte burocrática e a questão das instalações físicas, como conseguir auditórios, salas etc., mas fazíamos. Freud ainda continuava em moda na UFBA.

2004 - Paralelo a isso, veio

a ideia de fazer um curso de doutorado

Foi uma novidade na minha vida e a decisão de fazer algo diferente. Tive a clara percepção que estava mergulhada num novo mundo cultural imenso! Tempos de revisar e estudar o inglês. Escolhi fazer o doutorado no Curso de História Social na UFBA. Concorri com os colegas historiadores, mas tirei o primeiro lugar na seleção. Continuava me achando. Queria agora trabalhar com os adultos e idosos. Escolhi como tema a memória em Freud, em Henri Bergson e em Maurice Halbwachs, teóricos de uma mesma época e cultura, mas com visões distintas. Trabalhar com pesquisa de campo, outras teorias além da psicanálise, foi muito enriquecedor. O tema da minha tese foi a memória de idosos e sua relação com suas origens, sua cidade natal. Escolhi Olinda, minha própria terra, e a tese transformou-se em livro, mais uma vez editado pela EDUFBA com o título: "Memória de Olinda, história, psicanálise, paixão e arte", do qual muito me orgulho.

2015 - A aposentaria da UFBA, aos 69 anos e após 30 anos ensino e extensão

Ia deixar a UFBA aos 70 anos, idade limite para o professor se aposentar. Mas a perspectiva de novas greves e aulas a serem dadas no verão em salas sem ar condicionado, como era realidade em São Lázaro, já não me era atraente. Antecipei a saída, talvez pela constatação que Freud já não estava mais tão em moda na UFBA. A "psicanálise é machista e falocêntrica", ouvi dos alunos. Sempre tivemos, historicamente, no Curso de Psicologia, a teoria Behaviorista-comportamentalista, à qual a psicanálise fazia um contraponto. Ultimamente outras teorias estão sendo introduzidas. São outros os tempos! Perto da finalização dessa apresentação, informo que como parte da minha formação, escolhi fazer a minha terceira análise com uma psicanalista lacaniana, de Salvador, tendo começado há muitos anos.

A chegada dos 70 anos

Decido continuar atendendo no consultório, mas só pacientes adultos. Não sei até quando. A decisão de não mais atender crianças veio em função da percepção de que com os anos o desejo e a disposição física mudaram. Os trabalhos com crianças e com autistas ficam para os analistas mais jovens.

Para concluir esse trabalho intitulado: "A clínica nossa de cada dia", escolhi apresentar um caso clínico de autismo, que atendi há alguns anos e que marcou muito minha trajetória como psicanalista. Não tive dúvidas quanto à escolha do caso a ser apresentado.

Atendimento de um caso de autismo

O atendimento desse caso já foi publicado e intitulado: "O determinismo da cadeia significante na clínica psicanalítica". Só esse caso, dentre tantos e tantos outros, surgiu como opção para trazer aqui para vocês. No período do GETEAP, atendi um caso de autismo de um jovem de 15 anos, encaminhado por uma escola especial. Ele apresentava uma linguagem totalmente ecolálica, com repetições automáticas de frases em inglês que ele ouvia nos filmes que assistia repetidamente. Era um filho de pais separados e totalmente rejeitado pela mãe, criado pelo pai e pela madrasta. A mãe só veio uma vez ao consultório, depois de muita insistência, avisando que não retornaria e realmente nunca retornou. Pediu para que eu cuidasse do filho. Diz: "Eu deixei ele de lado mesmo, foi filho rejeitado, eu era indiferente". Continua dizendo que teve outra filha menina e informa: "Foi ótimo ter tido menina, se fosse menino ia destronar o trono que ele não tem. Não cuidei dele por obrigação, não fui daquelas de jogar no lixo". Referindo a um período que ele morou com ela. O trabalho analítico prosseguiu por um longo período. Os contatos eram feitos sempre com o pai e estive também com a madrasta. De início, o pai informou que ele tinha várias revistas do personagem que ele repetia o nome automaticamente. Informa que o acha inteligente porque fala inglês. Peço que me tragam as revistas, o que foi feito. Ele costumava chegar para as sessões falando alto, que de fora da casa já se escutava. Não havia comunicação porque a mensagem não podia ser invertida. Como nos mostra Gabriel Balbo e Jean Bergés: "para o autista o significante é de uma extrema periculosidade. É frente ao significante que o autista recua"...o autista não leva em consideração a pessoa que está em sua frente: não tem nenhum retorno da mensagem" (BALBO; BERGÉS, 2003, p. 157-158). Bernard Nominé também destaca que "a criança autista não utiliza o significante para endereçar suas demandas ao outro" (NOMINÉ, 1999, p. 233-234). Percebo que sua fala ecolálica pode ser uma tentativa de fazer uma prótese ao fracasso da metaforização do NDP, já que não havia lugar desejante nessa família para ele e em consequência, a ausência das funções paterna e materna. Divido o trabalho com esse jovem em 4 etapas:

A primeira - As sessões giravam em torno dessas revistas e passaram a ser realizadas na sala de espera e na área externa da casa. Foi necessário um tempo para que pudesse atender no meu consultório. As revistas eram manuseadas por ele e por mim. Eu lia algumas frases dos personagens, mas ele não escutava. Não havia presença para ele.

A segunda - A analista, como lugar do Outro, vai possibilitando que efeitos aconteçam, colocando-se no lugar de espelho. O trabalho da imagem do corpo aconteceu. A partir das revistas foi proposto que os personagens fossem recortados e delas destacados. Isto foi feito, ele já parava e começava a acompanhar passando também a rasgar os personagens das folhas. Eram muitas as revistas que ele trazia e que também eram disponibilizadas por mim.

A terceira - Comecei a solicitar que ele desenhasse os personagens. Foi iniciada uma dolorosa etapa e apareceu um imenso sofrimento e angústia. Suas tentativas de desenhar foram vividas como algo da ordem do impossível. Nunca havia feito uso do lápis e do papel para desenhar. Mas o trabalho aconteceu! Ele já não repetia exaustivamente as frases em inglês. De início recuava e se aproximava do papel e do lápis, parecia fascinado. Ficava claro que ele estava na linguagem e entendia o que estava sendo solicitado por mim. Ele repetia, automaticamente várias vezes

a frase do Outro: "R, é um fracasso". Mesmo a frase estando em terceira pessoa, era do sujeito que se tratava. Mas eu completava sua frase e dizia: "que tudo que ele fazia na sessão era importante para mim". Eu me ouvia também repetindo isso e acreditava nisso também. O que sustentou minha posição foi o vínculo transferencial, pois eu não tinha dúvidas que ele iria desenhar. Aliás eu tinha certeza! Mesmo sabendo da dificuldade que ele enfrentaria para fazer. Não tinha nenhuma coordenação motora, a angústia que sentia era imensa, pois mal sabia pegar num lápis. Não me afastei nem um pouco da decisão que tomara.

A Quarta - Seguiu-se uma longa fase onde o paciente fazia inúmeras tentativas rasgando muitas folhas de papel e as jogava no lixo. Esses papéis foram desamassados um a um e cuidadosamente guardados em uma pasta. E eu repetia sempre: *"Seu trabalho não é lixo e nem você é lixo"*. Essa intervenção repetida muitas vezes trouxe efeitos enormes sobre a analista, sobre o trabalho e sobre o jovem. Eu guardava montes de folhas de papel. Ele passou a fazer desenhos de forma torrencial exatamente como repetia as frases ecolálicas. Era uma tentativa de reprodução das figuras, num trabalho de simbolização através do traço e do desenho. A intervenção foi uma tentativa de retirá-lo do lugar de puro real, de dejeto, objeto' a' por excelência, que se encontrava.

Eu acreditava nisso e a partir da sua posição transferencial, e assegurado pelo desejo da analista, ele passou a desenhar. Só no aprés-coup das sessões pude me dar conta do lugar de Outro barrado que ocupava, que aí representava a Lei, que dizia Não. Barrava esse transbordamento de gozo das frases ecolálicas repetidas. A partir daí, foi toda uma sequência de construção de um corpo próprio, passando por várias fases, desde o desenho do homem- girino, até conseguir desenhar uma figura humana completa. Primeiro momento da organização egóica, reconstituição imaginária de um corpo. Foram necessárias várias vezes fazer ele pegar no seu próprio corpo como um exercício de reconstituição do corpo, vivido imaginariamente como despedaçado. Toda vez que desenhava eu perguntava quem tinha desenhado e ele não respondia. Até que depois de várias tentativas de perguntar seu nome, pela primeira vez falou, começando pelo sobrenome até o nome próprio, disse na ordem invertida. Destaco que ele tinha o mesmo nome do pai.

Último momento - Passou a desenhar circulando mãos e pés dos personagens. Já são revistas em geral. Ele passou a desenhar corpos com espadas, desnudos, em uma clara evidência que estava tomado pela erotização. O corpo podia ser pulsional. À medida que as sessões avançavam, eram visíveis seus progressos. A família informa que ele tem se masturbado. A escola também informa dos seus avanços na linguagem. Nas sessões já relata os acontecimentos do dia a dia da escola. A última notícia é que estava sendo preparado para vender cachorro-quente na banquinha que a escola disponibilizava para os alunos. Só quando escrevia a apresentação desse trabalho para um congresso, lendo as anotações, lembrei do enunciado materno: *"não cuidei dele por obrigação, não fui daquelas de jogar no lixo"*. Foi um choque e um espanto para mim pois não lembrava do discurso materno e não tinha a menor noção porque não deixava seus desenhos irem para o lixo. Tinha a absoluta certeza que ele desenharia, mesmo que todas as evidências mostrassem o contrário. Penso que foi o lugar do Outro materno que ocupei na transferência, enquanto analista, e que pude sustentar. Sabia que dessa posição não poderia me afastar, tratava-se do desejo da analista. E porque ali naquele "não discurso" havia um sujeito capaz de advir. Só no "a posteriori", me dei conta do que ocorrera, ou seja, como analista, *não sabia conscientemente que sabia!*

O tratamento durou um ano e meio com duas sessões semanais. Eu nunca esqueci desse caso, foi atendido há muitos anos. E não esqueço o impacto e a aprendizagem que ele me proporcionou. Foi interrompido pela mudança de residência da família.

O trabalho foi publicado no livro "De que se queixa os adolescentes hoje: clínica psicanalítica e contemporaneidade", já citado. Foi também o livro de despedidas da UFBA, já que nele apresentamos um trabalho de pesquisa sobre as queixas e sofrimentos psíquicos que os jovens trazem quando chegam pedindo ajuda a uma instituição pública.

Encerro afirmando que foi com muita emoção que escrevi esse trabalho, e que rememorei toda essa minha história. Gostaria de destacar ainda, que durante a apresentação desse trabalho no Espaço Moebius, uma psicanalista presente ao evento me procurou para informar que uma criança, sua conhecida, que atendi há muito tempo, e por longo período, também com retraimento autístico, tinha se formado recentemente em engenharia.

Agradeço ao Espaço Moebius por essa significativa oportunidade!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balbo, G; Bergés, J. (2003). Psicose, autismo e falha cognitiva na criança. Porto Alegre: CMC.

Nominé, B. (1999). A questão do sintoma e a problemática do corpo no autismo. In: Sonia Albert (Org.). Autismo e esquizofrenia na clínica da esquize. São Paulo: Rios Ambiociosos.

topos

O OVO DA SERPENTE

Mônica Portugal[1]

Resumo: Este título alude ao filme de Ingmar Bergman. Nessa obra, o diretor descortina as condições antecedentes à eclosão do nazismo na Alemanha. O roteiro pode ser esclarecido pela recente obra de Éric Vuillard, A ordem do dia, ao mostrar como as condições propícias a essa eclosão surgiram com o apoio das elites burguesas dentro e fora da Alemanha, inclusive com a tolerância dos governos das nações aliadas contra o regime nazista. Tal quadro serve de mote para entender o modo como se processam movimentos que negam a política no Brasil da atualidade a partir do discurso, empregando a mentira, o medo e a violência.

Palavras-chave: Bergman; *O Ovo da Serpente*; Mentira; Medo; Violência; Política.

THE SERPENT'S EGG

Abstract: The title makes an allusion to the film of Ingmar Bergman in which the director reveals the conditions that existed prior to the outbreak of Nazism in Germany. The screenplay can be better understood by examining Éric Vuillard's recent work, "The Order of the Day", which describes how the conditions that led to that outbreak arose with the support of bourgeois elites within as well as outside Germany, along with the complacency of the governments that were allied against the Nazi regime.

Keywords: Bergman; The serpent´s Egg; Lie; Fear; Violence; Policy.

O 14 de julho de 2018 marca cem anos de nascimento do genial diretor sueco Ingmar Bergman. Este é responsável por uma das mais instigantes e intensas filmografias de todos os tempos. Podemos facilmente nos lembrar de alguns destes filmes: *O silêncio, Fanny e Alexander, Persona, O sétimo selo, Morangos silvestres, Gritos e sussurros, Mônica e o desejo* e tantos outros. Todavia, *O Ovo da Serpente* sempre me causou de modo muito especial. Desconheço os motivos, mas esse filme sempre me recordará o diretor e tal fato, juntamente com os atuais acontecimentos políticos no Brasil, serviu-me de mote para escrever sobre sua percepção acerca de um período singular pela violência e estranheza que marcou a geo-política e a história da Europa no século XX.

A produção do filme data de 1977 e certamente é um dos mais emblemáticos sobre o período que antecedeu à eclosão do nazismo na Alemanha. Foi produzido por Dino De Laurentiis e estrelado por Liv Ullmann e David Carradine. Bergman é reconhecido pela profundidade, pela intensidade como trabalha temas psicológicos com narrativas que desnudam o universo pouco convencional da sociedade, mostrada sob diversas facetas, mas, sobretudo, gravada pela ausência de um Outro garantidor, a presença da angústia, do desejo e da vida, recheada de poesia.

O título do filme teria sido retirado de uma das obras mais refinadas de Shakespeare – *Júlio César*. Mais precisamente de uma fala de Brutus, quando este tenta justificar as razões para o assassinato de César, afinal a questão era interromper um ciclo de tirania, daí o assassinato teria uma razão de Estado. Esta é certamente a obra mais política de Shakespeare, pois a tragédia de Júlio César é a própria tragédia da política – da vida na *polis*, sendo Roma o seu paradigma.

Talvez possamos entender a tragédia como da ordem do fracasso da política ou o fracasso da arte do entendimento na comunidade. Maquiavel, um século antes do bardo, já teorizara e influenciara os conflitos de poder na cidade-Estado de Florença, ao legitimar a manipulação do discurso com o uso da mentira, da violência e do medo para resguardar interesses do príncipe, do Estado.

Se pensarmos na estética e na política de propaganda levada a cabo no período de Hitler por intermédio de Joseph Goebbels, podemos entender toda a evolução das cenas mais densas do filme. Como numa grande alegoria, dez anos antes da chegada de Hitler ao poder, em 1923, na chamada República de Weimar, todo o esqueleto daquilo que viria já estava montado, daí o "ovo da serpente", daí a angústia de Abel Rosenberg, primeiro diante do suicídio do irmão – este trabalhara na clínica onde o próprio Abel e sua cunhada viriam a trabalhar. Depois, ao sair perambulando e presenciando cenas de violência, sem que ninguém interferisse, questionando sem ser respondido, ninguém lhe tinha ouvidos, o álcool era sua fiel companhia. Ou quase, pois a presença de sua cunhada era marcada por uma não presença, apesar de externar carinho e quase uma devoção ao cunhado, ela mais parecia um "espectro". Era como se ela estivesse em permanente estado de terror, paralisada e "protegida" por uma espécie de véu "espectrante". Isso angustiava ainda mais Abel.

O quadro de medo e caos se acentua e o discurso se torna único – havia um inimigo já nascido e crescido, os judeus e alguns outros, como os comunistas, por exemplo, assim como único se torna o chamado "povo alemão". O diretor captou com maestria o sentimento desse povo e na fala do médico responsável pela clínica ele indica a escolha do título, pois é a partir das quase imperceptíveis membranas do ovo, a partir de sua transparência que o réptil se mostra à perfeição, sendo possível, portanto,

[1]Psicanalista, membro do Espaço Moebius. E-mail: monipox@hotmail.com.

acompanhar o desenvolvimento da serpente em seu interior.

Algo como um discurso estruturado para engendrar todo o processo, toda a linha de acontecimentos, sem que haja dúvidas do resultado, dali certamente sairá uma serpente. Tal clínica é a própria cidade, sua política ou apolítica, suas intervenções, as manipulações no discurso, no corpo, na dor e nos afetos. Ela funciona como um verdadeiro laboratório, era o lugar onde o ovo estava sendo chocado, ou melhor, era o próprio cotidiano das pessoas invadidas pela intolerância, pela irracionalidade, pelo contágio da mentira, pela ausência de referenciais mais robustos no presente, desfigurando a possibilidade de futuro e pela falta de autonomia (lembrar, ainda que isto não sirva de justificativa, mas que foi aproveitado como tal pelos que aguardavam o assalto final ao poder, que o tratado de Versalhes sufocou a Alemanha e uma geração perdida deixou inflar gritos sufocados).

O Ovo da Serpente é o único filme do diretor que faz referência à República de Weimar, no período que antecede à eleição de Hitler, aliás, o filme se baseia em passagens angustiantes de uma semana do trabalhador, Abel Rosenberg. Este, um trapezista americano, judeu, encontrava-se desempregado naquele ano de 1923, numa Alemanha com hiperinflação. Tal quadro econômico é demonstrado pelo diretor numa cena em que o dinheiro para comprar um maço de cigarros é levado num carrinho de mão, usado na construção civil. Ali ele destaca a completa corrosão social, algo como um salve-se como puder, é o que Abel procura: apenas sobreviver. É também o ano em que Hitler tenta ascender ao poder por meio de um golpe de Estado, daí sua prisão, onde ele escreve o livro que a princípio não chama atenção, mas nele já se encontram estampadas todas as suas ideias e teorias sócio-políticas. Nesse livro, o ovo também já se dá totalmente a ver, só que seu triunfante nascimento precisaria de condições outras para lhe dar suporte. Um ovo precisa de calor para eclodir. Éric Vuillard, em seu escrito *A ordem do dia* (2018), esclarece com precisão poética esse suporte.

Dois anos antes da ambientação desse filme, em 1921, Freud escreve *Psicologia das massas e análise do eu (Psicología de las masas y análisis del yo)*, em que trata dos processos de identificação, à luz da teoria psicanalítica, unindo processos singulares ao coletivo das massas. Freud denuncia a alienação no culto aos líderes e escancara as raízes de tais processos, na conjunção entre identificação, idealização e narcisismo. Neste texto, ele analisa particularmente duas formas de massas artificiais: a Igreja e o Exército. E diz que a premissa, ou a lógica de funcionamento dessas massas é que todos sejam amados de igual modo pelo condutor, que é único. Os indivíduos seriam iguais entre si, mas sob uma só condução, um só governo. Esses iguais identificam-se entre si e Freud arremata, dizendo ousar, ao corrigir o enunciado de Trotter, "segundo o qual o ser humano é um animal gregário *(Herdentier)*, . . . [o ser humano] é antes um animal de horda *(Hordentier)*, o membro de uma horda dirigida por um chefe" (Freud, 2007, p. 115).

Freud também mostrou ao longo de sua obra o funcionamento do desejo e das pulsões e alertou que o processo civilizatório depende de certa contenção dessas pulsões. A partir daí, os métodos de fascínio já não serão os mesmos. Os mecanismos estéticos e de propaganda se sofisticaram e o filme de Bergman nos dá uma pequena mostra do ambiente propício em que este tipo de alienação pode acontecer e se alastrar, sobretudo a partir do medo e da mentira, cujo destino desemboca na onipotência de uma determinada linha de pensamento.

Quanto à mentira, não parece novidade, o poder sempre se valeu de tal categoria, e a tradição já o demonstrou, basta percorrer Platão, n'*A república*, e o aqui já lembrado Maquiavel. A mentira se tornou não só uma característica psíquica do sujeito, mas também da política. Aqui, vale lembrar Lacan quando afirma que o inconsciente é o social ou a política (Lacan, 2008).

Norbert Elias (1997) escreveu uma das mais importantes obras sobre a sociedade alemã, *Os alemães*. Nela, ele ressalta diversos aspectos que conduziram à ascensão do nazismo, inclusive esclarecendo o fato de o rearmamento da Alemanha ter sido tolerado pelos aliados em razão da perspectiva de avanço da revolução bolchevique. A extrema direita se organizou em grupos terroristas, com o apoio da nobreza e da alta burguesia e a violência do Estado tornou-se pauta a ser seguida por grupos que se organizavam sob os mais diversos matizes, desde que as palavras de ordem contra judeus e comunistas e outras minorias estivessem na "ordem do dia".

Se juntarmos a análise de Elias (1997) com a narrativa de Éric Vuillard, em *A ordem do dia* (2018), entendemos que houve não somente uma aceitação dos aliados, mas um verdadeiro pacto, considerando que o arsenal bélico estava sendo construído extramuros, afinal a Alemanha precisaria se preparar para a ameaça comunista, algo perfeitamente necessário segundo o interesse e a ordem geopolítica. O expediente usado pela Alemanha é muito comum e conhecido por todas as nações desenvolvidas, paraísos fiscais e empresas fantasmas. Foi assim que a Alemanha conseguiu construir seu arsenal inicial para fomentar o medo, isto no período em que ainda precisava se "esconder", pois "o tratado de Versalhes proibira aos alemães o fabrico de tanques, as empresas alemãs produziram-nos pois no estrangeiro, por intermédio de sociedades-sombra (Vuillard, 2018, p. 102).

A descrição tanto teatral quanto magistral, escrita por Vuillard acerca da reunião realizada em 20 de fevereiro de 1933, entre 24 "veneráveis patrícios", [2] o presidente do Reichstag, Hermann Wilhelm Göring e Adolf Hitler, faz calar qualquer objeção ao entendimento de que tenha havido esse pacto, afinal "era preciso pôr termo a um regime fraco,

[2] Sendo eles: Gustav Krupp, Albert Vogler, Gunther Quandt, Friedrich Flick, Ernest Tengelmann, Fritz Springorum, August Rosterg, Ernst Brandi, Karl Buren, Gunther Heubel, Georg von Schnitzler, Hugo Stinnes Jr., Eduard Schulte, Ludwig von Winterfeld, Wolf-Dietrich von Witzleben, Wolfgang Reuter, August Diehn, Erich Fickler, Hans von Loewenstein zu Loewenstein, Ludwig Grauert, Kurt Schmitt, August von Finck e Dr. Stein; ou melhor, leia-se BASF, Bayer, Agfa, Opel, IG Farben, Siemens, Allianz, Telefunken, Accumulatoren-Fabrick AG (a futura Varta). Leia-se também que hoje a Thyssen-Krupp ainda é um dos líderes mundiais do aço.

afastar a ameaça comunista, suprimir os sindicatos e permitir que cada patrão seja um Führer na sua empresa" (Vuillard, 2018, p. 23). Um ajuste dos sonhos. E mais, a ajuda prestada pelos 24 capitalistas do mundo financeiro e industrial foi decisiva para as eleições parlamentares daquele ano. Assim o partido nazista poderia oferecer calma e tranquilidade aos mercados e, teria ainda acrescentado Göring, "estas eleições serão as últimas nos próximos 10 anos; e até – acrescenta, rindo – nos próximos cem" (Ibidem,, p. 23). Cumpre não olvidar, o incêndio do Reichstag ocorreu no dia 27 de fevereiro de 1933, assim como "a abertura de Dachau, nesse mesmo ano, a esterilização dos doentes mentais, ainda no mesmo ano, a Noite das Facas Longas, no ano seguinte, as leis da salvaguarda do sangue e da honra alemã, o recenseamento das características raciais, em 1935" (Ibidem, p. 34).

A história não pára na ajuda financeira prestada pelas elites industriais e financeiras da Alemanha. Em 1937, seguimos com Vuillard, Lord Halifax, aristocrata inglês, expoente da diplomacia da ilha, foi ter com Hitler. Após o encontro, tece os seguintes comentários:

> O nacionalismo e o racismo são forças poderosas, mas não as considero nem contranatura, nem imorais!" e um pouco mais tarde: "Não tenho dúvidas de que estas pessoas detestam verdadeiramente os comunistas. E asseguro-lhe que, se estivéssemos no lugar deles, sentiríamos a mesma coisa". Tais foram as premissas daquilo que ainda hoje se chama a política de apaziguamento" (Ibidem, p. 31).

Não podemos alegar falta de criatividade e sentido de oportunidade para os detentores das maiores fortunas. Ainda hoje o quadro não é muito diferente da apresentação de 20 de fevereiro de 1933, dia da fatídica reunião, e eis que se apropriam da mão-de-obra de baixíssimo custo, pois as indústrias de Gustav Krupp foram servidas por milhares de trabalhadores forçados, eram os "deportados em Buchenwald, em Flossenburg, em Ravensbruck, em Sachsenhausen, e Auschwitz e em muitos outros campos ainda. A sua esperança de vida era de alguns meses"(Vuillard, 2018, p. 137). Eles não estavam sós, todos queriam compartilhar deste aspecto rentável da guerra:

> A Bayer arrendou mão de obra em Mauthausen. A BMW contratava em Dachau, em Papenburg, em Sachsenhausen, em Natzweiler-Struthof e em Buchenwald. A Daimler, em Schirmeck. A IG Farben recrutava em Dora-Mittelbau, em Gross-Rosen, em Sachsenhausen, em Buchenwald, em Ravensbruck, em Dachau, em Mauthausen, e explorava uma fábrica gigantesca no campo de Auschwitz: A IG Auschwitz, que, com todo o impudor, surge com esse nome do organigrama da empresa. A Agfa recrutava em dachau. A Shell, em Neuengamme. A Schneider, em Buchenwald. A Telefunken, em Gross-Rosen e a Siemens, em Buchenwald, em Flossenburg, em Neuengamme, em Ravensbruck, em Sachsenhausen, em Gross-Rosen e em Auschwitz. Todos se tinham precipitado sobre essa mão de obra tão barata (Idem).

A citação como repetição dessa minuciosa descrição de Vuillard é intencional. Há algo na história que se propaga de forma mentirosa. Os patrícios tentaram limpar seu nome. E conseguiram. Afinal, entre eles há os grandes detentores do controle da imprensa, são eles que conseguem pautar seus interesses nos parlamentos espalhados pelo mundo e as redes sociais não ficam atrás. Basta refletir sobre as últimas duas eleições nos EUA e o imbróglio envolvendo o *Facebook*. As empresas citadas pelo autor restaram incólomes, as fortunas familiares foram resguardadas.

Esse quadro continua se repetindo, senão amparemo-nos num exemplo semelhante ao que aconteceu há cerca de três anos com a Volkswagen, empresa alemã. Ela passou por um dos maiores escândalos na história da indústria automobilística, o Dieselgate[3] . Suas ações despencaram por pelo menos seis meses no ano de 2015, após as primeiras denúncias e o julgamento nos EUA, tendo sido condenada por fraudes no uso de dispositivo que "enganava", ou melhor, distorcia para menor a leitura da emissão de gases poluentes em seus carros. Mas o governo alemão não abandonou sua empresa ou tampouco denegriu sua imagem. Eles devem ter lá seus motivos, talvez a empresa seja importante para a nação alemã, ainda que pratique atos de corrupção e mentiras sobre sua *performance* em termos de gestão do lucro e do meio ambiente, ainda que isso possa atingir milhões de pessoas no mundo todo.

[3] Conforme depoimentos de procuradores e investigadores nos EUA. Ver documentário a respeito em exibição no Netflix.

A situação no passado e a atual não deixa dúvida que quando o critério é salvaguardar os dividendos dos acionistas, aumentar a fortuna das famílias ou uma ação estratégica para o país, a cartilha é seguida à risca. Multas foram pagas na atualidade do Dieselgate e a empresa voltou ao patamar antes do escândalo e agora procura um bode experiatório, um ex-dirigente para marcar a diferença entre a empresa e os atos de seus dirigentes. Por que é tão fácil apagar essas marcas? Porque há uma concentração, ou melhor, uma hegemonia no discurso para não deixar nada escapar, nada a ferir os interesses dos beneficiários dessa ordem.

Todos os atores desses casos emblemáticos foram anunciados no caso brasileiro da Petrobrás, talvez não haja na história recente do capitalismo algum ente moral que tenha sido tão fortemente combatido. E, pior, pela própria imprensa nacional e sistema jurídico, com a clara intenção de desmantelar a empresa, a ponto de denegrir sua imagem de tal forma que seu espólio seja convertido em pouco mais ou nada. Se o problema central fosse um caso de corrupção, esse deveria ser tratado pelo judiciário, acertadas as contas com a sociedade, afastados seus dirigentes e apuradas todas as responsabilidades. O que se viu foi um orquestramento via demonização da empresa, como se seus sócios brasileiros – já que parte de suas ações são estatais, públicas – fossem todos malfeitores, como se todo o patrimônio da empresa, que é também patrimônio da nação brasileira, devesse ser apoucado, apequenado, subtraído para pagar pelo crime cometido por outros agentes. Como se toda a massa de empregados da empresa tivesse arrolado em todos os crimes perpetrados por alguns de seus dirigentes.

É possível, no mínimo, perceber a diferença de tratamento entre a grande burguesia internacional, aqui notado o caso na Alemanha no período anterior à segunda grande guerra e o período atual com o Dieselgate e a nossa obediente classe de albergados de décima categoria dessa burguesia. Sim, pois sequer podemos afirmar tê-los como representantes de uma burguesia nacional, eles mal cabem como

times-reserva de interesses dessa burguesia maior, a que detém o comando no discurso hegemônico. Eis a questão-chave.

Mas, afinal, qual a relação entre esses fatos narrados por Vuillard, a situação no Brasil e o "ovo da serpente", aqui trazidos à luz – por analogia ao título de um de seus filmes –, em razão dos cem anos do nascimento de Ingmar Bergman? O que há em comum nas duas "epopeias"? Justamente o discurso, ou melhor, a sua estrutura. Há um encadeamento de fatos e atos que culminaram num acirramento de discurso que elegem determinados significantes para serem "trabalhados", isto, independente de ser pelos meios tradicionais ou atualmente pelas redes sociais. O poder dessa estrutura avança em todos os terrenos.

Não se pode ter segurança quanto aos fatos e argumentos a serem apresentados, em razão de uma profusão de dados e informações difusos, nebulosos, sem origem definida e na maioria das vezes, sem autoria. Isso no primeiro momento, pois parece haver uma "produção" deliberada de informações como fatos, acontecimentos. É como se certo relativismo tomasse conta de tudo e tudo passasse a ser possível. Fala-se de notícias falsas – as chamadas *fake news* – como se isso fosse um movimento "natural" e não algo provocado deliberadamente. Desde a noite dos tempos, a mentira é uma prática que sempre esteve na "ordem do dia", mas na atualidade ela se alastra como peste.

A esse respeito, as palavras de Vuillard conseguem espelhar certa atemporalidade, pois ao se dirigir aos momentos vividos antes do colapso da Segunda Grande Guerra, ele resume: "domina um respeito misterioso pela mentira, as manobras derrubam os factos" (Vuillard, 2018, p. 126). E agora? Difícil cada vez mais distinguir o verdadeiro e o falso e "quando se soerguem os horríveis andrajos da História, é isso que se encontra: a hierarquia contra a igualdade e a ordem contra a liberdade" (Idem, p. 121). A ordem tirânica, diga-se, a onipotência de uma linha de pensamento que tem o poder de catarse social, que reflete toda a estrutura de violência contra o outro – um próximo que pensa diferente.

Talvez seja o caso de nos atermos a certas "verdades encapsuladas" e atentarmos para o que deteriora as condições para o exercício da política, pois ovos são chocados em razão da vulnerabilidade dessas condições, lembrando que uma crise política se resolve com política. Portanto, é o caso de resgatar as condições políticas ou as condições do próprio discurso a partir da aceitação do diferente. Para isso, é preciso refletir sobre os acontecimentos que engendram essa "ordem do dia", essa agenda degradante da política, do fechamento da possibilidade de convívio em comunidade ou quando o outro se torna cada vez mais insuportável. Os sujeitos, ao escolherem não se responsabilizar por seus movimentos de massa, constituindo-se massa homogênea pautada na irreflexão, no irracionalismo, no leva-e-trás da pulsão, escolhe justamente ser apenas um sujeito acéfalo, ou melhor, um objeto de gozo. Todavia, quando cada um se deixa levar, como se uma força autônoma o fizesse agir, deixando-se levar como espectro de gozo, isso, conforme Freud já alertou, tem caráter mortífero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Elias, N. (1997). Os alemães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Freud, S. (2007). Psicología de las masas y análisis del yo. In Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu.

Lacan, J. (2008). A lógica do fantasma. Recife: CEF, 2008. (Edição sem fins comerciais).

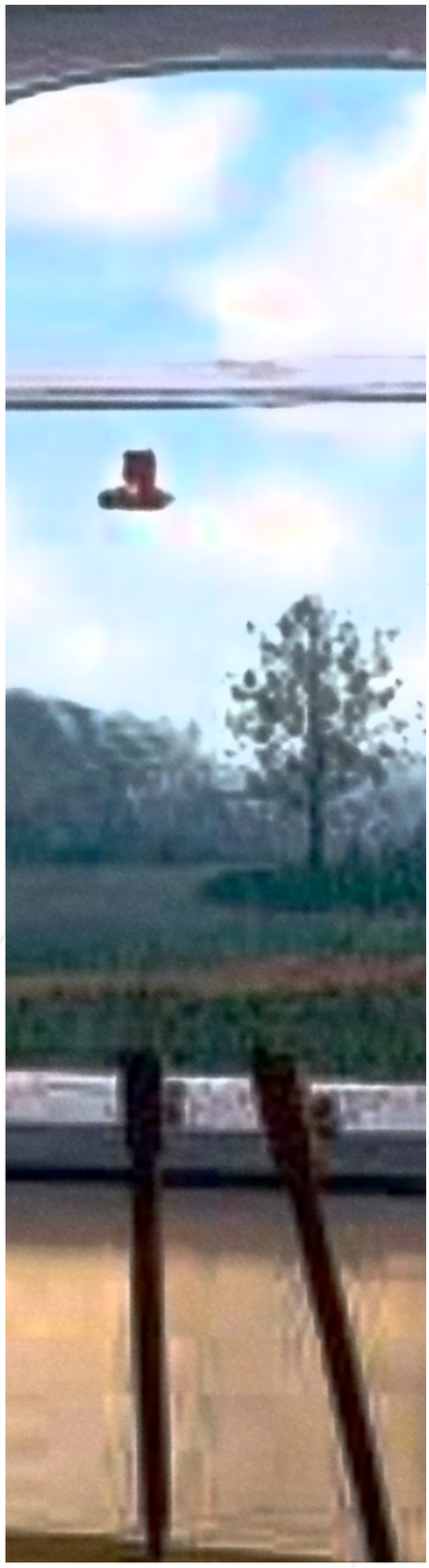
Vuillard, É. (2018). A ordem do dia. Alfragide: Dom Quixote.

topos

REVISTA TOPOS, V. 15, ANO 2018

CIENCIA ◊ IDEOLOGIA
UNA CUESTIÓN LÓGICO-FANTASMÁTICA

Denise Carvalho Barbosa [1]



Resumen: El presente artículo tiene por objetivo buscar subsidios teóricos que subrayan la problemática acerca de la disyunción, tan aspirada por los ideales científicos positivistas, y, a la vez, tan rechazada por aquellos que apuestan en una especie otra de conjunción y ponen de relieve la imposibilidad de una ruptura epistemológica entre ciencia e ideología. Sin embargo, la razón que nos mueve a nosotros a hacer dicho recorrido es intentar, al final, esbozar una formalización haciendo una analogía, a través de la fórmula lacaniana del fantasma ($ ◊ a), con lo que se entiende por una relación dialéctica que involucra los términos ciencia-ideología, defendida por Ricoeur (2010), en su artículo "Ciencia e Ideología".

Palabras clave: Ciencia. Ideología. Formula del Fantasma.

Abstract: This article aims to find theoretical subsidies which underline the question about the disjunction, so proclaimed by the positivist scientific ideals, and, at the same time, so rejected by those who bet on a another species of conjunction and highlight the impossibility of an epistemological rupture between science and ideology. However, the reason that moves us to make that journey is, ultimately, trying to sketch a formalization by making an analogy, through Lacanian formula of Fantasy ($ ◊ a), with what is understood by a dialectical relationship that involves both terms science-ideology, defended by Ricoeur (2010), in his article "Science and ideology".

[1] Psicanalista. Membro inscrito do Espaço Moebius Psicanálise.

Keywords: Science. Ideology. Formula of Fantasy.

INTRODUCCIÓN

El título "Ciencia ◊ Ideología - una cuestión lógico-fantasmática", más allá de la querella que el propio tema suscita, hace referencia y trae como eje de estudio el artículo de Paul Ricoeur (2010) titulado "Ciencia e ideología", y recibe toda inspiración en la escrita lógica del fantasma fundamental representada por el matema ($ ◊ a), propuesto por Lacan, a través del que intentaremos hacer una analogía y esbozar una formalización en términos psicoanalíticos de lo que se concibe por una relación dialéctica entre ciencia e ideología, propuesta por Ricouer, poniendo de relieve la imposibilidad lógica de la disyunción ciencia-ideología, pero teniendo que llevárselas en cuenta en términos de oposición. Aclaramos, de antemano, teniendo en cuenta la complejidad del tema que requiere profundizar, nuestro propósito primero de nos ubicarnos como un principiante entusiasmado y, por la razón misma, sólo pudiendo abordarlo de manera tangencial, por lo tanto, sin pretensiones a agotarlo. Necesario también aclarar, por razones éticas, que lo hacemos bajo una perspectiva ideológica, lo que no es sin consecuencias, y que la opción misma de hacerlo desde el psicoanálisis se incumbe de denunciarlo[2]. Tales cuestionamientos imprimen nuestro eje de trabajo y exigen un recorrido que, mismo no lo siendo exhaustivo,

[2] Lacan (1988) en el Seminário 7 - a ética da psicanálise "… a experiência da psicanálise é altamente significativa de um certo momento do homem que é aquele em que vivemos, sem poder sempre, e até pelo contrário, discernir o que significa a obra, a obra coletiva, na qual estamos mergulhados.." (pp. 9-10).

traiga luces a nuestro propósito, por lo tanto, dejemos hablar a los autores, pese a sus ideologías.

El término "ideología", originariamente atribuido a Destrutt de Tracy, fuera empleado en el sentido de "ciencia de las ideas" en su obra "Les éléments de l'idéologie (1801), según el sociólogo Karl Mannheim. Sin embargo, cube a Auguste Comte adoptar un sentido empirista oponiendo la teoría a la ideología, hecho también ocurrido con Marx y Engels, los cuales defenderían la neutralidad de la ciencia; esa, en sí misma, no sería una ideología. El ataque a la ideología sería, entonces, contra los filósofos tenidos como "idealistas" como Feuerbach, Stirner, Bauer y otros (Santos, 2004).

Esto puesto, testimoniamos un desplazamiento y, aquello que, en tanto ciencia de las ideas, inicialmente podría ser leído como - "ideología es ciencia" – recibe un golpe que les destituye a dichas ciencias de una identidad en tanto ciencia, llevando a la oposición entre "ideología y ciencia". Vemos que el cambio de los conectivos desde el de la identidad hasta el de la heterogeneidad puesta en juego por la intersección[3] que abarca, respectivamente, cada una de esas proposiciones, pone de relieve conjunciones y disyunciones que, si tomadas separadamente desde una perspectiva epistemológica diferente van a tejer consecuencias cuanto al estatuto mismo de todo lo que sea ciencia, además de generar discusiones acerca de lo que se concibe como "ideología". Sin embargo, será desde la intersección misma, entre ciencia-ideología que se podrá plantear cuestiones paradójicas importantes acerca de la legitimidad o no, de una verdadera ruptura epistemológica entre ciencia e ideología.

Desde nuestro punto de vista, Ricouer abordó y respondió de manera magistral a las cuestiones conceptuales y epistemológicas en las que el tema se involucra. Su discusión en el artículo "ciencia e ideología", él la hace, inicialmente, solidarizándose con el pensamiento aristotélico, refiriéndose al prólogo de la *Ética a Nicómaco*, en el cual Aristóteles se encarga de mencionar el alcance de la verdad en sus vicisitudes, y la consecuente pluralidad de niveles de cientificidad en función de la naturaleza misma de las cosas. Según Ricoeur, las disputas contemporáneas que involucran a la ideología advienen del repudio al argumento aristotélico sobre el carácter concebido como sumario y esquemático de la argumentación en las ciencias políticas, estas denominadas por los modernos como ciencias morales, humanas y ciencias sociales críticas, hasta desaguar en la crítica de las ideologías de la Escuela de Frankfurt. Sin embargo, nos advierte el autor, además de las discusiones contemporáneas que suscitan el binomio ciencia-ideología, lo que se pone de relieve y le hace interrogación al autor es la pretensión de decirlo desde el lugar de la ciencia que se juzga a sí misma como no ideológica, y cuyas implicaciones de tal posicionamiento que aquí nombramos de *posicionamiento aséptico*[4] , repercuten en la idea de disyunción, además de la interpretación misma de lo que sea ideología.

Podemos observar que, según el autor, lo que está en juego bajo tales cuestiones es el mencionado problema de la cientificidad; entendemos, siguiendo su pensamiento, que algunos actores intentan otorgar a las ciencias de la naturaleza un lugar privilegiado, desprovisto de impurezas, por considerárselas no ideológicas, entre otras razones, en detrimento de las ciencias políticas (ciencias del hombre), estas últimas contaminadas por ideologías que les serían inherentes. Por otro lado, el autor adviene con la pregunta sobre el estatuto epistemológico del discurso sobre la ideología, al mismo tiempo en que intenta defender la imposibilidad de un discurso no ideológico que pueda hablar científicamente de la ideología.

En ese intuito, partiendo de la premisa de que no hay discurso que no el ideológico, y sin que las ubiquen en el mismo plano, el autor apunta a la ciencia positivista como la única que podría hacer oposición a la ideología, dándole a esta un significado neto y tajante. La ciencia social, en el que concierne a las teorías totalizantes, no satisface al criterio positivo de cientificidad, no pudiendo, así, hacerle oposición; cuanto a la teoría social global, aunque impregnada, parcialmente, de una concepción positivista y en tanto le denuncie a la ideología, lo mismo se le ocurre, no pudiendo hacer una ruptura con aquella, debido a su debilidad epistemológica cuanto a los criterios de cientificidad regidos por aquello modelo: la imposibilidad, simultánea, de una explicación satisfactoria de los fenómenos que resista a los criterios de tentativas de falsación[5]. Sin embargo, subraya el autor, esta ultima en el intento de sanar su debilidad epistemológica con el fortalecimiento del poder explicativo, hace del mismo su propia armadilla, puesto que el discurso explicativo no lo es en sí mismo una operación de cientificidad. Además de eso, al argumentar que la ideología es un discurso que ignora sus propias motivaciones reales, lo que está implícito es la idea de la posibilidad de un discurso reducido de subjetividad; añadiese a esto el fortalecimiento del aparato formal como una manera de robustecer el criterio explicativo as expensas del criterio verificacionista. Tales condiciones, subraya el autor, - no sin antes apuntar las diversas trampas a que llevan tal posicionamiento - demuestran cuán lejos se encuentra la teoría social global de detentar un poder que la autorice a oponerse, de manera radical, a las posiciones que ella misma se presta a denunciar.

Sin embargo, en el intento de buscar criterios de cientificidad para la teoría social diferentes de la capacidad explicativa unida a proba de falsación requeridas por los ideales positivistas, el autor apunta un hecho importante a considerar: abandonar a los criterios positivistas implica abandonar la concepción puramente disyuntiva de las relaciones ciencia-ideología; al mismo tiempo, no se puede abandonar el modelo positivista de la ciencia para dar sentido aceptable a idea de la teoría social sin perder el nexo

[3] Conjunción -disyunción presentada gramaticalmente por la preposición "e" (conjunción aditiva y adversativa) y, en términos de la lógica simbólica (V, V).

[4] Pretensamente desprovisto de "contaminaciones ideológicas".

[5] "Esta es la razón fundamental por la cual la teoría social no puede enteramente desprenderse de la condición ideológica: no puede efectuar la reflexión total ni llegar a un punto de vista capaz de expresar la totalidad que la sustraería de la mediación ideológica a la cual están sometidos los demás miembros del grupo social". (Ricoeur, 297-298).

que posibilitaría la ruptura epistemológica entre ciencia e ideología; entonces, quédale la pregunta: ¿una vez superados los criterios positivistas de la teoría social y a la vez, abandonada la concepción puramente disyuntiva, qué nueva relación se desvela entre ciencia e ideología que le garantice a ella sostener el estatuto de cientificidad ? Sin embargo, siguiendo todavía con el autor, si al término "ciencia" en su relación con la ideología se le agrega la acepción critica en el sentido de los hegelianos de izquierda[6] , "¿puede la teoría social crítica acceder a un estatuto enteramente no ideológico, según sus propios criterios de la ideología?" (Ricoeur, 2010, p. 293).

Ricouer subraya algunas dificultades en contra a esta perspectiva de la teoría social crítica, en tanto ciencia combativa, sustraerse de la mediación ideológica, ya que, al denunciar fenómenos casi patológicos en su adversario puede resultar en el riesgo de que, ella propia se transforme en ideologización, en un dogma, como el ejemplo de la ciencia critica marxista, se esta no se disocia enteramente del ejercicio de un poder, de una autoridad y de los juicios de ortodoxia. La segunda dificultad, subraya el autor, dice respecto "a los obstáculos que se oponen a la explicación de la formación de las ideologías en términos no ideológicos" (p. 294), puesto que

> Si es cierto que las imágenes que se da de sí mismo un grupo social son interpretaciones que pertenecen inmediatamente a la constitución del vínculo social, dicho de otra manera, si el vínculo social es en sí mismo simbólico, es absolutamente vano intentar derivar las imágenes de algo anterior que sería lo real… Un discurso no ideológico sobre la ideología tropieza aquí con la imposibilidad de alcanzar un real social anterior a la simbolización (Ricouer,2010, p. 295

La tercera y más fundamental dificultad reside en el hecho de la teoría social no poder ejercer una crítica absolutamente radical, neutra, resultante de una reflexión total que podría sustraerla de la condición ideológica. Tal aserción lleva al autor a concluir que la separación entre ciencia e ideología incide en el límite de un trabajo interno de delimitación y que no disponemos todavía de "una noción no ideológica de la génesis de la ideología" (p. 296).

Siguiendo tal razonamiento, Ricouer postula que, tanto la ciencia cuanto la ideología deben cuestionarse simultáneamente, y añade que "La naturaleza de relación entre ciencia e ideología depende tanto del sentido que se le pueda dar a la noción de ciencia en las materias prácticas y políticas, cuanto del sentido que se le dé a la ideología misma" (p. 281). Alega el autor, que esto es lo que podrá garantizar una protección frente a las múltiples trampas que el tema ciencia-ideología suscita. Subraya él, todavía, que el papel de mistificador y falsa consciencia atribuidos a la ideología en detrimento de su función mediadora parte de una ciencia que se define por su estatuto no ideológico. Sin embargo, en sus incursiones el autor nos advierte a nosotros que esto vale tanto para dichas ciencias como para una ideología crítica que se pretenda no ideológica.

Con el intuito de elucidar y buscar subsidios para su razonamiento, veremos al autor abarcar las tres maneras de concebir a la ideología, las cuales están estrechamente vinculadas a las funciones que estas cumplen como dimensiones del imaginario social, a saber, función de disimulación, a través de representaciones falsas o imágenes invertidas– la vida real de los hombres; en su función de distorsión, la cual supone en sí misma una función más profunda y más primitiva, que la precede y de la cual es derivada: la función integradora de la ideología. Él abarca, por lo tanto, los aspectos imaginario y simbólico, más precisamente, la función de la ideología integradora para extraer su aspecto positivo y aliarlo a los distintos niveles de cientificidad; así es que veremos a Ricoeur ubicar en primera instancia, a la función de la ideología, en tanto se la considere un fenómeno más amplio, el de la integración social, más allá de la dominación y de la justificación; siguiendo al autor, el hecho de la realidad social constituirse por lo simbólico, esta sólo se aprehende bajo una interpretación en imágenes y representaciones del propio vínculo social; según él, los fenómenos de disimulo y distorsión, tenidos como aspectos negativos de la ideología encuentran sus derivaciones

a partir de ese punto de ancoraje que incide en el fenómeno de distorsión mismo[7].

Vemos, entonces, a Ricouer reservar un lugar privilegiado a la ideología en su aspecto estructural y operatorio en cuanto un "fenómeno insuperable de la existencia social" (p. 289). Esto puesto, no antes de haber trillado una longa explanación acerca de las trampas involucradas en el tema, y partiendo del presupuesto que no hay lugar que no sea ideológico, el autor va a intentar responder a la cuestión - "Si no hay ciencia capaz de sustraerse a la condición ideológica del saber práctico ¿hay que renunciar lisa y llenamente a la oposición entre ciencia e ideología? (p. 281).

Así es que, ante al fracaso del proyecto de la reflexión total o el saber total de las diferencias ideológicas, Ricouer propone el discurso de la hermenéutica de la comprensión histórica para dar sentido aceptable a la pareja ciencia-ideología trayéndonos algunas propuestas: la primera basase en el hecho de que el saber objetivante que pueda dar cuenta de la posición del sujeto social en una clase, en una tradición

[6] El autor se refiere a la modificación hecha por los hegelianos del término kantiano de crítica, "una crítica verdaderamente critica". (Ricoeur, 2010, p. 293).

[7] Según FUENTES MARTÍNEZ (2007) el objetivo de Ricoeur visa demostrar, hasta las últimas implicancias, la función de distorsión; queda supuesto una función más profunda y amplia oculta tras el fenómeno mismo de distorsión, una función más elemental del imaginario social, una estructura sobre la cual se ejerce la deformación.

cultural, no se lo recupera enteramente por el bies del pensamiento. Pertenecemos a una historia y, "al asumir tal pertenencia que nos antecede y nos conduce, asumimos el papel primero de la ideología [...] descripto como función mediadora de la imagen, de la representación de uno mismo; función integradora a través de la cual participamos también en las otras funciones de la ideología, funciones de justificación y de distorsión. Por lo tanto, la imposibilidad de una reflexión total, concluye el autor, es lo que justifica, por excelencia, la instancia de la naturaleza no crítica de la ideología, puesto que [...] "Es imposible que una toma de consciencia se efectúe de otra manera que a través de un código ideológico". El estatuto no reflexivo y no transparente de la ideología hace cumplir su primera función que es "prolongar las repercusiones del acto fundador" (p.285), a través del cual se podrá tener una visión de conjunto del grupo, de la historia y del mundo.

La segunda propuesta, la cual adviene de la primera, incide en el hecho de que, "si el saber objetivante es siempre segundo respecto de la relación de pertenencia, puede sin embargo constituirse en una *relativa autonomía...* el momento crítico que lo constituye es fundamentalmente posible en virtud del factor de distanciamiento que pertenece a la relación de historicidad " (pp. 302-303). Dicho esto, el autor propone como condición de posibilidad de una crítica de las ideologías, el *distanciamiento,* dialécticamente opuesto a la pertenencia, desde que dentro de la hermenéutica. (Grifo del autor).

La tercera propuesta lleva en cuenta el hecho de que, una vez considerada una relativa autonomía del saber de la crítica de las ideologías, este sólo puede advenir en su aspecto parcial, fragmentario, puesto que "su no completitud está fundamentada hermenéuticamente en la condición original e insuperable que hace que el distanciamiento mismo sea un momento de la pertenencia" (Ricoeur, 2010, p.304). Agregase a eso, lo que el autor encuentra en la tesis de Habermas: tanto el saber como la teoría crítica de las ideologías se sostienen en el interés por la emancipación, es decir, "una comunicación sin límites y sin trabas", sin embargo, y esta es la tercera propuesta, "la crítica de las ideologías sostenida por un interés específico, no rompe nunca sus lazos con el fondo de pertenencia que la sustenta" (p. 304). Tal aserción va al encuentro de la afirmación de la imposibilidad de una ruptura que promueva, a nivel del saber, un corte epistemológico preciso, alude el autor.

La cuarta propuesta, esta de carácter deontológico, hace hincapié al *buen uso* de la crítica de las ideologías. Esta debe ser, por principio, una tarea sabidamente inacabada y en constante recomienzo, puesto que "El saber, siempre está a punto de liberarse de la ideología, pero la ideología siempre sigue siendo la clave, el código de interpretación, por el cual no somos un intelectual sin amarras y sin lazos, sino que permanecemos sostenidos por lo que Hegel llamaba la sustancia ética, la Sittlichkeit" (Ricoeur, 2010, p. 305).

ALGUNOS PRESUPUESTOS PSICOANALÍTICOS

Si, por un lado, ideología no lo sea un término psicoanalítico, la noción de sujeto le es central. La conjunción entre los dos conceptos ciencia-ideología la encontramos en Althusser, para el cual, la ideología es "indisoluble del sujeto en un proceso de constitución mutua" (Apud Ferreira, 2005, p. 70)[8].

Dicha correlación también ha sido formulada por Pêcheux (1978), para el cual "El orden del inconsciente no coincide con el de la ideología... pero eso no significa que la ideología deba ser pensada sin referencia al registro del inconsciente"[9] (p. 301, apud Ferreira, 2005)[10].

Ferreira (2005) pone de relieve lo que Pêcheux sigue firme en su convicción al respecto del modo constitutivo y paradoxal que une estos distintos conceptos, lo que lleva la autora a hacer una analogía con el nudo borromeo propuesto por Lacan que lo utilizó para representar la intersección de los registros Real, Simbólico e Imaginario. El nudo, ahora a servicio de la autora supra citada, le sirve para demostrar que el sujeto del discurso es afectado por el lenguaje, la ideología y el inconsciente. La autora, basada en los presupuestos psicoanalíticos, sostiene, entonces, que

> Ao ser constituído pela linguagem, o sujeito encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito como efeito de linguagem. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como assujeitado. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra desejante (p.72-73). (Grifo de la autora).

Partimos, entonces, del presupuesto psicoanalítico de la idea del inconsciente estructurado como un lenguaje [11], no obstante, lo que acá proponemos hace referencia a la escritura del fantasma fundamental ($ ◊ a)[12], solidario al aforismo lacaniano[13], lo cual constituye el momento fundante e inaugural del sujeto del inconsciente. Este es el punto donde partiremos para esbozar la analogía con esta escritura propuesta por Lacan; pero, entendemos, hemos que hacer una digresión que nos permita a nosotros, además de descomponer y aclarar los elementos constituyentes de la fórmula lacaniana del fantasma - una vez que se encuentran implicados aspectos del lenguaje gramatical y lógico-matemático - presentar, de una manera sucinta, una conceptualización del fantasma en términos psicoanalíticos.

El fantasma en la obra de Lacan debe ser entendido en su referencia a los tres registros Real, Simbólico e Imaginario (RSI). Para el psicoanálisis, el fantasma fundamental no reclama interpretación; en cuanto pura significación de la verdad de la castración,

[8] Traducción libre de la autora
[9] Traducción libre de la autora.
[10] Traducción libre de la autora

[11] "si el psicoanálisis debe constituirse como ciencia del inconsciente, conviene partir de que el inconsciente es estructurado como un lenguaje" (Lacan, 1964, p. 193).

[12] Léase sujeto dividido punción (corte) de (a). "En el seminario X "El objeto (a) tiene un doble estatuto. Por un lado es resto en la primera división, y, por otro, causa la división del sujeto (la segunda vez que la división se realizada) alcanzando la escritura del fantasma" (Faig, 2012, p. 14).

[13]"… el seminario XIV…El fantasma – según Lacan dice allí – se relaciona directamente con la constitución del inconsciente como un lenguaje" (Faig, 2012, p. 17).

no es interpretable, ya que lo que hace es fracasar la interpretación manifestando su relación con lo real. El fantasma es, en sí mismo, instrumento de interpretación; el deseo, efecto de la castración, será interpretado subjetivamente desde el fantasma. Es desde la ventana del fantasma que el sujeto, sin que lo sepa, interpreta el mundo que lo rodea (Serra, M., 2007, apud Barbosa, 2008)[14].

Tratase de un tiempo uno de la incidencia del lenguaje en el organismo, operación que le divide al sujeto y cuya división es condición misma de su existencia; dicha operación trae lo que hay de más paradoxal cuando se trate de la inscripción del sujeto hablante en su relación con el objeto: la oposición que les es inherente por su carácter heterogéneo[15] también apunta para la imposibilidad de apartar - hablando en términos aritméticos - $< a de $ > a, y, - en términos lógicos - $ Λ a de $ V a; estamos hablando de una necesidad estructural de una cópula entre los cuatro conectivos lógico-matemáticos (◊) como efecto de una operación y condición misma de la existencia del sujeto en tanto sometido al orden simbólico. Dicha formalización ($ ◊ a), producto de la operación del lenguaje implica, de manera simultánea, un proceso de enajenación-separación; demuestra que hay y no hay relación entre los dos términos, que hay conjunción y disyunción simultánea entre $ y a, lo que nos ha permitido leer la imposibilidad lógica de la existencia de un sujeto sin objeto y de un objeto sin sujeto, aunque para serlo (sujeto) hay que perderlo (objeto). Este es el precio que el sujeto hablante paga por la intromisión del lenguaje en el organismo, por su entrada en el universo simbólico. Algo de su ser escapa al simbólico quedando un resto, el objeto "a."

Esa condición paradoxal inherente a la constitución del sujeto demuestra que la falta fundadora, "Ella no se produce por sí misma, pero requiere el acto constituyente del sujeto para hacerse falta", dicho de otro modo "la falta es fundante del sujeto, pero, en contrapartida requiere el acto del sujeto para fundarse como falta"[16] (Elia, 2004, p. 48, Apud Ferreira, 2005, p. 71).

CIENCIA, IDEOLOGÍA Y FANTASMA

Después de este breve recorrido creemos, entonces, estarnos instrumentalizados para formalizar la discusión propuesta por Ricoeur, la cual ha girado en torno a las siguientes cuestiones: ¿es posible hablar desde el lugar que no el del ideológico? Se no lo es posible, de hecho, una ruptura epistemológica entre ciencia – ideología, ¿Cómo concebir, al mismo tiempo, una imposibilidad de disyunción y le salvar la oposición? Ricouer propone la oposición ciencia - ideología, aunque renuncie a formularla en los términos de una alternativa y una disyunción[17] . En conformidad con la afirmación del autor "... sólo la búsqueda de una relación íntima y dialéctica entre ciencia e ideología me parece compatible con el grado de verdad, al cual, nos decía Aristóteles, podemos aspirar en las cosas prácticas y políticas" (pp. 281-282).

Aunque "ideología" no sea un concepto psicoanalítico, vamos a tomarla en cuanto un fenómeno insuperable de la existencia social, en conformidad con Ricoeur, por lo tanto, poniendo de relieve su indisoluble vínculo con el sujeto en el proceso de constitución mutua, según Pêcheux. Entendemos con ellos, la imposibilidad de una ideología sin sujeto, de la misma forma que de un sujeto sin ideología.

Dicho esto y después de haber presentado algunos presupuestos psicoanalíticos que puedan subsidiar a nuestro intento de esbozar una formalización del que denominamos el problema planteado por la conjunción-disyunción, vamos a proponer una analogía a la escrita lógica del fantasma fundamental, $ ◊ a.

El sujeto de la ciencia, en tanto sujeto social sometido al orden simbólico y al discurso ideológico, sufrirá su división y se hará representarse desde un lugar ideológico. Esto puesto, podemos ver la exacta medida de la complejidad del intento de responder desde el lugar no ideológico a la cuestión inicialmente formulada, por lo que proponemos la escritura del que ahora denominamos *"fantasma social"*, como sigue: $ ◊ a, ya sea, el sujeto social (sujeto de la ciencia) atravesado, dividido por el discurso ideológico, suporte de su identificación[18] - , sufre las determinaciones de ese discurso, sin que lo sepa. Hay algo que le escapa a él en ese proceso de constitución mutua. Esto es lo que leemos en Ricoeur, cuando él se refiere al acto fundador y a la función mediadora de la ideología, al decir que, aun cuando el fenómeno se incline a la patología, a la simulación, a la distorsión, este conserva algo de su función inicial, puesto que es imposible a una toma de consciencia efectuarse sin el código ideológico.

Algo análogo ocurre respecto al fantasma cuando decimos que, a pesar de la multiplicidad de fantasías que uno venga a presentar, su origen adviene de esta estructura única , exclusiva y no interpretable: el fantasma fundamental. Entendemos así, siguiendo los puntos de vista de Ricoeur, la ideología, como siendo, ella propia, un instrumento de interpretación, el lugar desde donde se interpreta – lo que torna inevitable esa analogía, mismo que superficial, con la fórmula lacaniana del fantasma fundamental.

Esto puesto, tenemos: aunque considérese a las ciencias en general bajo una perspectiva ideológica,

[14] El concepto lacaniano de fantasma se funda en torno a la relación entre las fantasías primordiales y la castración. El fantasma es el recurso, un "script" inconsciente al cual el sujeto recurre al ser confrontado con la verdad de la castración. Es en la relación entre verdad, saber y gozo que Lacan (1981) se reportará a un saber inconsciente determinado por el significante reprimido, lo cual se remite a un tiempo "uno", cuya formación coincide con el momento inaugural del sujeto, de su encuentro con el lenguaje, allí donde se encuentra el saber de si como sujeto pulsional, determinado por el goce.

[15] "Lacan, en cambio, inventó la escritura del fantasma, que reúne en sí dos elementos idénticos…., pero heterogéneos en el plan de sus lugares. Luego, el fantasma reunifica dos elementos heterogéneos. […] La identificación, en tanto unificación, no opera sino en el producto –(a) por (a). Como se sabe, no se trata de la presencia ni la ausencia de (a), sino de la conjunción, del corte. Es allí que se aloja el sujeto y se produce la identificación al objeto del deseo" (Faig, 2012, p. 10).

[16] Traducción libre de la autora.

17 Entendemos que el autor se refiera, en términos lógicos, a la disyunción exclusiva.

[18] Identificación, no al objeto en sí, pero al objeto fantasmático.

lo que les da a ellas un trazo común, una identidad parcial, la cual puede ser representada por la conjunción ciencia ʌ ideología[19], lo que entendemos con Ricoeur implica una heterogeneidad que posibilita oponerlas, ubicarlas a cada una de un lado, pudiendo, entonces, añadirse la presentación disyuntiva (ciencia ◊ ideología). Así es que logramos formular la escritura ciencia ◊ ideología. Dicho de otro modo, hay una oposición, pero no hay una disyunción[20]; si toda ciencia habla desde el lugar ideológico, ese aspecto topológico implica, de antemano que ciencia e ideología no son lo mismo; aunque comparten algo en común, son distintas, heterogéneas, pero, no disyuntas. Esto es lo que podemos concluir, juntamente con Ricoeur, si bien entendemos la expresión lógica abarcada por la intersección de los dos términos.

Inevitable recordar con Lacan (1973-49), citado por Yankelevich (2004, p. 251), que [...] "ninguna elaboración lógica, y eso a partir de antes de Sócrates y de otro lugar, que en nuestra tradición nunca procedió sino de un núcleo paradoxal" [...].

Aunque para no concluirlo, entendemos que pretender hablar desde un lugar no ideológico, involucra más que ideologías y pone en juego una instancia otra - ¿o lo es por azar que se empieza un texto, como lo hizo Ricoeur, con el prólogo de una Ética, de Aristóteles, y se lo concluye sosteniéndose en la llamada sustancia ética de Hegel¿

[19] "A pesar de las razones muy fuertes que influyen en ese sentido, trataré de salvar la oposición, pero renunciando a formularla en los términos de una alternativa y una disyunción" (Ricoeur, p. 281). Sin embargo, hemos considerado que, desde el punto de vista del lenguaje gramatical, hablamos de conjunciones coordinativas, las cuales pueden ser aditivas (e, ni, mas, también); adversativas (oposición, contraste – pero, sin embargo) y las alternativas o exclusivas (o, o); Entendemos tales conjunciones – desde el punto de vista gramatical - aditivas y adversativas como un buen ejemplo de lo que más se aproxima de la cópula conjunción- disyunción (◊) que proponemos acá, desde el punto de vista lógico-matemático y que nos parece estar en acuerdo con el autor, lo cual rechaza la disyunción en términos de alternativa o exclusión. Además de eso, consideramos los conectivos matemáticos (< >) que traducimos como contiene y está contenido.

[20] Disyunción exclusiva en el sentido gramatical. Identificamos acá conjunciones (aditivas y adversativas) que, lo siendo simultaneas, pueden también ser representadas por la conjunción de los dos conectivos lógicos, como sigue: (◊)

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, D.C. Psicoanálisis y sujeto: de la psicopatología a la constitución de la subjetividad. Monografía presentada al programa de Pós-graduación de la Universidad de León, como conclusión del Máster: Salud Mental – Psicoanálisis: Clínica del Sujeto y del Vínculo Social. 2008.

Elia, L. O conceito de sujeito. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. (Coleção de Psicanálise passo-a-passo).

Faig, C. La escritura del fantasma. Buenos Aires: Espacio Clínico Buenos Aires, 2012.

Ferreira, M. C. L (2005). Linguagem, Ideologia e Psicanálise. In: Estudos de Lingua(gem). Vitória da Conquista. Nº 1 p. 69-75. Junho 2005.

Fuentes Martinez, Claudia. Paul Ricouer: Crítica de las ideologías en clave hermenétucia. Alpha, Osorno, n. 25, dic. 2007. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo. php?script=sci_arttext&pid=S0718-22012007000200014&lng=es&nrm=iso>. accedido en 02 mayo 2015. http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22012007000200014.

Lacan, J. (1964). O Seminário. Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller – 2ª edição corrigida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

_____ (1981). El psicoanálisis y sus relaciones con La realidad. In Escritos. México: Siglo XXI (apud Serra, M. La génesis de los síntomas psíquicos). http://ule.cvuniversidad.org/modules/printmodule.jsp?idModule=51, acceso en 01/02/2007.

_____ (1988). O Seminário. Livro 7 - a ética da psicanálise. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Pêcheux, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni P. Orlandi ET al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. Anexo III, p. 293-307. Edição original: 1978.

Ricouer,P. (2010). Del texto a la acción. Ensayos de hermenéutica II. Argentina: Fondo de Cultura Económica

Santos Fº, G. M. Ciencia e Ideologia:: conflitos e alianças em torno da ideia de progresso. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciencias Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Livre-docente em História das Ciências, das Técnicas e do Trabalho: São Paulo, 2004.

Serra, M. La génesis de los síntomas psíquicos. http://ule.cvuniversidad.org/modules/printmodule.jsp?idModule=51, acceso en 01/02/2007.

Yankelevich, H. (2004). Do pai à letra. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Serão publicados na Revista Topos trabalhos de Psicanálise, que deverão ser inéditos, salvo exemplos de traduções ou textos cuja importância se faça necessária por avaliação da Comissão Editorial;

2. Poderão ser publicados trabalhos escritos pelos membros do Espaço Moebius Psicanálise, bem como trabalhos de convidados pela Comissão Editorial e de outros colaboradores interessados.

3. Serão aceitos trabalhos publicados em língua portuguesa ou espanhola. Ficará a cargo do autor a tradução para o português dos trabalhos enviados em outro idioma.

4. Poderão também ser publicadas Resenhas, Entrevistas e outros escritos que articulem a Psicanálise com outras áreas do conhecimento.

5. Os textos deverão seguir as normas técnicas da APA e alguns critérios aqui estabelecidos:

6. O autor deverá enviar o texto no seguinte padrão: máximo 10 páginas (incluindo referências bibliográficas), com no máximo 20 mil caracteres aproximadamente, incluídos os espaços; formato A4, documento tipo Word for Windows, fonte Times New Roman, tamanho 12;

7. Nome do autor ou autores, após o título; afiliação institucional, endereço de e-mail e créditos em nota de rodapé na primeira página;

8. Título em Português e em Inglês; Resumo em Português e em Inglês (de cinco a dez linhas); Palavras-chave em Português e em Inglês devem ser sugeridas pelo autor (em torno de seis); Quanto aos trabalhos em outros idiomas, também deverá constar o Título, Resumo e Palavras-chave no idioma do autor;

9. Relativo às resenhas e entrevistas sugerimos não ultrapassar o limite de 5 páginas, seguindo a mesma formatação descrita acima;

10. As citações deverão estar acompanhadas de sua fonte, com a(s) página(s) respectiva(s);

11. As notas de rodapé deverão ser numeradas consecutivamente no texto.

12. As palavras-chaves deverão ser separadas por ponto final. Exemplo: Psicanálise. Sintoma. Sexualidade infantil.

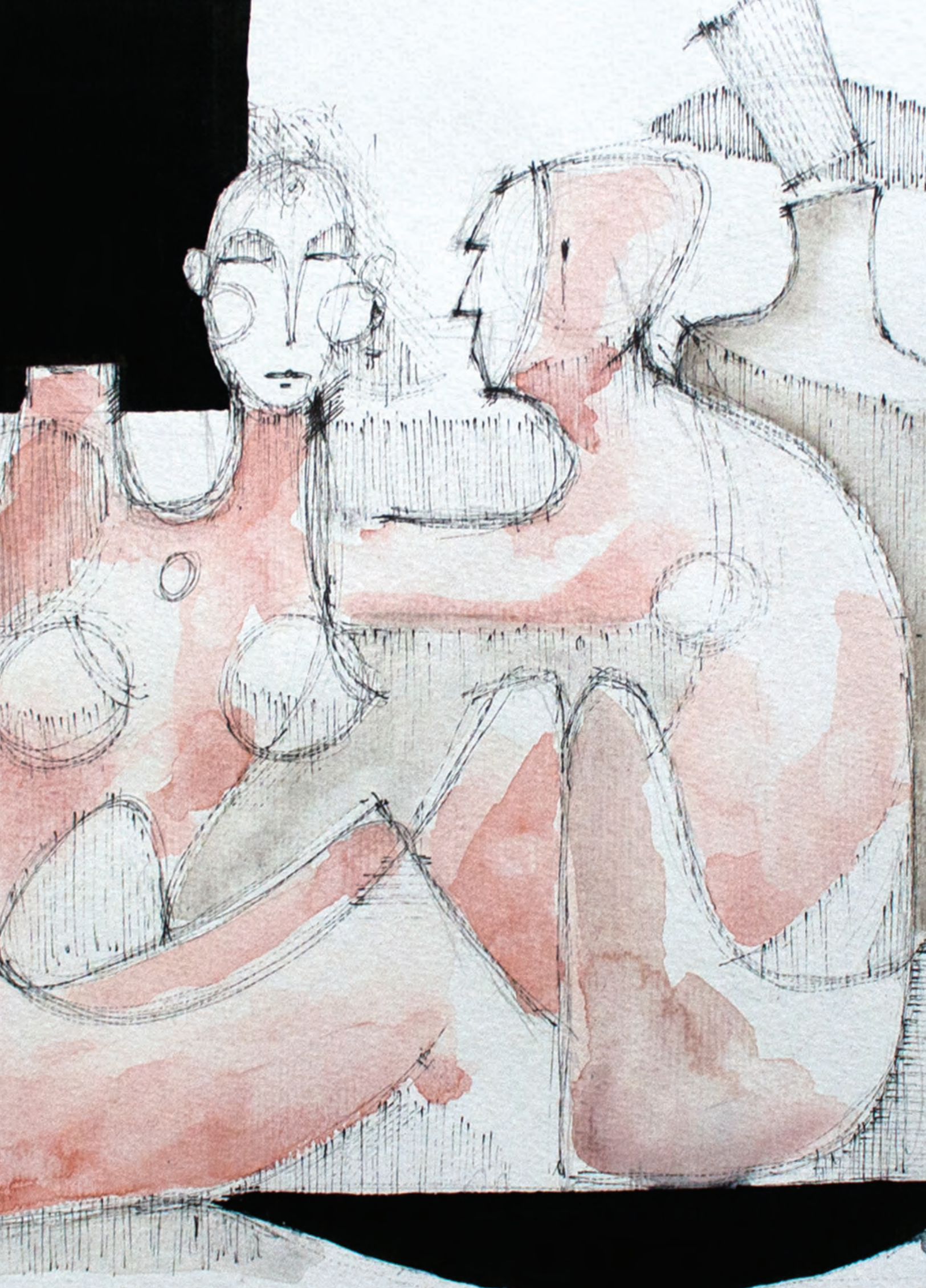
13. A seleção e revisão dos artigos ficará a cargo da Comissão Editorial, e os mesmos serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial da revista, o qual emitirá um parecer favorável ou não favorável à publicação, e poderá solicitar ou sugerir ao autor eventuais modificações no seu texto . A Comissão enviará por e-mail o parecer final ao autor acerca da publicação ou não do material recebido, reservando-se o direito de não publicar os trabalhos que não se enquadrem nas normas estabelecidas ou na linha editorial da revista.

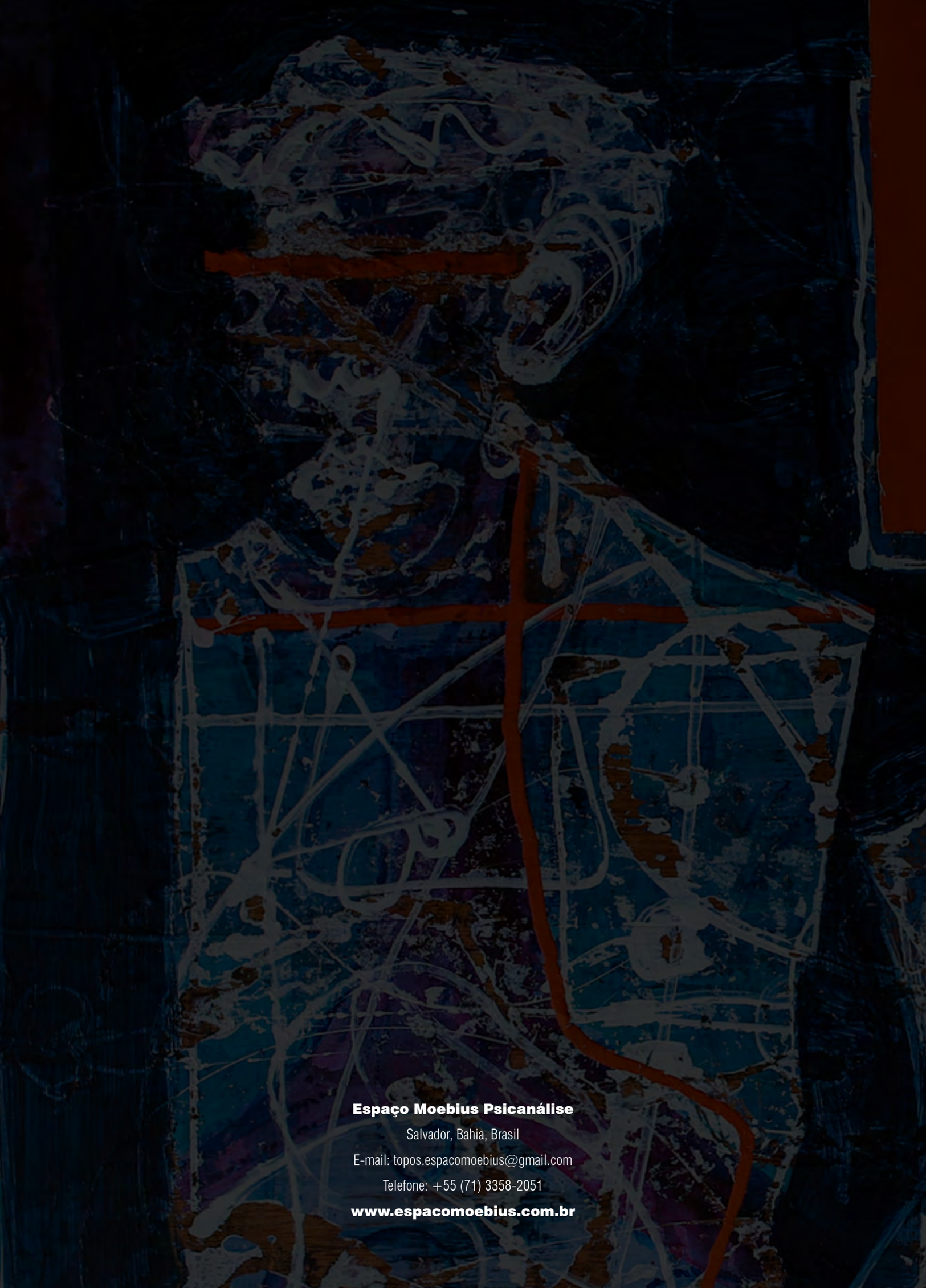
14. O período para recebimento dos artigos será divulgado a cada ano por meio do site do Espaço Moebius e outros meios de divulgação: e-mail, facebook etc.

15. Os artigos deverão ser encaminhados para e-mail topos.espacomoebius@gmail.com, aos cuidados da Comissão Editorial

16. As dúvidas e outras informações também deverão ser encaminhas para o e-mail da Revista. topos. espacomoebius@gmail.com

Espaço Moebius Psicanálise:
Av. Antônio Carlos Magalhães, nº 811, Sala 1304, Centro Empresarial Joventino Silva. Itaigara. Salvador. Bahia. Cep. 41825-000 (71) 3358-2051 https://www.espacomoebius.com.br/





Espaço Moebius Psicanálise

Salvador, Bahia, Brasil

E-mail: topos.espacomoebius@gmail.com

Telefone: +55 (71) 3358-2051

www.espacomoebius.com.br